



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

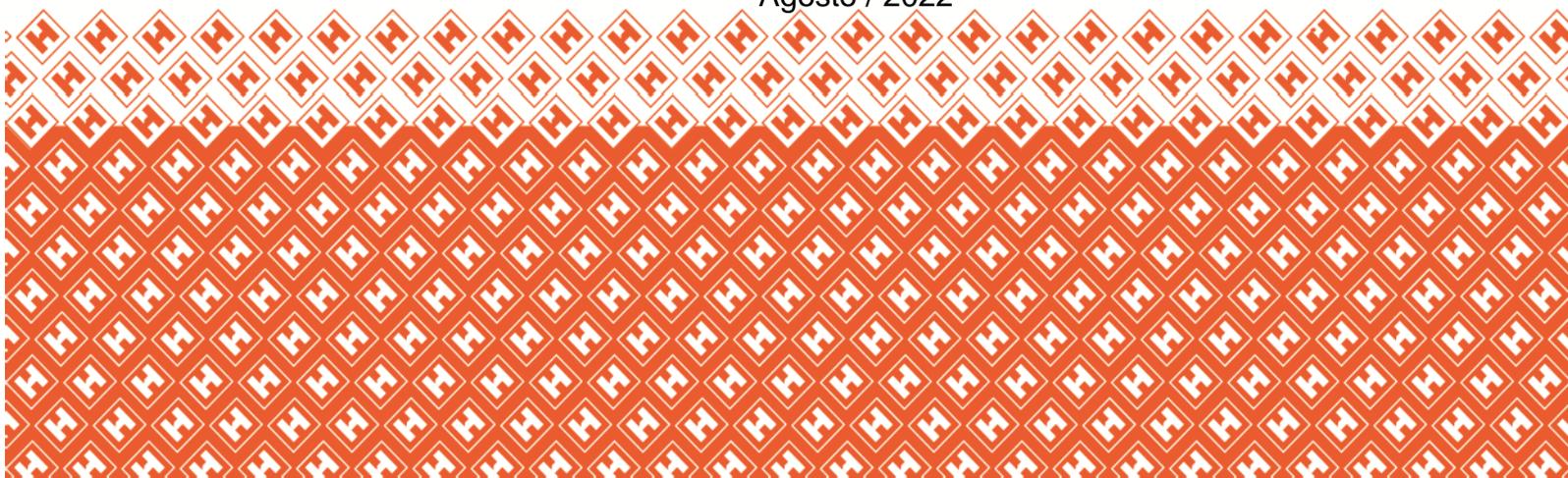
---

DULCIRENE VALENTE NETA

**Jacundá-PA, a cidade perdida:  
memórias emergidas 1984-2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA

Agosto / 2022



DULCIRENE VALENTE NETA

**JACUNDÁ -PA, A CIDADE PERDIDA: MEMÓRIAS EMERGIDAS (1984-2021)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof. Dr.<sup>a</sup> Anna Carolina de Abreu Coelho.

Xinguara/PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará**  
**Biblioteca Setorial Campus de Xinguara**

---

- V154j Valente Neta, Dulcirene  
Jacundá-PA, a cidade perdida: memórias emergidas 1984-2021 / Dulcirene Valente Neta. — 2022.  
141 f. : il. color.
- Orientador(a): Anna Carolina de Abreu Coelho.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História, Xinguara, 2022.
1. História - Estudo e ensino. 2. Memória. 3. Cidades e vilas. 4. Identidade. 5. Usinas Hidrelétricas - Tucuruí (PA). I. Coelho, Anna Carolina de Abreu, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 907.2098115

---

Elaborado por Maria José Pereira da Silva - CRB-2/1707

**DULCIRENE VALENTE NETA**

**JACUNDÁ- PA, A CIDADE PERDIDA: MEMÓRIAS EMERGIDAS (1984-2021)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Aprovada em 20 de setembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup> Anna Carolina de Abreu Coelho (UNIFESSPA-Orientadora)**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup> Vera Caixeta (UFNT)**

---

**Prof. Dr. Bruno Silva (UNIFESSPA)**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup> Karla Leandro Rascke (UNIFESSPA)**

XINGUARA/PA

2022

Dedico este trabalho *in memória* aos meus avós, papai Mário e mãe Duque; e aos três homens de minha vida, meu amado esposo Santão, meus filhos Felipe e Pedro Henrique; aos moradores da Antiga Jacundá e arraienses, pelo apoio e colaboração para realização da dissertação e, sobretudo, por ajudar a conquistar um sonho pessoal.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer para mim é reconhecer as dádivas recebidas durante a nossa vida, em especial nestes últimos dois anos em que estive no mestrado. Em todo tempo nunca estive só, pois mesmo nas horas de escrita solitária, leituras exaustivas e quando sobressaltada pela insegurança, tinha certeza de que havia amigos a torcer por mim, que existiam muitas pessoas a me apoiar. Duas amigas muito especiais que me ajudaram com as leituras e “pitacos”: Luciana Noleto, e Maria Claudiana. A primeira me cobrava até mesmo quando eu não mandava os textos para ela ler, e muitas vezes me “sequestrou” para eu revisitar a Jacundá boêmia, noites agradabilíssimas. A segunda, desde o começo, ouvia-me como psicóloga e foi leitora de meus primeiros artigos, projeto e dissertação, muitas idas a minha casa para dizer pessoalmente que eu iria conseguir. Hoje sou só gratidão. Emociono-me ainda em lembrar do dia em que fui aprovada a viver um dos momentos mais lindo e fantástico de minha vida, ser uma mestranda do Profhistória/UNIFESSPA.

Agradeço a Deus por sua infinita intervenção na minha vida, pela presença de sua energia, quando me sentia fraca emocionalmente e fisicamente. Aos espíritos de luz de meus colaboradores que sempre estiveram presentes, quando nos momentos de insegurança, chamava-os para me dar força e inspiração para contar a história de Velha Jacundá.

À minha família, às minhas tias, tios, primos, primas, sobrinhos, sobrinhas e irmãos que respeitaram o meu distanciamento, por saberem que aquele momento precisava de concentração para realizar o meu sonho, o nosso sonho, pois a cada conquista era uma explosão de felicidade e orgulho relatados no grupo de WhatsApp por meio de frases como: “você é o nosso orgulho”, “me inspiro em você”.

Aos meus dois pedaços de mim fora de meu corpo: Felipe e Pedro Henrique; além do Santão meu amado esposo, pela compreensão, paciência, amor e colo que me deram nos momentos angustiantes, sempre ao meu lado nessa caminhada.

A todo corpo docente e administrativo do Programa de Pós-graduação do Profhistória/Unifesspa-Xinguara, na pessoa do professor Bruno Silva por não medir esforço como coordenador do programa, para proporcionar momentos tão importantes de reflexões e encantamentos, por exemplo, o “sextou”. Gratidão por sempre me incentivarem e fazerem acreditar que tudo é possível! Aos professores, especialmente aqueles com quem pude aprender e que contribuíram para a minha formação, Dr. Carlo Monti, Daniel Justi, Bruno Silva e as professoras Dra. Valéria Melo, Karla Rascke e Anna Coelho.

Minha gratidão à professora Karla Rascke e professor Bruno Silva por fazerem parte da banca de qualificação e defesa. Agradeço por seus questionamentos, que foram de grande valia para o desenvolvimento desta pesquisa. Suas inquietações foram pertinentes, pois abriram novas expectativas e olhares. Agradeço pelas indicações de caminhos a serem percorridos, suas palavras me incentivaram para que pudesse terminar esse trabalho. Também agradeço a forma humana, sensata e tratável que conduziram as suas palavras, sem perder o rigor necessário para esse mundo acadêmico. Agradeço igualmente à Professora Dra. Vera Caixeta, por fazer parte dessa banca e disponibilizar o seu tempo com muito carinho e seus conhecimentos, nesse momento tão importante em minha vida intelectual e profissional.

Aos meus colegas de mestrado, que diminuíram as tensões durante essa jornada, sempre com palavras de apoio que fortaleceram minha trajetória acadêmica. Em vocês encontrei acolhimento, solidariedade e compartilhamento. Saio com lembranças inesquecíveis de nossas brincadeiras por trás da tela do computador, no grupo de WhatsApp. Mesmo sem nos conhecermos presencialmente, sinto que o vínculo que criamos será para sempre. Não me esquecerei das calorosas discussões dos textos. Demostramos, reciprocamente, nossas paixões, inquietações, virtudes e fraquezas.

Gratidão em especial à minha orientadora, Professora Dra. Anna Carolina de Abreu Coelho, pelo cuidado, carinho e incentivo a mim dispensado. Mesmo distante, não me sentia sozinha. Em cada e-mail recebido, mensagens de WhatsApp, reuniões via Meet, não vinham apenas cobranças ou correções, vinham também palavras afetuosas de encorajamento que me faziam me sentir capaz e voltar a acreditar. Os incentivos para publicações me deixavam radiante. Sempre atenta e humana, não mediu esforços para entender meus anseios e dificuldades (foram muitas) quando solicitada. Muito obrigada pelas correções necessárias sem nunca me desmotivar. És uma mulher de profundo conhecimento, ética e de muito respeito e profissionalismo. Minha gratidão vai além da academia. Obrigada pelas orientações e me fazer encontrar o “caminho para a cidade perdida”, e pelas gargalhadas despreocupadas. Sou privilegiada pela oportunidade que tive em conviver, mesmo que virtualmente com você. Levarei para sempre o aprendizado. Saiba que tenho por sua pessoa na conta de uma mana e grande amiga.

Obrigada a todos que me concederam as entrevistas, sem vocês seria impossível desenvolver essa pesquisa!

*“Se eu fechar os meus olhos, eu ainda consigo enxergar o lugar de cada casa, sentir os cheiros, o barulho da água batendo nos pedrais, ouvir o sino da Igreja” (Ozélia V. Lima).*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre a memória dos espaços e os “lugares de recordação” da cidade de Jacundá, antes e depois da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, abordando também as identidades que se desenvolvem especificamente em vila Arraias. Enquanto professores, sabemos o quão importante é a História na vida dos discentes ao pensarmos em como ela pode ser uma disciplina fundamentalmente importante edificante, formativa e libertadora. Dessa maneira, buscamos através dos sujeitos sociais remanejados de sua antiga cidade Jacundá, e os arraienses. Ressalto também que apresentar a temática cidade, identidade e memória em Jacundá é na perspectiva de que esta pesquisa possa contribuir para que os estudantes criem suas próprias narrativas e atuem de forma participativa e crítica, contribuindo para o desenvolvimento do saber. Nessa perspectiva, organizei uma coletânea de textos e documentos partindo das entrevistas concedidas para o trabalho que possa ser utilizada de forma livre e gratuita e também suscite discussões acerca dos temas espaço, tempo, memória, história e cidades.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Memória. Cidade. Identidade. Hidrelétrica de Tucuruí

## **ABSTRACT**

This research aims to reflect on the memory of spaces and “places of remembrance” in the city of Jacundá before and after the construction of the Tucuruí Hydroelectric Power Plant, also addressing the identities that develop specifically in Vila Arraias.

As teachers, we know how important History is in the lives of students when we think about how it can be a fundamentally important edifying, formative and liberating discipline. In this way, we search through the social subjects relocated from their old city jacundá, and the arraienses. I also emphasize that presenting the theme city, identity and memory in Jacundá and in the perspective that this research can help students create their own narratives and act in a participatory and critical way, contributing to the development of knowledge. In this perspective, we intend to organize a collection of texts and documents based on the interviews granted for the work that can be used freely and free of charge that can raise discussions about the themes of space, time, memory, history and cities.

**Keywords:** Teaching History. Memory. City. Identity. Tucuruí Hydroelectric Power Plant

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Vista parcial da rua principal que ficava à frente do rio	26
<b>Figura 2:</b> Remanejada Nercir com placa identificatória de propriedade, novembro de 1978	32
<b>Figura 3:</b> Curral da fazenda do seu José Marque, ano de 1977	42
<b>Figura 4:</b> Embarcações no Porto da Velha Jacundá, década de 1960	46
<b>Figura 5:</b> Chalana no Rio Tocantins chegando em Jacundá, 1978	47
<b>Figura 6:</b> Rosário Curadora de Garganta, 1990	55
<b>Figura 7:</b> Maneco – garimpeiro, castanheiro e rezador, 1983	57
<b>Figura 8:</b> Jovem casal no pedral do Porto da Consola, 1979	60
<b>Figura 9:</b> Desfile cívico da Escola Coronel João Pinheiro com a turma do Pequeno Príncipe, 1979	63
<b>Figura 10:</b> Escola Coronel João Pinheiro, ano 1974	64
<b>Figura 11:</b> Antiga Jacundá Procissão de N.S. do Perpétuo Socorro, 1977	69
<b>Figura 12:</b> Vista parcial da rua principal da Velha Jacundá	72
<b>Figura 13:</b> Mutirão de limpeza da parte central da rua da frente na semana que antecede o festejo, 1979	72
<b>Figura 14:</b> Parte central da rua da frente na antiga Jacundá, 1980	74
<b>Figura 15:</b> Trecho da estrada PA 150, à altura do ponto em que o Arraias vai sendo estruturado, 1979	81
<b>Figura 16 -</b> Área conhecida como “prainha”, ano provável 1988	100
<b>Figura 17 -</b> Jovens descendo o Rio Arraias, 1990	101
<b>Figura 18 -</b> Sala de projetor do cinema Cine Marrocos, 1981	103
<b>Figura 19 -</b> Caixa d’água da antiga Jacundá, 2019	110
<b>Figura 20 -</b> Caixa d’água no período seco, 1992	111

## **LISTA DE SIGLAS**

ALBRÁS – Alumínio Brasileiro SA

ALUNORTE - Alumina do Norte do Brasil SA

ALUMAR - Alumínio do Maranhão

CEBs - Comunidade Eclesiais de Base

DER - Departamento de Estrada e Rodagem

ELETROBRÁS - Centrais Elétricas Brasileiras S.A

ELETRONORTE - Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A

GETAT- Grupo Executivo do Araguaia e Tocantins

N.S.P.S - Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

MPB - Música Popular Brasileira PIN - Programa de Integração Nacional

UHT - Usina Hidrelétrica de Tucuruí

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1. JACUNDÁ: MEMÓRIAS DIVIDIDAS ENTRE O RIO E ESTRADA.....	23
1.1 Rememorando a cidade perdida .....	23
1.2 O Rio e seus encantos.....	43
1.3 Rio como local de diversão .....	44
1.4 O Rio e o Porto.....	45
1.5 O garimpo e o Garimpo Bar .....	48
1.6 Benzeção e a medicina popular .....	53
1.7 Maneco apagador de incêndios e contendor de hemorragias .....	56
1.8 Os pedrais.....	59
1.9 Trabalho: diversão e devoção.....	66
1.10 A saída obrigatória .....	73
2. VILA ARRAIAS: OS ARRAIENSES E OS EXPROPRIADOS .....	78
2.1 A chegada e o estranhamento.....	78
2.2 Arraias e o festejo dos remanejados.....	87
2.3 Jacundaenses e arraienses: um só povo?.....	92
2.4 Novos e velhos espaços de lazer (cinema, praças, rua, clubes, rios e igarapés).....	99
2.5 Memórias e embates.....	105
3. ABORDAGEM METODOLÓGICA: PRODUTO DIDÁTICO COMPILAÇÃO DE DOCUMENTOS GERADOS PELA HISTÓRIA ORAL.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	122
ACERVO DAS FOTOGRAFIAS CONSULTADAS.....	127
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – PROJETO DIDÁTICO.....	139
FONTES CONSULTADAS – ENTREVISTAS.....	140
APÊNDICE A – TEXTOS E DOCUMENTOS.....	141
APRESENTAÇÃO .....	4
1. MEMÓRIAS EMERGIDAS .....	6
1.1 Apresentando a cidade perdida – Velha Jacundá .....	6
1.2 O Encontro e desencanto: Eletronorte e Remanejados da beira do rio .....	6
1.3 A água chegou e a Velha Jacundá ficou perdida.....	8
1.4 A dor não era só dos adultos .....	8
1.5 Trabalho sazonais na Velha Jacundá.....	9

1.6 O transporte era os barcos, canoas: o rio era a estrada.....	10
1.7 Nem só de trabalho viviam na velha Jacundá: diversão e religiosidade .....	10
1.8 Na velha Jacundá não havia Hospitais e nem um médico.....	12
1.9 Os povos Indígenas os Gaviões, também moravam na velha Jacundá.....	13
2. A VILA ARRAIAS ANTES DE JACUNDÁ .....	14
2.1 Apresentando a Vila Arraias .....	14
2.2 A disputa de terras na Vila Arraias: grileiro x posseiros.....	15
3. A NOVA JACUNDÁ OS SANTOS DOS ARRAIENSES X REMANEJADOS: SÃO JOÃO BATISTA E NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO.....	16
3.1 A chegada dos remanejados no Arraias: agora seria imposta um novo nome – Jacundá.....	17
3.2 Jacundaenses e Arraienses: a nova Jacundá, a mesma cidade, culturas diferentes .....	18
3.2 Vários povos e uma Jacundá: Nova Jacundá, espaços de recordação e diversão.....	19
3.3 O espaço de diversão mais citado por todos os entrevistados sem exceção: Charles Club.....	19
3.4 O protagonismo juvenil: Escolas.....	20
3.5 Crianças na Velha Jacundá.....	21

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada é vinculada à linha de pesquisa *Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória*. Assim, as investigações sobre a produção e aprendizagem de História foram realizadas a respeito de lugares fora do ambiente escolar entre 2001- 2021. Dessa forma, a minha escolha pelo objeto de pesquisa consiste em apresentar uma perspectiva de temática e proposição de um produto voltado para o ensino de história, a partir de um olhar sobre a memória da cidade de Jacundá-PA, com objetivo de refletir sobre a memória dos espaços e os “lugares de recordação” da cidade antes e depois da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, abordando também as identidades que se desenvolvem especificamente na Vila Arraias. Para realização dessa pesquisa usei a metodologia de história oral, sendo as entrevistas a base da pesquisa. Consultei também um vasto acervo fotográfico, cedido gentilmente pelos meus colaboradores, e o acervo do Museu de História de Jacundá.

Inicialmente, eu pretendia entrevistar 10 pessoas, sendo cinco remanejados e cinco arraienses. Porém, no decorrer da pesquisa, a transcrição das entrevistas e anotações das possibilidades de enfoques que elas apresentaram foi se alinhando e gerando eixos temáticos que, de fato, originou os capítulos e subtítulos dessa dissertação. Entretanto, sempre que eu terminava uma entrevista, eu percebia que podia fazer mais, os meus colaboradores sempre indicavam o próximo que eu poderia entrevistar, algumas vezes até mediava o encontro entre mim e o entrevistado, até que o material tornou-se satisfatório para a elaboração de uma narrativa histórica sobre os lugares de memória da Velha e Nova Jacundá.

Contudo, devido o momento pandêmico que o mundo vivenciou, nos anos de 2020 a 2021, eu tive que buscar maneiras diversas para a realização das entrevistas. Por exemplo, usei a ferramenta do *Google Meet* algumas vezes, na expectativa de criar situações parecidas com a interação presencial. No total, pude usar essa ferramenta com 04 colaboradores. Através dela mesmo que de forma limitada, foi possível olhar nos olhos, criar algum vínculo, observar os movimentos do corpo, ver as lágrimas, expressões de raiva, alegria, dentre outros. Mesmo sendo pela tela de computador, foi possível fazer as observações que eu achei necessárias para imersão desse estudo, principalmente, para determinados temas que eu sabia que eram muito sensíveis.

Gostaria de ter usado mais essa ferramenta, mas nem sempre foi possível, com o desconhecimento de meus colaboradores sobre o uso dessa tecnologia, a falta de computadores, e por eles não terem internet disponível. Diante dessas dificuldades, busquei usar a rede social do *WhatsApp*, tendo em vista que era mais acessível. A partir dela, 17 entrevistas foram feitas. A metodologia usada seguiu um padrão pelo qual eu fazia as perguntas da seguinte forma: se

fosse para um remanejado da antiga Jacundá eu perguntava *como era viver na antiga Jacundá? Do que ele sentia mais saudade? Quais lugares da nova Jacundá trazem recordações do passado de Vila Arraias?* Já para os arraienses eu fiz perguntas sobre *o que fez ele (ela) vir para Arraias? Como era viver na Arraias de 1980? De que maneira a chegada dos remanejados influenciou a vida na Vila Arraias?* Os colaboradores gravavam os áudios em forma de depoimentos tudo pelo *WhatsApp*. Conforme surgia uma lacuna, diante das devolutivas eu fazia os questionamentos, e assim fui construindo a reflexão.

Apesar do distanciamento causado pela pandemia do Covid-19, realizei algumas entrevistas pessoalmente. Usando os protocolos exigidos no contexto pandêmico, consegui que alguns colaboradores me recebessem em suas casas. Algumas entrevistas precisei retornar duas, três vezes, para conseguir os resultados que eu buscava. Nas entrevistas presenciais, usei gravador para fazer os registros. Depois de ouvir várias vezes, transcrevia todas as entrevistas usadas nesse estudo. Algumas delas tiveram de uma a duas horas de gravação. Ao todo foram coletadas 34 fontes orais, entre os anos de 2001 e 2021.

Os períodos de coleta dessas fontes foram feitos inicialmente em 2001, pois foi o período em que eu realizei a pesquisa de minha graduação, e 2021 por ser o período de pesquisa para essa dissertação.

Para à elaboração desta dissertação, foram feitos vários aportes teóricos metodológico. Na escolha dos referenciais teóricos, optei por alguns que não somente me guiaram em minhas análises, mas também de aportes que contemplaram questões relativas à história oral, à memória, ao lugar de memória e aos espaços de recordação, presentes nesse estudo, com a contribuição de pesquisadores, como Pierre Nora e a problemática dos lugares de Memória: “(...) a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado”<sup>1</sup>. Pollak (1989), ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial. Essa perspectiva teórica foi de suma importância, para construir os caminhos desse estudo e encontrar o caminho para a construção do conhecimento histórico, tendo em vista que Pollak (1989) aponta que a memória se constitui de acontecimentos vividos de maneira individual e coletivo, sujeitos a modificações, construções e flutuações, baseando nas memórias dos sujeitos ora pesquisados que me guiaram para o encontro da *Cidade Perdida*.

---

<sup>1</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos Lugares. Projeto História. São Paulo, 1993. p.9.

Já Alistair Thomson (1997), aponta que o caminho para evidenciar os sujeitos até então ausentes em determinadas fontes é viabilizado pela história oral. Ou seja, é importante que tenhamos consciência de que não se trata da utilização da história oral como respaldo de conquista da “verdade” explícita nas narrativas, mas compreendê-la como modelo de pesquisa, que pleiteia ressignificação, solidando as suas características interpretativas dos fatos narrados, e mesmo de como foi vivenciado ou interpretado os acontecimentos de um certo grupo. As reflexões feitas por Halbwachs (2017) contribuíram para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Esta memória coletiva é pertinente, pois tem a determinação de contribuir para construir o sentimento de pertencimento a um grupo de passado comum, no caso específico de Jacundá, observo que as narrativas sempre partiram da individualidade e são contextualizadas em âmbitos coletivos. Como afirma o sociólogo Halbwachs:

[...] haveria motivos para distinguir duas memórias, que chamaríamos, por exemplo, uma interior ou interna, a outra exterior – ou então uma memória pessoal e a outra, memória social. Mais exatamente ainda, diríamos memória autobiográfica e memória histórica. A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda, naturalmente, seria bem mais extensa do que a primeira (2017, p.73).

Em outras palavras, conforme o excerto, as narrativas iniciam de circunstâncias vivenciadas individualmente, porém, posteriormente, essas narrativas em pouco tempo já fazem parte do coletivo. A título de exemplo, a fala de minha colaboradora Nercir Derzze “eu as vezes penso de escrever a história de Jacundá, porque tenho medo de que seja esquecida, porque também é a história da minha vida”.

As memórias dos sujeitos pesquisados revelam um passado que para muitos não existia, estava “adormecido”, inerte, mas que deixou de ser “invisível” e que aos poucos vai sendo recuperado para que a história da cidade de Jacundá seja contada e recontada. Considerar os “espaços culturais de recordação”, apontados por Aleida Assman (2011), é importante para refletir sobre a memória dos lugares na cidade de Jacundá.<sup>2</sup> Fazendo uso do conceito de memória cultural, os espaços de recordação são ampliados para além dos lugares físicos. A memória se fundamenta em várias configurações e sob diferentes possibilidades de uso. De acordo com Assman, haveria um sem-número de possibilidades de guardar e recordar.

---

<sup>2</sup> A origem do nome Jacundá se deu por causa de um peixe, muito presente no Rio Tocantins. Esta palavra designa, ainda, uma dança indígena, que imita a pesca do Jacundá. Nela, homens e mulheres formam um círculo de mãos dadas, alternadamente, para o centro da roda vai um casal de cada vez, entorno do qual o círculo gira em torno de uma música.

As lembranças dos moradores possibilitaram pensar as experiências e as representações de identidades da cidade<sup>3</sup>, que foi destruída e reconstruída em outro espaço devido a uma inundação causada pela implantação do projeto da usina de energia hidrelétrica de Tucuruí. Diante disso, as pessoas que habitavam a pequena cidade foram desabrigadas e mandadas para outro espaço que também já tinha seus grupos sociais formados e nesse contexto, a população da Velha Jacundá teve que reelaborar suas culturas, seu modo de viver e todas as suas relações sociais, pois nessa nova dinâmica também havia os arraienses, não menos prejudicados que os jacundaenses, pois tiveram que conviver com outros que também reivindicavam o mesmo espaço. Esse fato provoca em mim curiosidade de saber como hoje esses espaços de memórias na Nova Jacundá são lembrados pelos primeiros moradores, e qual o significado deles para a constituição de identidade para essa população?

As entrevistas baseiam-se em perguntas com enfoque em reconstituir a memória desses sujeitos, os locais frequentados na infância, juventude, escola onde estudaram, e as práticas socioculturais realizadas, os lugares que para eles simbolizam Jacundá. Trago como exemplo dessa memória, uma pergunta que fiz para Nercir Derze (2021), sobre um lugar que representa a Velha Jacundá, ela me disse: “a caixa d’água ficou como resposta pra quem nos tirou de lá. Ela é o marco pra não deixar nunca ninguém esquecer que um dia houve risos, choros, música, gente, e amor, naquele lugarzinho escondido debaixo das águas”. A partir desse pequeno trecho vemos a importância de trabalhar com memórias na tentativa de reconstituir esse passado de Jacundá. A construção dessas memórias ganha grande contribuição assim como o que fora pensando por Pierre Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem ao sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados [...] E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

Nesse sentido, de acordo com Nora, os lugares de memória são meios de admissão a uma memória que não é memória, mas história, pois foi reconstituída por meio de vestígios, uma memória reivindicada e não espontânea. Ou seja não seria uma memória construída no grupo, mas para o grupo pela história. caracterizaria como uma verdadeira memória, aquela que

---

<sup>3</sup> ver HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

não é formulada pela história, que parte geralmente de comunidades tradicionais que é carregada ao longo de gerações por estes grupos.

Sou emocionalmente envolvida com meu objeto de pesquisa, pois sou filha de remanescente da antiga Jacundá que hoje está submersa sobre as águas do Rio Tocantins. Esse estudo me trouxe lembranças doces e doloridas, lembrei a tristeza de meus avós, ao ter que deixar a Velha Jacundá e como foi difícil o processo de adaptação até o último dia deles na Nova Jacundá. Principalmente para minha avó que sempre viveu a vida ribeirinha, passou a morar à margem da PA-150. Quando somos crianças, às vezes, os adultos esquecem que ouvimos e também sentimos as coisas. Ouvir muitas conversas regadas de lamentos e dor, proferidas por minha avó e os amigos remanejados, as dores sentidas por eles também era sentidas por mim. Apesar das dores, eu também trago lembranças de banhos no porto do Consola juntamente com meus primos, *quebrando borbulhas*, ou sendo carregada por minha tia para o outro lado do pedral, onde tinha umas frutinhas que denominamos de *azedinhas*, muito parecida com jaboticaba. Ou mesmo quando participei do meu primeiro desfile cívico, que também foi o último na Velha Jacundá. Sinto agora que sou também uma remanejada, não apenas parente de remanejados. Com as memórias que estavam guardadas, a partir desse estudo, vieram à tona o sentimento de pertencimento a esse grupo.

Velha Jacundá está perdida debaixo das águas do Rio Tocantins, por ter sido a única cidade tomada completamente pela água da barragem de Tucuruí, mas que pode ser emergida através da memória de seus antigos moradores por meio desse estudo. Nesse sentido, considero que a relevância da pesquisa com a memória da cidade está na possibilidade suscitar reflexões sobre tempos e espaços diferentes na construção da cidade, ao contextualizar Jacundá na temática dos grandes projetos voltados para a Amazônia e seus inúmeros impactos humanos e ambientais. Esses esquecimentos e lembranças sobre a cidade trazem à tona a questão da identidade entre os grupos de Jacundá e sua inserção social. Reforço que, partindo das análises, das histórias, dos moradores, dos espaços de memórias e dos próprios acontecimentos locais, a memória de antes e após a construção da hidrelétrica de Tucuruí contribuirá para reflexões pelos quais os meus alunos possam valorizar e compreender que as realidades históricas de Jacundá não se dão isoladas do mundo, mas sim como parte dos processos históricos em que populações locais, tal como eles, constroem as suas identidades culturais e sociais. Esse conhecimento é importante porque possibilita aos alunos pensar criticamente diante do processo nos quais estão inseridos. Nesse sentido, a respeito da identidade, mobilizo o livro de Elias e Scotson *Os estabelecidos e os Outsiders* (2000), parafraseando o autor ao falar sobre os sujeitos da cidade, Winston Parva afirma como se dá a concepção identitária aliada às normas que são introjetadas

em suas mentes e corpos, transpassam através de marcas físicas, comportamentais e psíquicas tomando mentes e corações. Essa análise é percebida nos sujeitos aqui pesquisados, que fazem de sua condição de remanejados um sentimento de identificação com os demais sujeitos que tiveram as mesmas experiências.

O ingresso no curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, para além da oportunidade de uma reaproximação com a vida acadêmica, também possibilitou o despertar para algumas inquietações. Agreguei conhecimentos que só aumentou a vontade de transformar as aulas de História em situações mais significativas para os meus alunos. Para muitos, a aula de História é vista como estática e sem importância; entendem que a disciplina de história é decorativa e sem relação com sua vida. Para alguns discentes, a disciplina poderia não ter nenhum significado, porque entendem que não realizaram nada grandioso na história para serem reconhecidos como personagens importantes. Contudo, enquanto docentes, sabemos o quão importante é a História na vida dos discentes, ao pensarmos em como ela pode ser uma disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipatória e libertadora, mas que a questão sobre o porquê e como ensiná-la processa-se sempre no interior de lutas políticas e culturais (FONSECA, 2003, p. 89).

Por compartilhar da ideia de que é importante o protagonismo dos discentes, Selva Guimarães Fonseca ressalta que o docente de História não atua no “vazio”:

Os saberes históricos os valores culturais e políticos são transmitidos e reconstruídos na escola por sujeitos históricos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos vários espaços. Isso implica a necessidade de nós, professores, incorporarmos no processo de ensino outras fontes de saber histórico, tais como o cinema, a tv, os acontecimentos cotidianos. [...] (FONSECA, 2004, p. 37).

Diante do exposto, é importante considerar o conhecimento prévio que os estudantes trazem consigo, bem como saber selecionar para que os saberes e os valores culturais e políticos sejam trabalhados no intuito de provocar um pensamento crítico e transformador.

Na relação que Halbwachs estabelece entre a memória e a história, além das questões que envolvem a historicidade, o conceito de *herança* é utilizado quando pensamos em determinados acontecimentos que não vivenciamos dentro da comunidade na qual estamos inseridos. Geralmente, recorreremos aos mais velhos em busca de uma história ou nos livros, na tentativa de legitimar toda a herança que reproduzimos ou ouvimos durante a vida. O essencial é que o momento em que compreendemos vem logo quando a memória ainda está viva. Assim, é da própria lembrança, em torno dela, que vemos de alguma forma raiar seu significado

histórico (HALBWACHS, 2003, p. 82). A memória, portanto, é essencial para a reconstituição dos sentidos.

Revivendo memórias pessoais, reporteime ao momento quando, pela primeira vez fui professora de alguém, uma pessoa muito especial para mim, a minha vó, a mãe Duque. Aos 10 anos, alfabetizei a minha avó, e desde então tive convicção que seria professora, ela faleceu, tive que ir para outra cidade, no ano de 1991, concluir o magistério. Aos 17 anos, comecei a trabalhar no exercício do magistério com uma turma de 4ª série. Não tinha licenciatura, mas era comum na minha cidade Jacundá, haver professores, no exercício da profissão, sem ter o magistério, imagina uma graduação.

Meses depois, fui contratada pela Seduc-PA para ser professora de Geografia. Após um tempo, já com 18 anos, fui nomeada diretora da Escola Teodomiro Neto. Fiquei diretora por seis anos, mas continuava dando aula em outras escolas. Até que surgiu a oportunidade, através do consórcio dos municípios atingidos da barragem de Tucuruí, a oportunidade de fazer uma graduação. Decidi fazer o seletivo de História, porque eu já estava trabalhando com a essa disciplina. Fiz o seletivo e passei para a Universidade Federal do Pará (UFPA). Por priorizar a família, quando terminei a graduação, não pude me deslocar de Jacundá para fazer mestrado. Enquanto não realizava o sonho de voltar a Universidade, fiz concurso para professora de História e fui aprovada na rede Municipal e Estadual. Em Jacundá, desenvolvi alguns projetos nas escolas que trabalhei. A secretária de Educação acabou me conhecendo, através dos projetos, e me convidou para a Secretaria de Educação (SEMED), para ser coordenadora de História do ensino fundamental maior. Aceitei o desafio, fiquei um ano e meio à frente da coordenação, fizemos projetos que fizeram a diferença nas escolas, e ainda hoje continuam.

Em 2020, realizei o exame nacional do ProfHistória (Mestrado Profissional em Ensino de História) no qual tive a alegria de ser aprovada. O mestrado surge como uma oportunidade de novos conhecimentos, que possibilitou significar e melhorar cada vez mais minha prática docente enquanto professora de História, colaborando no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Para o ensino de História ser mais significativo aos estudantes, busquei refletir sobre história e memória desta cidade, sempre objetivando em fazer com que os discentes estabeleçam discussões acerca dos diferentes espaços de memória e na cidade, e provocar o interesse pelas aulas de História. Partindo dessas abordagens sobre história e memória, foram desenvolvidas estratégias no ensino de História para meus alunos do Ensino Médio das Escolas Irmã Dorothy Stang e Maria da Glória R. Paixão, estendendo também para o ensino fundamental II. Desenvolvi a proposição para organizar uma coletânea de textos e documentos. Nesse trabalho,

elenco o passo a passo de como usá-las para realizar uma mostra cultural no chão da escola. Saliento que todas as entrevistas concedidas para o trabalho podem ser utilizadas de forma livre e gratuita, esperando que contribuam para suscitar discussões acerca dos temas espaço, tempo, memória, história e cidades, pois, pela memória, vamos ao passado para nos reconhecermos no presente. É nesse sentido que Bosi (1994) considera que:

pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva e ao mesmo tempo profunda, ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Esse argumento me faz refletir que, a cada história apresentada, vivo a sensação do desconhecido. Foi em busca das lembranças latentes que pesquisei a memória de meus colaboradores para a construção desse trabalho.

Ainda como aporte referencial, fiz um levantamento historiográfico que me ajudou na compreensão da construção do conhecimento histórico. Pesquisadores como Hébette (2004), Silveira (2001), Santos (2007), Dias (2014), Mesquita e Fontes (2014), contribuíram com a pesquisa, ao me ajudar a entender como a região Amazônica é ocupada, incitada por um discurso governamental, com interesse de ocupação e controle das riquezas naturais. Essas leituras me proporcionaram o entendimento de como a região sul e sudeste paraense se constituiu na pluralidade cultural dos diversos povos que já habitavam, ou vieram para essa região, e a construção das cidades da beira das estradas.

Magalhães (1995, 2007), Pinto (2010), Castro (2014), corroboram quando a abordagem é a Usina Hidrelétrica de Tucuruí. O planejamento e a criação desse grande empreendimento, as transformações ocorridas na região e na vida de sua população trazem efeitos devastadores, a exemplo de Jacundá, que ficou totalmente submersa no lago de Tucuruí.

A pesquisa aqui divulgada está organizada em três capítulos. O capítulo I, *Jacundá: Memórias divididas entre o Rio e a Estrada*, utiliza como fonte entrevistas mais antigas, algumas recentes e fotografias, buscando analisar as memórias dos remanejados da Velha Jacundá devido a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT). Através de recordações, o espaço das memórias sobre a cidade perdida se constitui nas narrativas orais. Essas lembranças abordam também a chegada em Vila Arraias e os conflitos identitários entre a população estabelecida e a recém-chegada. Essas memórias ganharam materialidade nas entrevistas realizadas com homens e mulheres que foram expropriados (a) da Velha Jacundá.

A temporalidade escolhida para o estudo (1984 a 2021) justifica-se por se tratar do ano marcado pela saída de famílias da velha Jacundá devido a construção da Hidrelétrica de Tucuruí.<sup>4</sup>

O segundo capítulo, *Vila Arraias: Os Arraienses e os Remanejados*, fala do lugar para onde os jacundaenses foram remanejados: Vila Arraias. Esse capítulo trata das aproximações, diferenças e conflitos identitários ocorridos na construção de um novo espaço com novos moradores, do surgimento de novas lembranças e espaços de recordação, de memória, na reconfiguração do espaço social. Os aportes teóricos são os mesmos do primeiro capítulo. As entrevistas utilizadas nesta parte do trabalho foram colhidas de acordo com a metodologia da História Oral entre os anos de 2001 e 2021, que se baseiam em perguntas que buscam reconstituir a memória desses sujeitos, os locais frequentados na infância e juventude, a escola onde estudaram, as práticas realizadas ao longo de suas mocidades, os lugares que para eles simbolizam Jacundá, espaços que sirvam como referências para a construção do relato histórico. O recorte temporal é o mesmo do primeiro capítulo 1984-2021.

Já no terceiro capítulo, apresento uma abordagem pedagógica para ser trabalhada nas práticas de ensino de História e Estudos Amazônicos, levando em consideração a história de Jacundá a partir da memória dos antigos moradores remanejados da Velha Jacundá.

A partir da pesquisa realizada para esse trabalho, **Jacundá-PA, a Cidade Perdida: Memórias Emergidas**, tenho a expectativa de que os esforços aplicados para realização dele possam contribuir com as investigações em torno do ensino de História. Além disso, espero que o presente trabalho de pesquisa estimule a realização de novas pesquisas que possam contribuir com o tema aqui apresentado, trazendo outras reflexões e ampliando a compreensão sobre a história e a sociedade nas quais estamos inseridos.

---

<sup>4</sup> A **Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A**, conhecida como **Eletronorte**, é uma empresa do setor elétrico do Brasil, com sede no Distrito Federal. Criada em 20 de junho de 1973, é uma subsidiária da Eletrobrás, sendo uma empresa de economia mista que atua no segmento de geração e transmissão de energia elétrica de alta e extra-alta tensão na Região Amazônica. Por meio do Sistema Interligado Nacional, comercializa energia em todo o território nacional. Em 2019, era a terceira maior geradora de energia do Brasil.

## 1. JACUNDÁ: MEMÓRIAS DIVIDIDAS ENTRE O RIO E ESTRADA

### 1.1 Rememorando a cidade perdida

Era um fim de tarde quando entrevistei Ozélia, remanejada da Velha Jacundá.<sup>5</sup> Estava um dia muito quente, então fomos para debaixo de uma mangueira, no quintal da casa dela. Três cachorros e um gatinho corriam pelo quintal. Ela me disse que eles passaram a ser as únicas companhias dela, pois estava vivendo sozinha desde que seus filhos casaram. O local era exatamente o mesmo em que havia me concedido a primeira entrevista em 2001. Sim, tive o prazer de entrevistá-la ainda na graduação e retornar a conversar com ela em 2021. No entanto, este encontro foi um dos poucos que conseguir realizar pessoalmente, pois devido à pandemia do Covid-19,<sup>6</sup> ficou inviável fazer entrevistas presencialmente.

O suco de tamarindo gelado, que havia sido preparado para mim, e o bolo de macaxeira estavam deliciosos. Confesso que repeti. O vento debaixo daquela mangueira, fez a minha colaboradora lembrar ainda mais da sua cidade natal. A voz embargada, as vezes pausava, outras vezes exaltada me falava sobre como era viver na antiga Jacundá, que hoje está somente na memória.

Eu sempre falo pros meus netos, como que eu queria que a minha cidade natal não tivesse ficado debaixo d'água, pra eu mostrar pra eles cada casa, cada porto que a gente banhava. Eu sabia quem era o dono de cada porto<sup>7</sup>, porto por porto de cada pedacinho do rio. Como eu queria... eu era muito feliz! Era uma liberdade! Era como se a gente fosse um pássaro voando sobre os pedrais, as praias, as matas, as casas. Lá a gente dormia de portas abertas sem se preocupar, a gente tinha liberdade.” (OZELIA V. LIMA, abril de 2021).<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Sempre que eu citar a palavra Velha Jacundá, me refiro a cidade que está totalmente submersa em função da construção e enchimento do Lago da Hidrelétrica de Tucuruí (UHT), e por meus colaboradores se referirem assim.

<sup>6</sup> A **pandemia de Covid19**, também conhecida como **pandemia de coronavírus**, é uma pandemia em curso, uma doença respiratória aguda grave (SARSCoV-2).

<sup>7</sup> O conceito tradicional do porto diz respeito a um local reentrante na costa do mar, ou junto à foz de um rio, onde podem ser fundados barcos para embarcar passageiros e efetuar operações de carga e descarga. Esse conceito foi obtido em Rodrigo Lages Pessoa e Heriberto Wagner Amanajás Pena (2017), *Revistas: Ciências Sociais do Caribe*. Já o conceito de porto para Ozélia correspondia à beira do rio que fazia parte do quintal das casas e os donos eram aqueles que tinham suas casas com o fundo para o rio, e que também possuíam tábuas permanentes para lavar roupas e louças naquele espaço.

<sup>8</sup> Na transcrição das entrevistas, será preservado o jeito de falar dos entrevistados. Em 2003 quando entrevistei Ozelia ela era funcionária pública estadual, trabalhava num posto de saúde do Bairro Centro. Era considerada referência como técnica de enfermagem no tratamento e diagnóstico de hanseníase. Atualmente, está aposentada desde o ano de 2018.

O excerto acima, faz parte de narrativas obtidas durante o processo de materialização dessa dissertação. Para este capítulo, a metodologia de pesquisa utilizada é a História Oral. Analiso as memórias dos remanejados jacundaenses, antes da construção da Hidrelétrica de Tucuruí por meio do registro das histórias narradas pelos diferentes sujeitos que compõe os relatos sobre a memória e espaços de recordação sobre a cidade perdida, que se constitui nas narrativas orais. Essas memórias ganharam materialidade nas entrevistas realizadas com homens e mulheres que foram expropriados (a) da Velha Jacundá. A temporalidade escolhida para o estudo, 1984 a 2021, justifica-se por se tratar do ano marcado pela saída de famílias da velha Jacundá devido a construção da Hidrelétrica de Tucuruí.<sup>9</sup> Ainda nesse capítulo as lembranças abordam também a chegada em Vila Arraias e os conflitos identitários entre a população estabelecida e a recém-chegada.

Sobre como proceder com a metodologia de história oral Portelli (1997), manifesta a importância da honestidade para com os colaboradores, fundamentalmente se faz necessário manter o compromisso e respeito de “não usar o material da entrevista de forma que possa prejudicar a pessoa de quem obtive”, e carece também entender que os historiadores não são os depositários ou guardiões de uma verdade única e incontestáveis. Diante disso, reafirmo aqui que o compromisso com a honestidade para mim significa total respeito para com os meus colaboradores, tendo em vista que sem os mesmos todo esse material intelectual que consegui não teria se realizado. Ao escrever sobre as lembranças de velhos, Bosi (1994), argumenta que,

O vínculo com outra época, à consciência de ter suportado, compreendendo muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade de encontrar ouvidos atentos, ressonância. [...] Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não o viveu e até humanizar o presente (p. 82).

Saliento aqui a relevância do trabalho com a história oral, o uso da memória como “reconstrução do passado” e, sobretudo, a compreensão de como o conhecimento histórico é produzido por diferentes sujeitos e por diferentes memórias. O historiador deve pensar as memórias dos seus entrevistados como produção do conhecimento histórico.

Ressalto também a chance que pode ser aberta com o uso da História Oral, é sobre a possibilidade de conhecer elementos e trajetórias históricas, do presente e do passado, que não

---

<sup>9</sup> A **Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A**, conhecida como **Eletronorte**, é uma empresa do setor elétrico do Brasil, com sede no Distrito Federal. Criada em 20 de junho de 1973, é uma subsidiária da Eletrobrás, sendo uma empresa de economia mista que atua no segmento de geração e transmissão de energia elétrica de alta e extra-alta tensão na Região Amazônica. Por meio do Sistema Interligado Nacional, comercializa energia em todo o território nacional. Em 2019, era a terceira maior geradora de energia do Brasil.

poderiam ser exploradas de outra maneira, tendo em vista que o tema pesquisado e discutido nessa dissertação, e apresentado nesse capítulo, um olhar sobre a memória dos espaços e os “os lugares de recordação” antes da construção da hidrelétrica, pois ainda não temos nenhum exemplar que trate dessa temática sobre a Velha Jacundá.

Muito se observa ausência de determinados sujeitos do campo de análise, métodos e fontes que instrumentalizam determinadas pesquisas. A História oral, possibilita adentrar em temáticas e sujeitos pouco explorados. Como por exemplo as “histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas” (FERREIRA, 1998, p. 14). Sendo assim, a história oral é subjetiva, representando uma visão parcial dos acontecimentos. Ela se dá a partir das diferentes memórias, sendo elas individuais ou coletivas. Sobre a história oral, Thompson (1998, p. 337) escreveu que ela “devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhe dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas”.

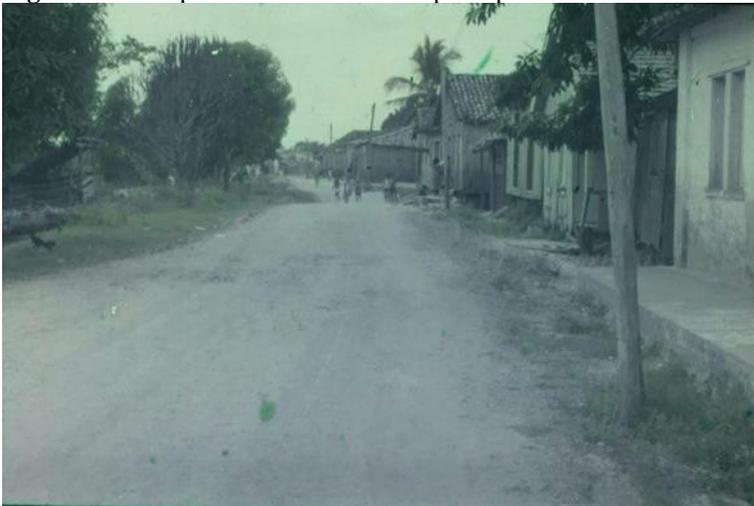
As fontes iconográficas foram de grande relevância nesse capítulo. Basicamente todas as fotografias trabalhadas, não somente nesse capítulo, mas na dissertação, foram de acervos pessoais, do museu de Jacundá e de alguns colaboradores que cederam de bom grado. Ressalto que o acervo veio como grandes arquivos e fontes com seus segredos, vestígios, rastros, que utilizei como instrumentos para interpretar a história desse lugar de memória. Ao considerar a fotografia como documento, precisamos dialogar com a fonte dando o devido valor e cuidado tal como fazemos com outras, é preciso ter atenção para com a mensagem da fotografia, visto que é necessário analisar a qual meio ela é vinculada, e quanto e de quem está vindo a informação. Nas palavras de Kossoy (1999, p. 45), as imagens visuais sempre propiciam diferentes leituras para diferentes receptores que as apreciam ou que dela se utilizam como objeto de estudo. Ou seja, ela também pode ser carregada de subjetividade. Para o autor “a imagem fotográfica, com toda a sua carga de ‘realismo’, não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência” (KOSSOY, 1999 p. 45).

Aleida Assmann (2011) propõe quatro estágios simultâneos da escrita; a analogia dos vestígios, a escrita iconográfica e a digital. Contudo, tomarei por base a analogia e a escrita iconográfica em algum momento desse capítulo, e assim proponho que a Velha Jacundá seja um lugar do lugar, um lugar de memória, um espaço de recordação. Bem assim, devemos selecionar o que será armazenado e o que será descartado, silenciado e deixado para trás. Para Assmann (2011, p.235) as obras iconográficas eram consideradas de natureza concreta material, já a escrita é considerada imaterial e se situa em um tempo generativa, ou seja, fora do tempo. Uma fotografia nasce muitas vezes do desejo consciente e/ou inconsciente de ter um registro

do real, como que se por um instante, o indivíduo pudesse congelar o tempo e o momento. A fotografia nada mais é do que o que nos resta do acontecido, fragmentos de um passado que ficou imóvel em um papel (KOSSOY, 2014). Ter em mãos uma fotografia é contemplar vestígios de um passado, um instante do vivido que pode revelar muito sobre sua origem, finalidades, evidências bem como sua trajetória.

Na velha Jacundá, tinha a rua da frente que era a rua principal, nessa rua as casas eram distribuídas assim: algumas de frente e outras com o fundo para o rio. Aí tinha a ruazinha que passava do lado da igreja, e a outra rua, era a que ficava a prefeitura, a caixa d'água e outros órgãos. Era muito linda a minha cidade, tudo agora está de baixo d'água sinto muita saudade de cada lugarzinho da minha cidade (MARIA NERCIR DERZZE, 2021)<sup>10</sup>

**Figura 1:** Vista parcial do início da rua principal ficava a frente do rio.



FONTE: acervo Zuleide M. Clacino (Mar. 2021).

O fragmento e a Figura 1 revelam um passado que para muitos não existia, estava “adormecido”, inerte, mas que deixou de ser “invisível” e que aos poucos vai sendo recuperado para que a história da cidade de Jacundá seja contada e recontada. Considerar os “espaços culturais de recordação”, conforme apontados por Aleida Assman (2011), é importante para refletir sobre a memória dos lugares na cidade de Jacundá.<sup>11</sup>

As lembranças dos moradores me possibilitaram pensar as experiências, as representações e as identidades da cidade, que foram destruídas e reconstruídas em outro espaço devido a uma inundação causada pela implantação do projeto da usina de energia hidrelétrica

<sup>10</sup> Nercir Derzze, nasceu na velha Jacundá, filha do seu José Marque, um dos três fazendeiros que existia na cidade, foi professora da escola Cel João Pinheiro na antiga Jacundá, na transferência para a jacundá atual, trabalhava como secretária administrativa da Prefeitura municipal de Jacundá.

<sup>11</sup> A origem do nome Jacundá se deu por causa de um peixe, muito presente no Rio Tocantins. Esta palavra designa, ainda, uma dança indígena, que imita a pesca do Jacundá. Nela, homens e mulheres formam um círculo de mãos dadas, alternadamente, para o centro da roda vai um casal de cada vez, entorno do qual o círculo gira em torno de uma música.

de Tucuruí.<sup>12</sup> Partiremos dessas abordagens, sobre história e memória desta cidade, para propormos estratégias no ensino de História, pelas quais os alunos sejam instigados a entender sua cidade. Afinal, é pela memória que vamos ao passado para nos reconhecermos no presente. É nesse sentido que Bosi (1994) considera:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva e ao mesmo tempo profunda, ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

As narrativas construídas a partir dos relatos de meus colaboradores aos poucos vão apresentando a cidade invisível que, mesmo estando submersa pelas águas do rio Tocantins, ainda permanece viva nas memórias dessas pessoas que viveram a experiência do antes e depois da construção da barragem de Tucuruí.

O mês de junho do ano de 1973 seria um mês como outro qualquer. Não se sabe ao certo o dia, talvez fosse um dia de sol brilhante, tal como muitos outros. As crianças se banhavam no rio tirando “pontinha” da rampa, outras iam para a escola, mães colocavam roupas para “quarar” nos pedrais, pais saíam para pescar, caçar ou mesmo se aventurar no garimpo, possivelmente muitos bebês naquele dia nasciam pelas mãos das parteiras. Seria um dia comum, se não fosse a data da grande festa da quadrilha sertaneja.

Os sujeitos dessa pesquisa são os jacundaenses,<sup>13</sup> que foram atingidos literalmente pela construção de uma barragem, considerando que, os grandes projetos que foram criados a partir da ideologia de integração nacional e desenvolvimento da Amazônia. No ano de 1973 lançava-se o projeto energético para Amazônia através de hidrelétricas subsidiárias da *holding* ELETROBRÁS (Centrais Elétricas Brasileira)<sup>14</sup>. Nesse contexto, a população da Velha Jacundá seria atingida.

<sup>12</sup> ver HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

<sup>13</sup> O município de Jacundá pertence a zona fisiográfica do Itacaiúnas e foi emancipado no início da década de 1960. As suas terras pertenceram, primeiramente, ao município de Marabá e depois ao de Itupiranga. Jacundá tem duas fases históricas importantes: a primeira começa no dia 29 de dezembro de 1961 - data da emancipação - e se estende até 1980. A segunda começa do ano de 1980 e estende-se até os dias atuais. Esta segunda data refere-se à transferência da sede do município (ainda conhecida como Vila Arraia), que antes era localizada às margens do Rio Tocantins, para as margens da Rodovia Paulo Fontelles (PA-150), em virtude da necessidade de remanejamento da população ribeirinha do rio Tocantins, para a formação do grande lago da Hidrelétrica de Tucuruí.

<sup>14</sup> A ELETROBRÁS foi criada em 1962 e com *holding* controla as principais empresas de geração elétrica do Brasil: CHESF, Furnas, ELETRONORTE, ELETROSUL, ELETRONUCLEAR E CGTEE. A ELETROBRÁS detém ainda 50% da Itaipu binacional, um empreendimento Brasil-Paraguai. De fato, até a segunda metade dos anos de 1990, quando se iniciou o programa do governo brasileiro de privatização, todas as empresas de geração de energia elétrica estavam subordinadas à ELETROBRÁS.

Nos escritórios de Brasília, para executar o projeto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT) na cachoeira do Itaboca, criava-se a empresa estatal Eletronorte (CASTRO, 1996). O discurso *integrar para não entregar* já estava sendo difundido durante o Governo do General Médici, entre os anos de 1969 e 1974. Incorporado a esse discurso estava à ideia de integrar a Amazônia Legal com o restante do país, assim, seria possível controlar os recursos minerais e vegetais pelo Governo Federal. Mas o interesse dos militares era abrir para a exploração estrangeira. É nesse contexto que os jacundaenses, alheios ao que estava para acontecer, foram atingidos literalmente pela construção da barragem, haja vista que estavam no meio de um grande projeto, criado para abastecer de energia, com total subsídio do Estado, as indústrias de alumínio de capital japonês (em associação com a então estatal Companhia Vale do Rio Doce), a Alumínio Brasileiro SA (Albrás) e a Alumina do Norte do Brasil SA (Alunorte), em Barcarena, no Pará, além do Consórcio de Alumínio do Maranhão (Alumar), formado pela BHP Billiton e pela Alcoa, em São Luís (PINTO, 2012, p. 778).

Os impactos ambientais e humanos foram altos, sendo importante ressaltar que esses grandes projetos atraíam imigrantes de forma desordenada. Era um dos objetivos dos governos militares, preenchimento de espaços “vazios” de terra, mito que contribuiu e legitimou a ocupação da Amazônia. De acordo com Edna Castro (2010, p. 107-108), a ideia da floresta como desafio a ser vencido pela civilização iniciou com as primeiras viagens exploratórias por meio da mítica do El Dorado, que foi constantemente reinventada e fundamentou a ideia de “um vazio demográfico a preencher” através de frentes empresariais de madeireiras, produtos da biodiversidade, pecuária, agronegócio, pesca e indústria farmacêutica.

Conforme as memórias dos remanejados, ao final do ano de 1977, foram surpreendidos pela chegada dos técnicos da firma, contratada pela Eletronorte, para fazer o levantamento da área que seria inundada pelo grande lago do reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. A partir desse primeiro contato com os técnicos, a vida desses sujeitos sociais não seria mais a mesma. Pela memória de Nercir: “depois que a Eletronorte chegou, tomou conta da cidade. Nós não éramos donos de nada, pelo menos foi o que eu sentir” (Entrevistada em 2021). Esse sentimento se dá devido ela perceber que, com a feitura da Hidrelétrica, iria tirar o seu lugar, a sua cidade, pois tratava-se de uma empresa que estava para pôr em prática um projeto desenvolvimentista. Conforme esclarece Hébette (2004):

Em outros termos, trata-se de planos que vêm de cima para baixo, que caem num terreno que não é preparado para eles, que foram elaborados sem a participação da coletividade e sem atenção a seus problemas. Neste sentido, constituem-se em projetos agressivos, representam uma agressão à região e às suas comunidades. (HÉBETTE, 2004, V. III, p. 150).

Para a Eletronorte, a presença daquela população representava atraso na construção da Hidrelétrica, e precisava ser remanejada. Naquele momento, não haveria preocupações para com aquela população, que ficaria sem as suas casas ou sua terra, ou mesmo pela quantidade de terras que seria alagada. Diante disso, apenas importava pagar a indenização e resolveria o problema, “pouco importa, já que é valor de troca e não de uso” (HÉBETTE, 2004, p. 154).

Conforme a memória dos remanejados, os levantamentos das propriedades e a logística do deslocamento para a Vila Arraias, antes de assinarem os contratos de transferência, aparentemente seria vantajoso, entretanto, após as negociações, os técnicos mostraram-se ríspidos, de acordo afirmou Euclides “eram muitos autoritários:”

As expectativas eram muito boas. Eles chegaram a fazer levantamento do tipo de alimentação que nós tínhamos, como eram todos os costumes nossos. Então havia uma expectativa muito boa. Eles foram com muitos papéis em branco e com uns recortzinho de papel com o valor da indenização. Vi sim, foi usado um tipo de pressão mesmo. Eles falavam assim: olha o valor da sua indenização é esse valor. Se você assinar, vai receber agora, se não assinar você vai receber daqui dois, três, anos esse mesmo valor” (EUCLIDES NUNES; 2003).<sup>15</sup>

#### Conforme Nercir

Eu era muito revoltada, era uma época da ditadura, eles faziam o que queriam, ninguém das autoridades governamentais nos ouvia, não via o sofrimento do povo o quanto o povo sofreu, as humilhações que passaram, aquele Belém apanhou muito nas manifestação que a gente fazia, mesmo na ditadura a gente fazia, ele apanhou foi prezo, muita gente recebeu represália mesmo das autoridades governamentais, eu fui testemunha ocular desde a chegada daquelas máquinas pra fazer aquela barragem. (NERCIR,2021)

#### Pela memória de seu Domingo

[...] lá era assim se você não obedecesse perdia tudo, eles não explicavam nada só mandava, e isso aconteceu com outros também, eu não esqueço quando eles voltaram ai eu tive que sair mesmo, porque era assim, a gente tinha que deixar de trabalhar na terra, toda a benfeitoria não podia ser mais aumentada, porque eles diziam que iriam pagar só até aquele dia e pronto, eu tive que sair sem olhar pra trás e ainda cedo quando eu sair da minha casa, quando eu ia na estrada ouvir o Joaquim gritando, te arranca peão! Te arranca peão! Era um sofrimento ( DOMINGOS ARAUJO, 2003).

Na fala de meus colaboradores, foi possível perceber a necessidade de explicar sobre os motivos que os levaram a assinar aquele acordo. Alguns falam que deveriam ter resistido

---

<sup>15</sup> Seu Euclides na época da entrevista, trabalha como autônomo, datilografava procurações, contratos de compra e venda e documentos afins, atualmente está aposentado.

mais, outros supõe que, se eles tivessem ficado mais unidos, talvez não teriam saído de seu “paraíso”. Entretanto, algo que é muito esclarecedor foi de que existiu o consenso que, naquele momento, teriam que acatar as ordens do Estado, apesar de não estarem satisfeitos. Pelas narrativas expressam que, quando aceitaram, não era exatamente porque achavam o que a empresa oferecia era justa ou correta, muito menos estavam apoiando a empresa, estavam apenas tentando conseguir alguma coisa, nas narrativas e pela colaboradora Nercir Derzze “eles chegaram dizendo: a sua casa vale tanto e a sua terra vale tanto. E, olha, pega logo e cai fora, porque nem esse você vai receber. Do alagado ao menos o chapéu<sup>16</sup>! (DERZE, 2021). Diante dessa narrativa, vejo que os acordos foram sendo definidos individualmente, dificultando qualquer ação coletiva naquele momento, tendo em vista que cada família passou a afirmar os acordos com a empresa, para que não corressem o risco de ficarem sem nada, pois só receberiam o pagamento em dinheiro, para que pudessem adquirir uma nova casa, somente após a assinatura do referido contrato com a empresa.

Pelas memórias de meus colaboradores, ainda hoje se sentem lesados pela empresa e revoltados pela maneira que foram tratados e retirados da cidade. A maneira de avaliar as propriedades não foi estabelecida em critérios avaliativos que pudessem satisfazer os anseios dos futuros expropriados. Nem mesmo tabelas de valores foram apresentadas. O que se observa é que existiram apenas argumentações imperativas que os intimidavam.

Os relatos e as fotografias são fontes que ajudam a perguntar o que aconteceu, bem como apreender o que teria ocorrido e como formou-se nas pessoas o entendimento sobre a situação vivida. Ao refletirmos sobre memória, vemos uma ideia de consciência do passado e que, por sua vez, está constituída na memória onde, por meio de lembranças, busca-se recuperar tal consciência. Parafraseando Alistar Thonson (1997, p. 58): “sentimentos e impulsos reprimidos manifestados ou “liberados de maneiras específicas (mergulhar nas barreiras à coerência consciente), sonhos, erros, sintomas físicos e piadas, permitindo vislumbres do significado pessoal oculto a dor e fragmentação”.

A gente tirava fotos com a plaquinha com uns códigos que significava o que a gente tinha como posses. Eles falavam que casas de tábua tinha um preço, de alvenaria valia isso e pronto. Mas as casas de Jacundá, a maioria era de palha. Aí já viu como eles pagaram. A gente ficava até com vergonha de tirar a foto com as placas, mas era nossa futura identidade. Aí era o jeito. Era sofrimento demais, era revoltante, e nós não tinha

---

<sup>16</sup> Essa expressão foi muito usada por meus colaboradores nas entrevistas, geralmente quando querem afirmar que não havia outra saída, caso não aceitassem o que a empresa oferecia naquele momento.

a quem recorrer. Era se juntar e brigar, mas nós era fraco, como podia lutar contra gigante ELETRONORTE, feita pra acabar com as nossas vidas? (MUNDICO, 2021)<sup>17</sup>

Eles entravam nas nossas casas, media o tamanho de tudo: casa, terreno, roça. Anotavam tudo que tinha dentro da casa, quantos porcos, quantas galinhas, até quantos pés de fruta, e quais eram, eles anotavam. Diziam que tudo aquilo que tínhamos seria pago, mas que no pagamento só iam pagar pelas coisas que tivessem naquela lista, então tava todo mundo proibido de tirar ou colocar qualquer coisa a mais, nem um prego era pra bater numa parede, que não pagariam por ele (Nercir Derzze Marques, 2003).<sup>18</sup>

Dessa maneira vale considerar que, embora os sujeitos pesquisados tenham se referido ao mesmo tempo histórico e acontecimentos, suas experiências foram únicas e ganharam sentidos diversos, considerando que as narrativas não são cópias da realidade, mas representações nas quais atribuem significados às experiências vividas. Portanto é fundamental considerar quais representações os entrevistados fizeram de sua trajetória e quais imagens de si buscaram propagar. Consideremos, portanto, a questão da identidade manifestada nos relatos dos entrevistados. Antes, previamente, vejamos o que Michael Pollak nos diz sobre identidade:

[...] é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

De acordo com o autor, a identidade resulta de uma construção simbólica da imagem de um indivíduo e cabe destacar a memória como elemento constitutivo. Ao se deparar com a empresa contratada para fazer o levantamento das propriedades, era comum tirarem fotos para registrar os bens que estavam sendo tombados. As falas do seu Mundico e Nercir foram bastante incisivas em relatar que, se não fizessem esse processo, teriam muitos problemas para serem identificados e compensados financeiramente pelas perdas que teriam.

Segundo Nercir, a Figura 2 era a residência de seu José Marques, uma das poucas casas cobertas de telhas de barro, e também uma das três casas que havia muro construídos com tijolos. Era uma casa com cômodos grandes e confortáveis, toda feita de tábua, com o piso de cimento queimado. Podemos usá-la como referência, considerando-a como uma das melhores casas da velha Jacundá. Vejamos a imagem e o que nos diz a colaboradora.

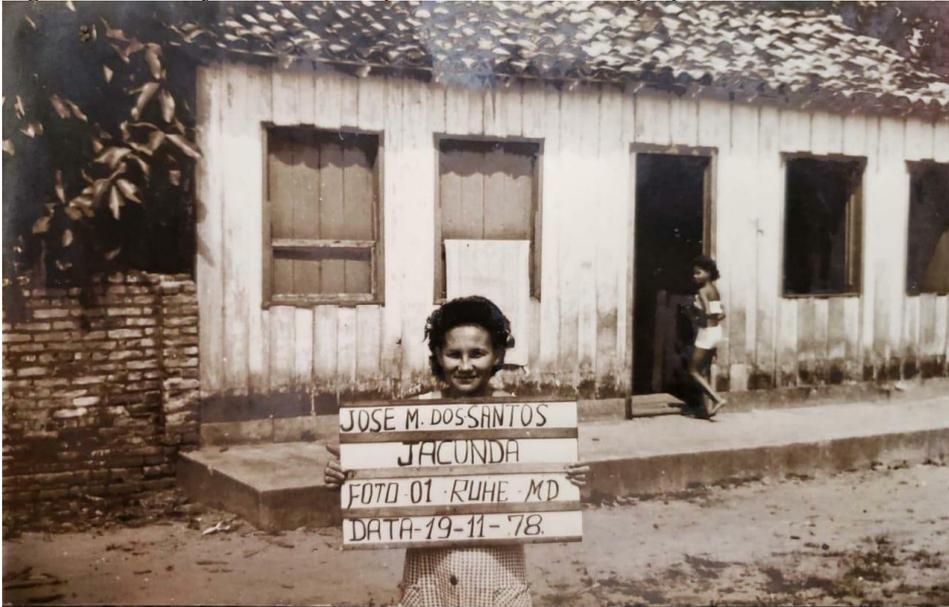
---

<sup>17</sup> Raimundo Nonato da Silva, em 2003 quando fiz a primeira entrevista era mestre de obra, trabalhador da construção civil, atualmente é aposentado.

<sup>18</sup> Todos os entrevistados narraram esse processo de levantamento da mesma forma que o relato da Nercir, por isso apresento o dela, por pensar ser importante esse esclarecimento

Quando chegaram em casa para fazerem o levantamento de nossas coisas, meu pai não estava. Então eu tirei essa foto. Pode olhar como tenho um sorriso, era para esconder a tristeza e o desencantamento de tudo, porque eu entendia que estava no fim, mas continuava sem acreditar. Estava perdendo o meu lugar, tudo mesmo. A dor e raiva era muito forte nesse momento, mas eu precisava, naquele momento, me curvar. Meu pai precisava ser recompensado, hoje olho pra ela, era como não tivesse acontecendo de verdade. Guardei não sei porque, talvez foi pra não esquecer” (NERCIR DERZZE, 2021).

**Figura 2:** Remanejada Nercir com placa identificatória de propriedade, novembro de 1978



FONTE: Acervo pessoal de Nercir Derze Marques (2021)

A narrativa acima foi a resposta dada à pergunta que eu fiz para minha colaboradora, ao encontrar essa foto, na Figura 2. Todos os remanejados, tiravam foto próximo às casas, roças, muros e nos quintais. Nas entrevistas foi narrado que, depois que era feito esse registro, eles não poderiam mais fazer nenhuma benfeitoria, pois a partir dali, seria indenizado o que havia sido apresentado no dia da vistoria. A partir dessa foto, compreendi que existe uma memória instrumentalizada por meio de resistência, e carregada de sentimento que fortalece a identidade de alguns entrevistados com aquele lugar. Nesse sentido, Assman (2011), ajuda-nos a pensar sobre a memória dos locais ao entendê-los como meios ou mídias que “fundamentam e flanqueiam a memória cultural como suportes materiais dela, e que interagem com a memória individual de cada um” (ASSMAN, 2011, p. 317- 361).

As lembranças que vão emergindo com as entrevistas, conotam a reconstrução dos espaços vividos em família e conciliado com a natureza. Ressalto que as narrativas traduzem um espaço dotado de pertencimento, partindo de histórias individuais para um coletivo, principalmente quando constituem a memória dos conflitos, antes e depois da transferência de sua cidade, as dificuldades enfrentadas, e as barreiras impostas pela natureza, haja vista que viviam às margem de um rio e no meio de uma floresta. “A gente tinha um pedacinho do céu,

nasci na Velha Jacundá, meus filhos e amigos nasceram lá, minha mãe foi enterrada lá, eu pensei que viveria para sempre naquele paraíso (Marlene Neves, 2001)”.

Que se considere a emotividade da entrevistadora diante de depoimentos tão tocantes sobre o sentimento de pertencimento a Jacundá, relatados pelos sujeitos ora pesquisados, o que se sabe foi que no ano de 1980 a cidade aqui nomeada de Velha Jacundá, praticamente deixou de existir, a partir de então ela começa a ficar abandonada, uma vez que parte da população começa a retirar-se para a Vila Arraias, ou para outras cidades. Segundo Claudionor Silveira (2001, p. 9) “o remanejamento se fez de forma muito rápida. No início do ano de 1980, Jacundá já era uma cidade abandonada e totalmente desconfigurada”; continuando a descrição Silveira menciona que:

[...] Sem contar que esse povo perdeu suas raízes, seus antepassados e fora a sua organização social e material de existência. Muitos se consideram sem passado e por tanto sem história, vivem perdidos em meio a uma realidade social totalmente adverso nos seus anseios, são as vítimas do “progresso”, com progresso a serviço do capital (SILVEIRA, 2001, p. 103).

Os aspectos supracitados explicam alguns dos problemas que muitos dos expropriados da barragem passaram, o que muitas vezes implica na reorganização social, haja vista que estes se dispersam em busca de melhorias de condições de vida. Todavia, os aspectos negativos os colocam em situações de desemprego, humilhações e esquecimento, ficando à margem da sociedade, com seus costumes abalados, tendo uma vida totalmente desestruturada e com uma grande dificuldade de adaptação à nova realidade. Nesse novo processo de economia destinado para a Amazônia, populações de cidades paraenses, tal como Jacundá, passam por experiências que são evidenciadas diante das seguintes situações, conforme explicitam Sá e Ferreira, a

população passa da situação de inseridos à situação de excluídos. São transformados em população excedentes, populações supérfluas, e passam a ser vistas pelo empresário pelo técnico, pelo planejador, como intrusos, invasores de terras, violadores da lei (SÁ e FERREIRA, 1995, p. 226).

Ainda segundo Sá e Ferreira,

[...] O desencantamento da promessa da melhoria de vida trazida pelo mundo moderno tornou essa população mais suscetível a um movimento reivindicatório mobilizado por lideranças políticas e religiosas (...) com o objetivo de recuperar o justo valor para suas benfeitorias (SÁ e FERREIRA, 1995, p. 248).

Ressalto que, ao analisar as falas de meus colaboradores, pude perceber que as mudanças, que estavam acontecendo na cidade, estendeu-se também para os comportamentos

e costumes dos jacundaenses, pois, ao entenderem que não teria volta, começaram uma nova forma de agir, na maneira de se ver e de ver o outro, criam um espírito de pertencimento, mais intenso, se organizando e lutando pelos seus direitos, dentro daquele espaço que estava prestes a desaparecer, e se reorganizando no novo espaço que estava sendo apresentado para eles. Pesavento (2007) alerta-nos que:

Nesse processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente. Com isso, acaba por definir uma identidade, um modo de ser, uma cara e um e espírito, um corpo e uma alma, que possibilitam reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com a sua cidade (PESAVENTO, 2007, p. 17).

Essa relação de proximidade revela marcas dos vários sujeitos envolvidos nesse novo espaço, provocando interesse de continuarem tomando rumos de suas vidas, lutando pelos seus ideais. Os remanejados jacundaenses, passaram também pelo processo de desencantamento e reagiram, apesar de inicialmente esses sujeitos não terem participado do processo decisório do deslocamento e estarem fragilizados, não aceitaram passivamente, as resistências ocorreram. Para reivindicarem seus direitos, organizaram uma comissão mista composta pelos expropriados de Jacundá, Mojú, Breu Branco, Repartimento, Itupiranga, Cajazeiras, Tauari e Remansão. Essa comissão de representantes de todas as comunidades iniciou os primeiros passos para as reivindicações coletivas. Todos estavam ansiosos e elaboravam as propostas para a reunião com a Diretoria da Eletronorte, a fim de que fossem solucionados os problemas que vinham sendo protelados. Conforme Caldas:

Todos nós reivindicava os lotes de 21 alqueires, mas que fosse para todos que vivesse da terra, posseiros, pequenos proprietários inscrito na GETAT, demarcação imediata da terra feita pela Eletronorte, para que não houvesse conflitos, como já estava ocorrendo na demarcação feita pela GETAT. a gente pedia um valor de um alqueires de arroz, o pagamento do tempo parado, sendo que a Eletronorte tinha proibido a gente de trabalhar cultivando a terra depois da vistoria. Isso tudo foi as reivindicações que nós fizemos, a passeata que fizemos estremeceu Tucuruí, a gente ficava revezando quem ficava no acampamento. Era assim todos os dias. Isso tá tudo registrado em documento, acho que lá na empresa (Juracy Goncalves Caldas, 2003).<sup>19</sup>

O relato acima da entrevista de Juracy Caldas lembra-me os estudos do historiador E. Palmer Thompson (1998) que trata da economia moral da multidão inglesa no século XVIII na Inglaterra que discute a cultura política e as expectativas, as tradições até as superstições dos

---

<sup>19</sup> Seu Juracy, no período dessa entrevist, encontrava-se afastados de suas atividades laborais. Como funcionário público municipal, aguardava aposentadoria, mas trabalhava em casa consertando máquinas de datilografia, mimeógrafos e alguns trabalhos esporádicos em eletrificação residencial.

trabalhadores que com frequência se envolviam nas ações no mercado; sendo que ocorriam às vezes negociações e conflitos entre a multidão e os governantes, denominados pelo termo insatisfatório de motim.

Thompson (1998) indica a resistência, a interferência da multidão nos rumos da expansão capitalista, ao terem seus costumes desconsiderados, negados e modificados por mudanças nas relações econômicas. No século XVIII, os costumes eram muito fortes, assim, quando o capitalismo chegou a quebrar alguns costumes, a multidão inglesa lutou contra esses processos, pois o avanço do livre mercado interfere diretamente na economia moral dos trabalhadores. Thompson mostra que esses trabalhadores lutaram contra esse processo de negação de sua cultura, contra as regras do modelo capitalista que os levavam a comer menos, a se calçarem mal. Desta forma, houve motins por conta da má qualidade de farinha de trigo entre outros, como forma de ressentimentos pelo fim ou reorganização do modo paternalista. Assim, os motins, as manifestações populares são entendidas como formas de negação de modelo capitalista, o que mostra a participação dos trabalhadores nos rumos econômicos e políticos que a sociedade inglesa estava tomando no século XVIII. Pode parecer estranho buscar exemplificar uma luta de ribeirinhos expulsos de suas terras devido a construção de barragem no interior da Amazonia brasileira, com trabalhadores no interior de fábricas na Inglaterra do século XVIII; isso se dá por conta de que as lutas travadas também aqui pelos remanejados provocará uma identidade de luta e pertencimento, semelhante à multidão do estudo de Thompson, assim como acontecerá com os remanejados.

Contudo, apesar de os trabalhadores mostrarem capazes de lutar de forma organizada sem *atropelar* a justiça, não foi muito exitoso, mas conseguiram levantar a bandeira dos desabrigados da barragem. O exemplo disso foi a passeata organizada no dia 14 de abril de 1983, quando dois mil trabalhadores foram às ruas de Tucuruí e fizeram uma grande passeata e todos gritavam em uma só voz: “não queremos violência, queremos justiça, queremos nossos direitos: lotes de 21 alqueires, casa para morar, dinheiro para trabalhar” (relatório do segundo acampamento dos expropriados. No entanto, as armações não conseguiram desarticulá-los – arquivos da CPT na p. 01, 1983<sup>20</sup> a 1984). Segundo os remanejados muitos tentaram naquele ano espalhar pânico na cidade, com o objetivo de desarticular e atrapalhar a simpatia que

---

<sup>20</sup> Ver VALENTE, Dulcirene. **A Terra da Intromissão: Experiências Sociais na remoção da cidade de Jacundá (1980-1990)**. Monografia (graduação)-Universidade Federal do Pará. Centro de Ciências Humanas Departamento de História, Belém (PA), 2003. Quando fiz a pesquisa a CPT de Marabá, ainda não havia passado pelo processo de digitalização. Esses documentos, não tive a experiência de retornar aos arquivos, devido a restrição causada pela pandemia da Covid-19, os documentos que constam são ainda da época da graduação.

havia conquistado junto aos que vinham conhecendo a luta dos expropriados da Hidrelétrica de Tucuruí.

A priori, *resistência* passou a ser a palavra de ordem e não aceitaram o deslocamento para as terras da região do Pitinga, que no ano de 1984, não dispunha nem mesmo de estrada. Pela memória dos remanejados jacundaenses, algumas famílias começaram a ocupar espontaneamente a região do Lago de Tucuruí, com muita luta resistiram e ainda hoje permanecem nesse espaço. Esse é considerado o momento em que os remanejados, assim como os populares trabalhadores ingleses estudado por Thompsom (1998), demonstravam possuir uma consciência comum, ideologia e objetivos. Para este autor, a insubordinação em nome dos costumes, contra as racionalizações e inovações da economia era uma resposta dada por grupos como artesãos urbanos, roupeiros, barqueiros, etc, que eram vistos como desordeiros e afastados do controle social da *gentry* (THOMPSON, 1998).

Muitos de nós acabou não aceitando aquelas terras que mais parecia “o inferno”, sem água, sem estrada. O que aconteceu foi que nós tivemos que ser realmente corajoso e enfrentar a *EletroMorte*, lá pro Pitinga. Eu acho que ninguém ficou. Uns abandonaram, outros venderam e assim foi. Nós foi se ajeitando na beira do lago, que lá só se via gente nossa, mas que era pra ser nosso lugar mesmo, porque tinha o peixe, a caça a terra boa pra rocinha, mas hoje não tem só gente de Jacundá não, agora tem gente de tudo que é canto. Pessoal compra ilha, tem gente até com carteira de pescador e nunca pegou num anzol. Mas é isso mesmo, uns ganha outro perde (JUDERI 2003).

Os remanejados, ao perder a sua cidade seu modo de vida, do seu grupo de origem, se sentem a princípio deslocados diante do choque com o desconhecido, mas percebe-se que foi só no início, até se adaptarem, ou pelo menos aceitarem a nova condição, criaram suas próprias condições de viver, mesmo em situações adversas pelos quais estavam acostumados, vivendo sentimentos de exclusões, mágoas e revoltas constroem a sua história.

Para ASSMAN (2011), os traumas vividos pelos sujeitos são escritos do corpo e, ainda que aparentemente ausentes, são permanentes e deixam rastros. Nietzsche pergunta-se como permanecem estas marcas no animal humano e ele mesmo responde: “Marca-se a fogo, e com isso alguma coisa ficará na memória; só o que não termina, o que dói fica na memória.” (p.263). No caso dos expropriados, não aceitaram de forma passiva as condições impostas, por isso as *dores* permanecem na memória. Conforme as narrativas, ainda aconteceram outros enfrentamentos com a empresa devido ao descumprimento acerca do momento da entrega dos lotes. De acordo com os relatos dos expropriados, na ocasião foi entregue apenas um número de lotes, e quando iam tomar posse encontravam pessoas morando na terra, e isso acabava

provocando o conflito pela terra. Em função dessa desordem muitos tiveram que abandonar ou vender a preço muito abaixo, mas também alguns não aceitaram e exigiram novas terras.

O meu esposo Raimundo Têê, ele foi um dos que não aceitou as terras. No nosso caso foi tirado terra pra nós lá para o rumo de Goianésia. Era uma terra sem água, a estrada era feito ainda só as varedas (*pequenas aberturas de estrada*), terra só piçarra, muito ruim pra produzir a nossa agricultura de subsistência, e ainda tinha muito conflitos de terras. A GETAT dava terra pra quem conseguisse abrir, aí chegava um grileiro, ou mesmo o fazendeiro com condição e tomava a terra, porque conseguiam fazer bem feitoria mais rápido, era muita briga, a gente não tinha<sup>21</sup> costumes com esse disputa (Maria das Graças Araújo, 2021).<sup>22</sup>

As organizações de lutas dessas populações atingidas pela barragem foram intensas, principalmente por se sentirem desassistidas pela Eletronorte, como afirma Lucio Flavio Pinto (2010, p.26), a hidrelétrica de Tucuruí em muito serviu para enriquecer a Construtora Camargo Corrêa, assim como subsidiar energia elétrica para as empresas multinacionais. No entanto, a população foi obrigada a abandonar o seu lugar e sentia lesada. Conforme as narrativas, os interesses externos à região foram bem mais expressivos, considerando que a maioria da população da região sequer foi beneficiada pela energia elétrica, e muitos na época eram obrigados a usarem energia de geradores, para que pudessem ter minimamente o *desenvolvimento* que foi o discurso principal no final de 1975, com início das obras da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Para Hébette (2004):

[...] essa população toda ficou marginalizada de um progresso que beneficiou uma minoria, na prática, totalmente alheia a ela, até mesmo alheia ao Brasil. É o que há de se esperar quando os planos ditos de desenvolvimento são elaborados por empresas com interesses econômicos na região, mas sem compromisso com o seu povo; quando as políticas são estabelecidas em gabinetes fechados ao questionamento dos cientistas críticos, cujos estudos são engavetados e proibidos de serem publicados, e à crítica dos que se comprometem com o povo, mas sem a participação desse próprio povo (HÉBETTE, 2004, V.I, p. 339).

Convém ressaltar que os projetos destinados para a região não desorganizaram somente a vida da população local, mas também contribuiu para a destruição de milhares de espécies animais e vegetais, pois muitas espécies foram destruídas pelas águas ou pelo fogo, provocando resultado extremamente negativo para o meio ambiente. Quanto à poluição, apesar de terem passado por experiências traumáticas, iniciaram um processo de reelaboração no seu modo de viver, conviver com o novo. Pelas memórias relatadas por Nercir, Gonçalves, Graça,

---

<sup>22</sup> Em 2001, quando a entrevistei pela primeira vez, era professora do ensino fundamental I, na Escola Estadual Coronel João Pinheiro. Atualmente está aposentada.

Carmélia, Boneca, a empresa contratada para fazer o levantamento da população, que seria atingida pelo represamento do rio, não foi suficientemente aprofundada, pois não obtiveram um estudo que fosse definitivo sobre o meio ambiente. Até mesmo as definições sobre quem seriam os remanejados, e como seriam feitos os remanejamentos, teve um levantamento malfeito, contribuindo para desestruturar psíquica e socialmente os jacundaenses.

Nesse sentido, a empresa transfere os remanejados, pagam indenizações e a partir dessa ação, os sujeitos passam a viver por sua responsabilidade. A partir das entrevistas, a memória de meus colaboradores traz a narrativa que, com o pagamento e transferência para a outra cidade, se sentiram numa situação de invisibilidade. Em virtude do pagamento de indenização, a empresa não se sentia mais responsável. De acordo com Juracy Caldas (2003), “era como se nós não existisse mais, mas a gente estava bem presente”. Hebette, corrobora com a leitura sobre esses deslocamentos compulsórios, causados por esses grandes empreendimentos que foram implantados na Amazônia.

Na verdade, é uma organização social que é atingida, um ambiente de vida onde a população tinha lentamente desenvolvido seus laços de parentesco, de amizade e vizinhança, plantando seus pomares, criando suas escolas, suas áreas de lazer, seus centros de culto. É tudo isso que é destruído e que deveria, pelo menos, ser restituído nas mesmas condições. Não é substituível por qualquer terra pedregosa e sem água, por qualquer casa. O capital não entende a linguagem das relações primárias; sua racionalidade é de lucro, de produtividade, do tempo de trabalho; é a racionalidade das relações mercantis. Essa diferença torna o diálogo entre as partes – os camponeses e os índios por um lado, o capital por outro – quase impossível (HEBETTE, 2004, v. III, p. 151).

Conforme o autor, era impossível a convivência e diálogo entre as partes envolvidas nesse processo de deslocamento, pois seguindo a ordem mercadológica a Eletronorte não respeitou e não apresentou nenhuma possibilidade de diálogo satisfatório para essa população que estava “perdida”, diante dessa nova realidade apresentada, e não considerou as peculiaridades desse grupo de remanejados, que incluíam os ribeirinhas e povos indígenas.

Analisando a origem de meus colaboradores, mudar de lugar para muitos não se constituía um problema, pois já haviam vivenciado processos de mudanças, de abandono da sua própria história, separação da família, de reprodução social, de fragilização psicológica e emocional quando, em busca de melhoria de vida, saíram de seu estado de origem, ou saíram de suas cidades daqui mesmo do Pará, como por exemplo Cametá, Baião ou da cidade de Carolina do Estado do Maranhão. O que nos chama atenção é a maneira autoritário de como os Grandes Projetos invadem a vida dessa população, tirando o seu espaço de reprodução de sobrevivência, os seus costumes, seus sonhos. “Constitui-se em projetos agressivos,

representam uma agressão à região e às suas comunidades” (HÉBETTE, 2004, p. 150). Essa agressividade pode ser notada na fala de Graça:

Eu fui umas das pessoas que foi para escola Coronel João Pinheiro para ajudar, eu não sei o dia só sei que foi em 84, fomos todos pegos de surpresas, foi muito desesperador era gente chegando, a gente não tinha certeza de nada, não sabia se tinha gente morto, a única coisa era o horror que as pessoas contavam, falavam que era a coisa mais horrível, era animal morrendo afogado: porco, galinha, cachorro e a tristeza de não poder salvar os animais silvestre, a floresta foi toda tomada pelas água (Maria das Graças Araújo, 2021).

Percebe-se que a história de vida, a cultura, e o modo de viver dessa população passam a ser tratados como coisa, objeto, tendo em vista que o olhar da Eletronorte e a forma como os tratam, são apenas entraves para o progresso. Nessa perspectiva do capital, para desocupar, basta pagar através de uma indenização. O sentimento de coisificação fica claro desde o momento em que a Eletronorte adentra a cidade, o plano é sempre desqualificar tudo o que aquela população tinha como importante.

(...) Aí as minhas amigas umas foram pra um canto, outra pra outro, outra pra ruas longe da minha. Quando cheguei aqui, me sentir completamente perdida, né? Cadê as nossas músicas? As nossas brincadeiras? O nosso *sapatinho branco*? Era uma cantiga de roda: *sapatinho branco nem todos ficam bem/ sapatinho branco nem todos fica bem/ só na fulana que fica bem melhor/ só na fulana que fica bem melhor./ Se ela já namora / eu também já namorei, / foi com fulano que ela se casou, / teve doce, cerveja e guaraná, / só que não teve foi muito convidados*. Eu cheguei aqui com quatorze anos, mas ainda brincava de boneca. Lá na minha amada Jacundá o meu pai fazia casinha pra mim, eu tinha as minhas panelinhas, feitas de lata de leite, sardinha ai eu fritava peixe, aqueles pequenos, desde pequena eu já sabia mexer com peixe. Aí aqui nada disso tinha. As minhas amigas que moravam aqui era muito longe e outras, como já disse, foram pra outros canto (choro) (Zuleide Clacine 2021).<sup>23</sup>

Pollak (1989) afirma que, ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial. Essa observação de Pollak me lembra quando no ano de 2003, viajei a Marabá e fiz a primeira entrevista com Boneca,<sup>24</sup> apelido dado carinhosamente pela sua mãe, devido à baixa estatura, tinha 1.30 de

<sup>23</sup> Zuleide quando eu a entrevistei pela primeira vez em 2001, prestava serviço para a extinta Telepará, atualmente é artesã e dona de casa.

<sup>24</sup> Maria de são Pedro, mãe de três filhos, ficou viúva após seu marido morrer num acidente no garimpo submerso. Nasceu no ano de 1935, na cidade paraense Cametá. Foi agricultora, garimpeira, pescadora e barqueira. No remanejamento, decidiu morar em Marabá. Faleceu no ano de 2018.

Garimpo submerso: os acidentes ocorriam principalmente por desmoronamento de barrancos submersos, quando os garimpeiros encontravam paredões rochosos, faziam neles uma espécie de túnel à procura de cascalho favorável e as paredes por várias vezes não resistiam, despencando em cima do garimpeiro que, muitas vezes, nem era resgatado, ficando eternamente enterrado sob as águas do Tocantins.

altura, os cabelos lisos na altura dos ombros. Ela estava deitada balançando na rede, o barulho da corda cada vez que ela esticava para balançar, dava uma sensação de aconchego. Depois sentou e começou a encastoar um anzol.<sup>25</sup> Estava se preparando para uma pescaria no rio Tocantins que iria ocorrer a noite. Tinha uma voz forte e ao mesmo tempo suave. Ria de si própria, quando me confidenciou onde encontrava as melhores minhocas, e os perrengues que às vezes ocorriam durante as pescarias, também sobre época que resolveu ir para um garimpo no Mato Grosso. Ficou com a expressão séria, quando perguntei sobre a Velha Jacundá. Falou inicialmente sobre as belezas do lugar e das amizades que construiu, da saudade que tinha, e sobre a revolta que ainda era presente, inclusive ainda participava ativamente de encontros reivindicatórios que foram criados desde o remanejamento. A memória de Boneca sobre o impacto, depois da abertura das comportas da barragem, é reveladora, pois nos mostram que a Eletronorte nunca se preocupou muito com elaboração de um plano de reassentamento das pessoas que seriam atingidas. A empresa deveria ter estudado as características dos habitantes da região, com o objetivo de diminuir o impacto do projeto, visto que esse processo já era violento por si mesmo.

Quando em 1984 as comportas da barragem de Tucuruí foi aberta, quase que muitas pessoas iam morrendo. Eu já morava em Marabá, mas muita gente não acreditava que a água chegava em alguns lugares de Jacundá. Aconteceu uma tragédia, quando de repente tudo foi tomado por água. Era tanto animal procurando galhos das árvores pra se proteger, que você não pode acreditar. Pessoas em desespero, animais sendo mortos pelas águas, eles ficavam nadando de um lado para o outro na tentativa de encontrar um torrão de terra. As pessoas que estavam lá entraram em desespero. Eu não vi, mas eu chorava muito, porque eu sabia que a partir daquele momento eu nunca mais ia ver a minha Jacundá. Eu trabalhava no garimpo, eu tinha um motor, era assim eu me virava lá. Fui pra Marabá por conta de não ter um rio, o rio Arraias daqui dessa Nova Jacundá é um igarapé, pra nós que tinha costume com rio. Eu sempre venho aqui, porque aqui tá a maioria dos meus conterrâneos e a gente não consegue desligar dessa irmandade. Eu continuo pescando os meus peixinhos no Tocantins, só que agora é em Marabá (Boneca, 2003).

As lembranças de Boneca são compartilhadas por outros colaboradores destaco aqui a memória de Nercir:

Quando abriram as comportas da barragem, eu só sentia desespero, angústias nunca mais veria a minha cidade natal, porque a cidade inteirinha ficou debaixo d'água, inundou rápido, as pessoas pegavam só o necessário. Eu penso que era a imagem do dilúvio da Bíblia, mas graças a Deus pelo menos a caixa d'água ainda hoje se mantém de pé, pra provar que ali tinha uma cidade (NERCIR DERZZE, 2021).

---

<sup>25</sup> Ato de colocar adequadamente o anzol para evitar que a linha seja alcançada pelos afiados dentes do peixe.

A caixa d'água nas narrativas tem uma simbologia de resistência. A mesma continua erguida, inabalável, demarca a cidade perdida. Os desconhecimentos desses projetos pelas comunidades locais só agravam e reforçam as desigualdades estruturais e sociais. Ao mesmo tempo que imprime suas marcas. O indivíduo está sujeito a estas impressões. A velha Jacundá era uma cidade pequena, como afirma os próprios remanejados, “era um paraíso”, “um pedacinho do céu”. Pessoas com modo de vida simples e comunitário, estruturado num modelo de progresso individual, com os valores próprios do modo de produção capitalista. Esse modo de vida simples garantia o sustento das famílias, a partir de formas compartilhadas de produtos adquiridos na natureza como o peixe, o açaí, a castanha, a andiroba; mas, também de produtos plantados individualmente ou coletivamente. No ano de 1980, quando os remanejados começam a se dispersar de Jacundá, a média de idade era de 45 a 60 anos de idade, tinham em média de 3 a 8 filhos, desenvolviam múltiplas atividades de subsistência. No inverno, trabalhavam na extração da castanha, no verão aventuravam-se nos garimpos, costumavam praticar a caça, pescavam e cultivavam a agricultura de subsistência. Os principais produtos cultivados eram: arroz, feijão, milho e mandioca. Como esclarece o seu Agripino Bendelach:

Eu trabalhava no garimpo, na castanha, na roça, eu plantava, banana, arroz, feijão, batata, mandioca, milho, tudo enquanto, tudo que uma pessoa plantava numa roça tinha na minha. Eu também pescava. Era mais pro meu sustento. Às vezes eu vendia (BENDELACH, 2003).<sup>26</sup>

Eu trabalhava de roça com meu marido, garimpo e castanha. Quer dizer, no inverno era castanha, no verão era garimpo. Safa do garimpo, ia pra roça. Na nossa tinha de tudo: do arroz à melancia. Ah! Nós pescava também. Às vezes até vendia o marisco, para aquele povo que passa de barco (HILDA DE SOUZA, 2003).

Apesar de a maioria não comercializar os produtos agrícolas, alguns vendiam o excedente ou trocava por outros produtos. Muitos dizem que o comércio maior era com a venda de farinha de mandioca e que a melhor farinha era feita pelo *Giloca*. Era também presente o comércio de rapadura feita de cana-de-açúcar. Entretanto, apesar de venderem esses produtos para municípios vizinhos, não chegavam a alterar o comércio local. Um dos problemas era o difícil acesso a outros municípios, visto que eles tinham o rio como a sua principal *estrada*.

As dificuldades para escoar os produtos acabavam sendo um dos motivos para que cultivassem apenas para a subsistência. A pecuária também era bastante restrita, havia apenas três criadores de gado: o senhor José Marques, Antônio Lara e Benedito Rocha. Os dois últimos, nas falas dos entrevistados, eram os que mais se destacavam. Entretanto, vale ressaltar que

---

<sup>26</sup> Popularmente era conhecido pelo apelido de Zizito. Em Jacundá fabricava canoas, era pescador, castanheiro e garimpeiro. Quando eu o entrevistei, ainda lutava para conseguir uma terra e trabalhava fazendo diárias.

mesmo assim não poderiam ser chamados de grandes fazendeiros tendo em vista que, além das dificuldades com o transporte, a terra era pequena e os eles também dividiam a terra para o cultivo de agricultura de subsistência. Assim como os demais moradores, cultivavam o arroz, feijão e mandioca. Nada que alterasse o mercado local. O seu Antônio Lara, também era comerciante. Inclusive foi dono da única farmácia que existiu em Jacundá. Entre o passado e o presente, permanecem nas memórias dos habitantes da antiga Jacundá indícios de sujeitos, lugares e situações que permitem a compreensão da composição desse espaço e da identidade da população que nele habita, mediada pela oralidade e imagens preservadas pelos saudosos.

A foto da Figura 3 serve como exemplificar os currais das fazendas de Jacundá. Através da imagem, é possível perceber que se tratava de fazendas bem rudimentares, simples. A produção de gado na cidade não era uma atividade que se destacasse no município. Nesse período a fazenda, além de produzir leite, tinha uma lavoura de subsistência. As pessoas dessa foto, a mulher e o homem, são nora e filho do seu José Marques, respectivamente, que estavam passeando em Jacundá. A garota é a Zuleide, uma de minhas colaboradoras, o garoto era filho do casal. Essa foto foi tirada, segunda Nercir, nas férias de julho, no intuito de mostrar para os outros familiares que residiam em Brasília.

**Figura 3:** Curral da Fazenda do seu José Marques ano de 1977



FONTE: acervo pessoal de Zuleide M. Clacino (2021).

Percebe-se, que os jacundaenses eram pessoas com hábitos simples independentes da classe social que pertencia. Na formação dessa memória, Pollak (1989) destaca que alguns elementos constitutivos são recorrentes, como os acontecimentos vividos pessoalmente ou os “vividos por tabela”, os personagens e os lugares de memória. O primeiro caso são as lembranças, ou seja, a memória retida diretamente por um indivíduo ou por um grupo. Parte dessas lembranças dos remanejados são formadas por experiências sensoriais, cheiros, cores, sons, o que nos permite *passear* por esses lugares como espaços de memórias.

A memória de dona Teodorina, traz lembranças do tempo da fazenda, o caminho percorrido no qual, ao mesmo tempo se reporta ao perigo, ela procura amenizá-lo e reporta a experiência de viver num lugar onde produzia o seu sustento. Essas memórias são repetidas em outras entrevistas, o que remete a Maurice Halbwachs (2017). Para o autor, a memória individual existe sempre a partir de uma memória do local.

Nós tinha três fazenda: uma na Ilha das Frexeiras, outra no Come Onça e a outra na Sapucaia. Nós tinha roça, minha fia. Tinha mandioca, arroz, milho, feijão, abroba, melancia, muitas vezes eu ia pra roça pegar abroba, maxixe, quiabo, era grande a roça. Quando a gente ia passando no caminho, às vezes, a gente ouvia os grunhidos da onça, era muito boa a minha vida lá em Jacundá, nos tinha tudo do açaí, peixe à carne do mato (Teodorina Rocha, 2003).<sup>27</sup>

### Ou de seu Domingos

Nós trabalhava na roça, forante da roça, tinha castanha, a pesca e o garimpo. Mas era assim: quando terminava o plantio da roça, era que a gente tava nessa outra atividade. Minha roça tinha arroz, milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar. A gente plantava pra moer, pra fazer rapadura, fazer o mel pra vender. Assim, tudo na minha roça ajudava, né? (Domingos Araújo, 2003).

## 1.2 O Rio e seus encantos

*“Sem o rio Tocantins, Jacundá não existia” (Bedelach, 2003).*

De acordo as narrativas a vida boa que os entrevistados tinham na “velha Jacundá” é descrita principalmente quando falam do Rio Tocantins, do açaí, peixe e carne do mato. Elevam a estes elementos da natureza como o principal motivo para a vida de que gozavam na cidade. Os hábitos simples dos quais se orgulham em falar, evidenciam sempre que possível, e esse sentimento é observado nas pessoas, independente de grau de escolaridade ou classe social. Apesar da pesca ser mais uma das atividades econômica, porém destacam-se alguns que a base da economia de sua família vinha do pescado, pois comercializavam o produto com a comunidade local e com outras cidades. Conforme afirma Maria Odete ou depoimento de Seu Domingos:

Eu lembro do meu pai, muitas vezes saindo de casa duas, três horas da tarde e chegando de madrugada. Acordava a minha mãe, meus irmãos, todos nós de casa, para encambar o peixe, que ele pescava, para quando fosse seis horas da manhã a gente ia para rua vender, ou meu irmão mais velho ia a Jatobal para também vender o

---

<sup>27</sup> D. Teodorina, quando eu a entrevistei trabalhava em casa em seus afazeres domésticos, era uma mulher de uma gargalhada memorável, sentia uma profunda saudades da antiga Jacundá.

pescado. E muitas vezes vinha também ou barco do "Pirarara" e do seu "Curica" para buscar o pescado (Odete.V Filho).<sup>28</sup>

(...) Sinceramente eu não lembro do dia, mas eu estava num barco que inclusive tinha o nome de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ele tava cheio de passageiros e mercadorias. Chegou num certo ponto do Rio Tocantins, pois é, nós estávamos bem perto de Jacundá, aí naufragô. Morreu gente de Jacundá, foi uma tristeza, mas o jeito era esse. O transporte era de barco, então tinha que confiar em Deus e também no capitão do barco" (Domingos Araújo; 2003).<sup>29</sup>

O Rio Tocantins, nas narrativas acima representava a fonte de sobrevivência. Do rio eles retiravam o peixe para alimentação e muitos chegavam a ganhar dinheiro vendendo aquilo que excedia ao que a família produzia para o seu consumo. O rio tinha o papel de estrada, pois ele era também o meio de ligação com outras cidades e, sobretudo para enriquecer o imaginário como: a crendice na cobra-grande, o negro d'água, matintaperera, dentre outras. Entretanto, o rio não é somente lembrado pelas diversões, para muitos o mesmo rio que trazia alimentos, levava também entes queridos para as profundezas, deixando muitas famílias enlutadas. Como é lembrado por dona Rita Gomes.

O Rio Tocantins tinha muita cachoeira, inclusive tinham umas que eram bem violentas. No rio houve muitas mortes. O rio era importante porque tinha muita água, tinha peixe, era muito útil, mas, tenho receio dele, pois levou meu marido e quase leva minha netinha. Foram momentos muito difícil na minha vida. Por isso sempre falo: o rio dá, mas também leva. O Tocantins sempre foi o quintal da minha casa, inclusive, a parte aonde ficava a minha casa, falava o pedral do "garimpo bar", ou do "Zé Gomes" que foi o último dono do Garimpo Bar (Rita, 2002).

### 1.3 Rio como local de diversão

Fechar os olhos é viver parte da minha adolescência naquele rio. Brincando de "quebra bolha", "dando pontinha", apostando quem chegava na praia grande para pegar "azedinha". Apanhei muito de priprioca (risos), é um tipo de mato que dava na beira do rio, tinha um cheiro forte. Parece que eu tô sentindo aquele cheirinho... eu banhava em tudo que era porto. Era cada beira de rio era de alguém, mas era de todo mundo. é porque aquele que tinha o quintal de casa que o rio passava, sempre tinha o pedral, ai a gente chamava de porto de fulano de siclano. No caso, eu banhava quase em todos escondida da mamãe, mais eu ficava mais no da Consola, que também era nosso (choro). Falando sobre esse tempo, eu não tenho como não me emocionar. Bate saudades até das patacas que caíam de uma árvore que tinha lá no nosso porto. Era

<sup>28</sup> Em 2003 quando entrevistei a D. Odete ela trabalhava com turmas multisseriadas no Meio Rural, na região do Pitinga, pertencente ao município de Jacundá. Em 2021, quando a entrevistei, disse-me que está aposentada desde 2012.

<sup>29</sup> Seu Domingos quando eu o entrevistei, era aposentado, vivia na casa de sua filha, estava com uma perda de visão considerável.

um lugar bom pra pegar mandir, pacú porque eles subiam na flor da água pra pegar as patacas. Eu esquecia da vida no rio (Zuleide Milhomem Clacine, 2021).<sup>30</sup>

“A gente brincava muito. Tinha muitas brincadeiras no rio. A gente brincava de pescador, descia o rio de bóia, a gente ia descendo de porto em porto, “quebrava bolha”, era uma maneira de se divertir. A gente subia num barranco ou numa pedra bem alto, aí jogava uma pedra que, ao cair na água, criava umas bolhas, a gente tinha que chegar na água antes das bolhas sumirem. Era coisa de criança, mas que era algo que todos faziam” (Leoézio Nunes, 2021).<sup>31</sup>

Para os remanejados jacundaenses, e até mesmo para a geração seguinte, já nascida na nova jacundá, a memória da Velha Jacundá sempre é muito forte e, portanto, geradora de memória, esses lugares apresentados não são portadores de memória por si só. Ressalto o que caracteriza esses espaços não é dada pela sua simples existência. Para que esses lugares funcionem como portadores de memória, eles devem ser revestidos de uma intenção memorialista, uma “vontade de memória” (NORA, 1993.p. 22) que motive a construção do lugar de memória para tal propósito. Para Pierre Nora

São lugares com efeitos nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. [...] Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico, funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão, mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, p.21).

## 1.4 O Rio e o Porto

Os jacundaenses tinham uma forte ligação com a natureza, a floresta e o rio. O rio sempre é apresentado com maior destaque, visto que servia para a sobrevivência dessas pessoas. Era dele que tiravam seu sustento através da pesca, era lugar de diversão das brincadeiras das crianças, dos banhos dos moradores, de entrada e partida. A figura 4 mostra apenas uma ponta da rampa do porto. Nenhum de meus colaboradores souberam precisar o número de degraus da escadaria. Nessa imagem podemos perceber o fluxo de pessoas, era desse porto que entrava e

<sup>30</sup> Quando entrevistei Zuleide pela primeira vez, em 2001, ela trabalhava na extinta Telemar, em 2021 é artesã, e do lar. Atualmente reside na fazenda na estrada da Moram madeira meio rural de jacundá.

<sup>31</sup> Leoézio Nunes vou chama-lo de o guardião do museu, é funcionário da prefeitura, trabalha na biblioteca municipal e cuida do museu da História de Jacundá.

saía tudo que era produzido no município. Os barcos da fotografia alguns eram batelões,<sup>32</sup> outros com pequenos motores. Mas, pela memória, é revelada, que para transportes de passageiros nem sempre eram usadas chalanas como essa da figura 5, pois comumente o mais usual era canoas feitas de madeira, movida pela força humana através de remos, por ser mais barato. Entretanto, ressalto que os barcos maiores, movidos a vapor, no período áureo da exploração de castanha e diamantes, praticamente monopolizaram os caminhos do rio. Contudo, a canoa não fora descartada, pois continuava sendo o principal transporte dos ribeirinhos jacundaenses. Segundo Acevedo (2004, p.6-7), “no transporte fluvial, o barco a vapor provoca uma verdadeira revolução a serviço do comércio”. Os antigos batelões aos poucos são substituídos, e conforme a autora, a substituição da vela e do remo pelo motor a vapor teve influência significativa na inserção da mão de obra indígena e mestiça na floresta a serem empregadas na mata, na atividade extrativista.

**Figura 4:** Embarcações no Porto da Velha Jacundá, década de 1960



FONTE: Museu da História de Jacundá (2021)

Usar imagens dessas embarcações em sala de aula, sextos anos do ensino fundamental, seria muito oportuno para fazer com que os alunos reconheçam as mudanças que as navegações trouxeram à sociedade. Suscitar perguntas tais como: *o que acham o que é navegação? Você acha que navegar pode mudar o jeito de viver das pessoas? Por quê?* Essas perguntas acabarão suscitando questionamentos sobre as grandes navegações ocorridas ainda no século XV, que culminou na *descoberta* do Brasil. E também podem provocar a reflexão sobre a importância dos rios como estrada das cidades ribeirinhas, trazendo o questionamento da conservação

<sup>32</sup> Eram canoas com capacidade máxima de 20 toneladas e tripulação de 15 a 20 homens empenhados duradouramente no manuseio cadenciado do remo.

ambiental, visto que é notório a poluição de rios, mares e oceanos na atualidade. Assim como há tecnologias avançadas nos automóveis, é possível trabalhar com uma linha do tempo, apresentando as mudanças ocorridas nos modelos de embarcações, e os efeitos na vida de ribeirinhos para a economia do país. É importante destacar que, para usar essas fotografias como fontes, precisa ser vista o texto e o contexto no qual ela foi produzida, sempre objetivando fazer com que os discentes não as vejam apenas como figuras ilustrativas, mas que estão carregadas de história, que podem ser analisadas e avaliadas de maneira que possa produzir o conhecimento histórico.

**Figura 5:** Chalana no Rio Tocantins chegando em Jacundá, 1978



FONTE: Museu de História de Jacundá, junho de 2021

Na Figura 5 pode ser vista uma chalana. Era usada para transporte de passageiros para lugares mais distantes. Faziam viagens para Tucuruí, Belém, Cametá dentre outras cidades. Havia uma cozinha, a casa de máquinas, dependendo do tamanho chegava a levar até dez pessoas, todas devidamente acomodadas nos bancos de madeira. Mas, além de passageiros, as chalanas também eram usadas para transportar mercadorias e, algumas embarcações como esse exemplar, eram usadas como um mercado fluvial, que levava até os ribeirinhos, das ilhas mais longínquas, produtos alimentícios, perfumes, calçados, tecidos, remédios e, segundo seu Juracy Caldas, algumas dessas embarcações serviam como nas palavras dele de *casas noturnas*, pois levavam algumas mulheres que seguiam rio abaixo de garimpo a garimpo para se prostituírem.

O Porto é carinhosamente chamado de rampa. Ele é apresentado como um lugar simbólico, onde essa memória coletiva, vale dizer *essa identidade*, se expressa e se revela. É um lugar carregado de memórias, tendo em vista que, nas entrevistas, muitos lembravam desse lugar, referindo-se ao porto como um espaço social, a “entrada e saída da cidade”. “Um lugar de chegada e despedidas”, “alegrias do encontro para pescar, de contemplação”, para uma “roda

de conversa na lua cheia”, ou pra “quebrar borbulhas” quando o rio estava cheio, ou apenas por saber que ele estava lá, sempre esperando barcos cheios de esperanças ou desilusões, “o rio e rampa sempre estavam ali”. Essas são frases de memórias proferidas pelos meus entrevistados, quando se referem a esse espaço. As imagens do passado construídas desses espaços, é muito mais forte pelos sentimentos de “perda” que sente no presente. Como nos fala Seu Juderi, um senhor de pele clara, cabelos lisos, e magrinho. Tinha uma voz carregada de sotaque nordestino. Era muito bom de ouvi-lo. Quando vivia na antiga Jacundá, plantava a sua roça de subsistência, coletava castanha-do-pará e pescava para o sustento de sua família. Na época da entrevista, brigava ainda com a Eletronorte por ainda se sentir lesado. Quando eu o entrevistei, já havia aposentado, mas em 2004 faleceu, sem ter realizado o sonho de conseguir ser atendido nas suas reivindicações. Na fala de seu Juderi, ele apresenta a época áurea do porto e também de sua partida para a Nova Jacundá.

Para muitos podia ser só uma escadaria, mais lá era um lugar cheio de história, na época que a castanha dava dinheiro, esse porto fervilhava de batelão, de barcos grandes, de chalanas, que trazia e levava gente, as pessoas vinha com canoas cheia de peixe, era muito lindo, era alegre, a última vez que eu vir esse porto foi 1980, quando decidir sair, do meu paraíso, falo que decidir, porque foi o dia que eu quis, mais sair porque fui obrigado, nesse dia outros conterrâneos também estavam saindo, tinha crianças “tirando pontinha”, tudo pra eles era diversão, enquanto pra os adultos era só tristeza, eu olhei até quando não deu mais, daí, nunca mais voltei (Juderí, 2001)

Quando seu Juderi menciona que para muitos aquele espaço do porto poderia ser apenas uma escadaria, mas para ele representava muito mais, me reporto a Assman (2011, p. 317-361) quando menciona que os lugares fazem parte da construção significativa de espaços culturais da recordação, seja por sua ligação duradoura com histórias e “locais de famílias” ou de “locais de gerações”, por serem espaços do sagrado ou do mito, locais exemplares por serem históricos e, ao mesmo tempo, sagrados (a exemplo de Jerusalém ou Tebas), ou locais honoríficos com ruínas e objetos de outros tempos e civilizações como Roma e Atenas; sendo que as ruínas seriam tanto locais de lembranças ou estruturas abandonadas ao esquecimento.

## 1.5 O garimpo e o Garimpo Bar

*Hoje ele está submerso assim como toda a nossa Velha Jacundá (Caldas, 2003).*

A atividade garimpeira, do final de 1930 a meados dos anos 1950, também foi muito importante para a economia de Jacundá. Porém, neste período, segundo as narrativas dos

remanejados, não houve preocupações com a organização da infraestrutura do município, permanecendo sem grande expectativa. Contudo a exploração do garimpo de diamantes iria alavancar o povoado. Conforme Silveira (2001, p. 49 e 50), “Jacundá daria um salto em termos econômicos e demográficos, graças à descoberta de garimpos de diamantes nas suas proximidades”. Entretanto, ressalto que, segundo os entrevistados, o período áureo do garimpo enriqueceu apenas os atravessadores e, desse período, lembram sempre da exploração que sofreram a partir da chegada dos “donos do garimpo”.

Tais donos do garimpo geralmente eram os comerciantes que, além de controlar a produção e o comércio da castanha, controlavam também os meios de transportes, bem como parte da produção e comercialização dos diamantes extraídos em Jacundá. Segundo Silveira (2001), e a memória de Jacundá, nos trechos que correspondem aos rios Tocantins e Araguaia, que vai de São João do Araguaia à Velha Jacundá, foram descobertas muitas manchas de diamantes. Diversos garimpos foram palcos de muitos bamburro,<sup>33</sup> destacaram os garimpos Tira-Papo, Canal do Jaú, Piranheira e Tartarugalzinho, sendo que a maioria ficava no trecho entre Itupiranga e Jacundá (SILVEIRA, 2001.p.52-53).

A temática sobre exploração mineradora de Jacundá, possibilita o trabalho em sala de aula com alunos de 7º ano do ensino fundamental, e pode ser estendido até o 3º ano do ensino médio, fazendo analogia com o período aurífero do século XVIII, no Brasil colônia. Esse trabalho precisa ser feito com olhar para permanências e mudanças ocorridas nessa atividade, nos séculos XVIII, XX e atualmente no século XXI. As memórias de Jacundá, sobre essa temática, correspondem ao período áureo e decadência dessa atividade. Podemos trabalhar com essas memórias relacionando com o garimpo da Serra Pelada, na década de 1980 aqui no Pará.

Também é interessante fazer análise sobre o processo de exploração de força de trabalho desses sujeitos que, assim como os garimpeiros de Jacundá da década de 1930, e os da Serra Pelada, em 1980, viviam situações degradantes. Pode ser feita pesquisa sobre como eram as condições de vida dos garimpeiros de Jacundá, relacionando com os da Serra Pelada e com os trabalhadores escravizados e livres do Brasil colônia.

Com essa pesquisa podemos analisar as condições de trabalho nos três séculos. As atividades podem ser desenvolvidas com roda de conversa, com garimpeiros da antiga Jacundá e garimpeiros da Serra Pelada; produção de maquetes que representam essas regiões de garimpo; elaboração de murais com recortes de fotografias que mostrem as permanências e mudanças na condição de trabalho dos garimpeiros; realização de exposição de como funciona

---

<sup>33</sup> Expressão utilizada pelos garimpeiros, para definir sorte no trabalho, acertar na procura de um diamante precioso, achar uma pedra de grande valor.

a atividade garimpeira e os impactos ambientais. Através dessas atividades didáticas é necessário buscar no ensino de história a posição participativa, criativa e crítica dos discente, na expectativa de os mesmos se posicionarem como cidadãos críticos e transformadores do espaço em que estão inseridos.

A descoberta de garimpos iniciou um processo migratório, atraindo diversos trabalhadores do campo e da cidade, não somente da região, mas também de outros estados, principalmente dos estados do Maranhão e de Goiás. Segundo as narrativas, Jacundá, nessa época, recebia dezenas de garimpeiros, comerciantes, prostitutas, em busca de melhoria de condições de vida. A atividade de garimpagem nos pedrais de Jacundá se dava no mês de maio e se estendia até meados de novembro. Ocorria nesse período porque o inverno ficava mais forte nessa época. A chuva era abundante e cobria os garimpos. Nessa estação, conforme as entrevistas, a maioria dos garimpeiros iam para os castanhais, onde passavam a trabalhar para os *donos dos castanhais*, na forma de aviamentos, tendo em vista que muitos não guardava provisões para aguentar o inverno, e costumavam gastar tudo nas noitadas no Garimpo Bar.

O Garimpo Bar faz parte da memória de muitos dos antigos jacundaenses. Esse bar, era de propriedade do senhor Inácio Pinto, um próspero comerciante da cidade, o qual posteriormente tornou-se o primeiro prefeito eleito do município. O Garimpo Bar, era um espaço onde os homens costumavam se encontrar para jogar bilhar, conversar, entre um gole e outro discutiam política, e outros acontecimentos diversos da cidade. Era um lugar frequentado por todos seguimentos sociais da sociedade jacundaense, principalmente os homens.

Por ser o único bar naquela época, era um espaço sempre muito movimentado. Por isso, era comum ocorrerem brigas no interior. Inclusive, pela memória apreendida, em uma briga um homem foi assassinado. Mas dizem que foi um caso isolado porque, pela quantidade de frequentadores do Garimpo Bar, já era de se esperar. Muitos frequentadores, vinham dos diversos garimpos espalhados pelo Rio Tocantins, era de se esperar que houvesse muito mais brigas. O local tinha na sua clientela assídua os garimpeiros e prostitutas que vinham de diversos lugares do Baixo Tocantins, Goiás e do Maranhão. Segundo Juracy Caldas, além de ser o responsável por ligar o único motor de luz que gerava energia na cidade, também foi gerente por muito tempo do famoso Garimpo Bar, nos anos de 1950 até o final da década de 1960.

O garimpo Bar foi um lugar que se a gente pudesse ir até ele e perguntar os segredos de Jacundá, era lá que ficava sabendo. Era um lugar muito movimentado e também muito *ordeiro*. Lá se sabia das histórias das cozinhas das casas, mas também de política, economia. De tudo um pouco se discutia lá. Tinha sinucão, bacará (carteado) e atrás um salão de dança. Tinha muita mulher. Tinha noite que chegava a ter mais de 50 mulher. Mas lá era um cassino, mas não era um bordel. Sabe, né? As mulheres

saíam pra seus quartos lá no final da rua principal. Parente, eu tinha noite de vender mais de doze caixa de cerveja. Mas esse grande movimento dele foi quando o diamante era muito aqui pra essa região. Mas aí foi sendo tomado aos poucos pelos balseiros. Os garimpeiros começaram a trabalhar que nem escravo. Trabalhava pra pagar a comida. Sobrava pouco. Ainda tinha a castanha e outras coisa que dava renda, mas como foi na época dos diamantes, nunca mais vi. Parente, era muita gente na Velha Jacundá. Chegava gente de toda parte pra trabalhar no garimpo. Tempos bom aqueles. Se eu fechar os meus olhos, ainda sinto cheiro que eu só sentia lá. É uma saudade muito grande (Juracy Caldas, 2002).

A saudade expressada pelos entrevistados, quando perguntei sobre esse lugar de memória, principalmente os homens, é nítida. É interessante dizer que o Garimpo Bar, não ficava num lugar isolado, ele era situado praticamente em frente à Igreja Matriz. Havia o Cruzeiro no meio da rua em frente à Igreja, do outro lado, a cerca de 150 metros, no máximo, ficava o bar, separado da igreja pelo cruzeiro e a rua. Ao fundo, tinha o rio que as pessoas chamavam de *porto do Garimpo Bar* ou *do Zé Gomes*, o proprietário do bar na década de 1970 e dos anos seguintes.

Segundo a memória, após a decadência da extração de diamantes na região, o bar não tinha mais o mesmo movimento de outrora, mas continuava a funcionar. Sem a presença dos seus principais frequentadores, o local passou a ser um espaço também de festas importantes da sociedade jacundaense. Recebia apresentação circenses, mas continuava sendo um bar, com seu piso assoalhado, e com a grandeza da época do apogeu dos garimpos de diamantes. A decadência final desse espaço, tão querido na memória dos mais antigos, assim como o toda a cidade, começou a não ter mais a importância de outrora desde a chegada dos primeiros técnicos da Eletronorte, pois o *grande progresso* através da Eletronorte deixava claro que aquele lugar deixaria de existir.

Com a decadência dos garimpos, muitos que trabalhavam arduamente nas extrações do minério (diamante) retornaram às suas atividades tradicionais, ou seja, principalmente para o extrativismo vegetal. Ressalto que a castanha-do-pará, mesmo no período áureo da época dos garimpos de diamante, nunca deixou de ser importante para economia da cidade. Entretanto, o crescimento demográfico, ocasionado pelo advento e apogeu da exploração de diamantes, pouco mudou a maneira como os jacundaenses se relacionavam com a natureza. A partir das narrativas, os antigos moradores exaltam que nem sempre havia necessidades de dinheiro, porque eram livres para extrair da natureza muitas coisas de que precisavam e, portanto, compravam pouco. Geralmente, fabricavam ou consertavam seus próprios instrumentos de trabalho. Dizem os mais antigos que todos os homens e mulheres retiravam da natureza tudo que precisavam, isto é, sem necessariamente destruí-la. Vejamos esse depoimento de Maria Carmélia Gonçalves:

(...) tudo era farto. Se a gente queria um peixe, ia no rio e pegava; queria um açaí, ia no mato e pegava (...) a alimentação da gente não comprava. O dinheiro que se arrumava era pra comprar roupa, calçado, porque até o remédio, quando precisava, geralmente era feito de ervas que nós tínhamos, aí se curava (...) tomar banho e lavar roupa naquele rio, mas era bom! (Maria Carmélia Gonçalves, 2003).<sup>34</sup>

Lá na minha amada Jacundá a gente tinha tudo que precisava mesmo, quase todo mundo era fraco de condição, mas o alimento tinha sempre, porque você podia ir lá no rio pegava um peixe. Se você tivesse o açúcar, mas não tinha café, trocava com o vizinho. Se alguém matasse um viado, paca, anta, capivara ou até mesmo um tatu, a gente dividia com os vizinhos. A gente tinha o ovo de tracajá. Tinha os que vendia, mas era vendido pros mais ricos, que não iam pescar ou caçar. O açaí não faltava: tinha açaí branco, o vinho e também a bacaba comum e a de leite. Me chega dá água na boca só de lembrar do peixe assado na palha de banana, com açaí. A gente também fazia o pubo do leite de castanha. O pubo é o leite de castanha com farinha, aí a gente deixa pubar, e depois é só comer (Diquinha Queiroz, 2003).<sup>35</sup>

Os remanejados da Velha Jacundá pela hidrelétrica mantêm viva e presente suas histórias, utilizando as suas memórias para esquecer, relembram um passado bom, misterioso, de harmonia. Dessa forma que é apresentada a Jacundá da beira do rio é possível que seja uma tentativa de reconstituir esses espaços e de situações vividas, mas também como resistência. Ressalto que percebo a todo momento a necessidade desses sujeitos mostrarem essa Jacundá do passado na tentativa de não serem esquecidos. As relações que se desenvolvem numa sociedade podem ser harmoniosas, mas também conflituosas. Halbwachs (2017) mostra que, para uma melhor compreensão dessa capacidade da memória em criar e recriar esses espaços e situações vividas, “a história não é todo o passado e não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo” (HALBWACHS, 2017, p. 86). Diante do exposto é compreensível entender que, junto à memória que esse grupo não quer deixar desaparecer, existe uma necessidade latente de uma conexão com as experiências vivenciadas no tempo da Velha Jacundá. Seus costumes não podem ser reproduzidas no espaço presente, existe um medo no inconsciente de perder o elo que eles têm com o passado, com a vida que descrevem como boa e harmoniosa.

---

<sup>34</sup> D. Carmélia, gostava de ser chamada de Marina, era cozinheira da Escola Estadual Coronel João Pinheiro. Na época em que eu a entrevistei, mesmo trabalhando na escola, fazia encomendas de salgados para complementar a renda.

<sup>35</sup> D. Raimunda Queiroz, na época em que fiz as entrevistas, era apenas do lar e estava aposentada por conta de lesões causadas pela hanseníase. Ainda hoje reside na mesma casa no Bairro Eletronorte.

## 1.6 Benzeção e a medicina popular

*“Na falta de médicos, chamava a benzeadeira” (Caldas,2003).*

A Velha Jacundá era uma comunidade que se constituiu comandada pela floresta, um universo de saberes e experiências, onde os indivíduos traziam consigo uma trajetória e um modo de viver que lhes é peculiar. Isto se observa por meio de costumes, tradições, crenças, rituais diversas outras maneiras de serem, que direcionados pelos rios e florestas dinamizam as suas rotinas de vida e formas de produção necessárias à sua subsistência. Aproveitando de todas as formas dos recursos naturais que lhes eram oferecidos, costumam afirmar que os quintais de suas casas eram uma verdadeira farmácia viva. Além disso, muitos atribuem também à natureza, a vida saudável que todos tinham e com a ausência de médicos, procuravam outros meios para se curar. As benzeadeiras era que curavam. A legitimidade social das benzeadeiras está condicionada à eficácia de suas orações que, conseqüentemente, lhe trará de algum modo um prestígio social. À medida que a prática obtenha sucesso, vai criando dentro da comunidade um respeito. O povo começa legitimar aquela prática e, a partir daí, todos passam a respeitar. No caso de Jacundá, alguns lembram de dona Raimunda Caetano como a mais importante das benzeadeiras. Alguns inclusive me relataram que tinham medo dela, por conta de algumas situações em que presenciaram-na usando de seus conhecimentos ocultos. Segundo Del Priore (2001).

O papel da curandeira ou benzeadeira consistia em retirar o doente do mundo profano, graças ao emprego de palavras, prescrições e objetos simbólicos. Os sentimentos que despertava, medo, confiança etc, reforçavam a situação de poder da qual gozava e, mesmo se seus cuidados fracassassem, a inquietude e a angústia de seus clientes diante do desconhecido garantiam-lhe prestígios permanente (DEL PRIORE,2001, p. 95-96).

No contexto da falta de presença do estado, no sentido de prover hospitais equipados com médicos, na Velha Jacundá valiam-se de seus conhecimentos com as ervas e das (os) benzeadeiras. Conforme o excerto acima, as benzeadeiras despertavam muitos sentimentos, que ainda hoje faz parte do imaginário da cultura popular dos mais velhos jacundaenses. Mesmos na contemporaneidade não devemos esquecer que, no período colonial, benzeadeiras, também conhecidas como rezadeiras, eram a substituta do médico, pois eram muitos escassos. Diante disso, as benzeadeiras era a primeira opção de intervenção a vários tipos de mazelas.

É preciso lembrar que as benzedeira consiste em um grupo de resistência, que estão diretamente ligadas à preservação da memória, tendo em vista que os conhecimentos das práticas de cura são geralmente repassadas por gerações e, sendo em sua maioria, de religião católica (catolicismo popular), preservam símbolos, crenças, comportamentos que também evidenciam uma forma própria de contrapor os conceitos construídos e aceitos como incontestável. Segundo Le Goff (2003, pg. 469) “a memória coletiva não é somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder”. Vale ressaltar que no Brasil, longe dos avanços científicos da medicina, as perspectivas eclesásticas e médicas acabavam relacionando as doenças a castigos por algum pecado cometido, como aponta a Historiadora Mary Del Priore:

Carente de profissionais, desprovido de cirurgiões, pobre de boticas e boticários, Portugal naufragava em obscurantismo, e levava a colônia junto. O discurso de seus médicos inscrevia-se naturalmente no discurso da Igreja, dentro do qual a doença e cura estavam relacionados ao maior ou menor número de pecados cometidos (DEL PRIORE, 2001, p. 80).

Dessa maneira, de conformidade com o excerto acima, essa mentalidade disseminada pelos padres e médicos, alcançava toda a população, que via as mazelas como consequências das más condutas. Os jacundaenses viam nas benzedieras uma oportunidade de cura, visto que as necessidades preventivas de saúde básicas eram bastante escassas e, para sair de Jacundá em busca de tratamento, além de ser muito longe, havia também a falta de recursos financeiros. Então se valiam do que tinham: das ervas e benzedieras.

Conforme as narrativas, os jacundaenses retiravam dos seus quintais e da mata os remédios eficazes para combater doença. Convém evidenciar, a presença de dona Raimunda Caetano, grande benzedeira para “quebranto<sup>36</sup>”, “arca caída” e outras rezas fortes; o Maneco apagava fogo e estancava hemorragias só com rezas; e Dona Rosária, que curava dores de garganta, além de ser uma excelente costureira; seu José Cabral que matava com reza cobreiro e lagarta que atacasse a lavoura; ou dona Maria Cebolinha, que tinha reza tão forte que ficou cega por conta de uma feitiçaria que ela mesmo havia feito.

A reconstituição da memória dos entrevistados foi um elemento de extrema importância para construção do ofício praticado por essas pessoas, pois a memória é fruto de

---

<sup>36</sup> O temido mal de quebranto, atingia indistintamente homens, mulheres e crianças. Considerada doença capaz de introduzir-se no corpo pelos poros, era descrito em 1731, pelo médico Francisco da Fonseca Henriques, como o “mal perigoso, por ser feito de uma qualidade venenosa, que subitamente ofende os fascinados, cujos danos ordinariamente se não acode com os remédios de que necessita, pela pouca lembrança que se tem do quebranto e por que ele excita febres, dores de cabeça e outros sintomas que representarão uma doença de aspecto grave” (DEL, PRIORE, 2001, P. 89).

lembranças, as narrativas e as imagens, como na Figura 6, é na intenção de registrar a importância dessas pessoas na cidade de Jacundá, pelos quais as suas atitudes, representa resistência no ofício da cura. Referindo-se à imagem que a sociedade tem dessas mulheres benzedeadas, na obra *O que é benzeção* Oliveira (1985) diz:<sup>37</sup>

geralmente é de que seja uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde aquilo que é a benzedeadora. Ela é tudo isso e um pouco mais. E é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar; combina os místicos da religião e os truques da magia da medicina popular (Oliveira.1985, apud. Nunes,2020).

**Figura 6:** Rosário Curadora de Garganta, 1990



FONTE: Acervo pessoal de Seu Mundico, 2021.

Uma das benzedeadas, D. Rosária, chegou em Jacundá muito jovem. Era da cidade de Carolina do Maranhão. Em Jacundá se estabeleceu como costureira, casou e ficou viúva quando seu esposo num dia fatídico, foi assassinado num confronto com os indígenas Gavião. Costurava roupas feminina e masculina. Segundo depoimentos, não se curava dor de garganta sem que a Dona Rosária “enfiasse dedo guela abaixo da pessoa enferma”. Ela costumava enrolar o dedo indicador com algodão embebido na andiroba e depois introduzia o dedo na

<sup>37</sup> VER: As Práticas de cura das benzedeadas da Amazônia paraense: Saberes, Identidades e Lugares de Gêneros. ISSN: 1807-8214. Revista Ártemis, vol. XXIX nº1; jan, 2020. p.243-259.

garganta do doente. Precisava somente uma ou duas vezes fazer este processo para a garganta ficar curada. Na citação abaixo, traz o relato do procedimento desenvolvido por Rosário.

Eu acho que não teve uma criança que não passou pela cura de garganta que a dona Rosário fazia. Eu morria de medo quando a mamãe descobria que tava com dor de garganta, era levado até ela, mas curava mesmo. A gente falava que não tava sentindo mais nada, mas aí ela tinha um jeito de descobrir. Não era olhando a garganta ( risos), pasme! Era pelo braço. Ela mandava esticar o braço, ia passando o polegar de baixo pra cima no braço, ela começava da munheca até chegar no meio do braço, aí ela ia mandando a gente engolir a saliva, se ela encontrasse um caroço que fosse grande, enquanto ela percorria o braço (...) O procedimento era assim, ela derramava num pires uma quantidade de andiroba, (...) continuando, depois que ela colocava no pires uma quantidade boa de andiroba, aí ela enrolava o dedo no algodão (...) aí ela enrolava no dedo indicador e passava o dedo naquele azeite de andiroba. Era muito ruim. Andiroba é amarga, pior do que fel de paca. Não tinha jeito, a gente vomitava mesmo. Mas na mesma hora, depois que a gente passava por aquilo, já sentia o alívio. Já até sentia fome, era interessante depois de tudo ela falava: *o lado tal tá mais inflamado do que tal lado*. Era incrível! (Zuleide Milhomem Clacine, 2021).

Outra personalidade importante na cura de algumas doenças é a Raimunda Caetano. Assim como D. Rosário, veio de Carolina do Maranhão, em busca de melhoria de vida, se estabeleceu na cidade. É uma das pessoas citadas várias vezes nas entrevistas, por conta de seus conhecimentos curativos.

(...) ela era uma benzedeira das boas. Era só a gente sentir dor na boca do estômago, nas costas, na verdade um marasmo, fraqueza mesmo, podia pedir pra ela benzer que a gente ficava logo curado. Para benzer pra “arca caída” ela pegava um pano fazia num formato de uma corda, assim. Ela enrolava o pano e mandava a gente levantar o braço. Ela pegava colocava o pano enrolado assim em duas partes, aí media o braço esquerdo, ela colocava uma ponta do pano do dedo mindinho ao cutovelo. Fazia isso duas vezes, aí ela sabia o tanto que a arca tava caída, porque nessa medição ela ia rezando e ia olhando. Na medida que a ponta do pano aumentava, representava era o espaço da arca caída. Aí depois ela mandava ficar com os dois braços pra cima aí colocava o pano de maneira que ela ia enrolando o pano como se estivesse espremendo só que era no corpo da gente. O pano ficava bem abaixo do peito, conforme ela rezava, ia apertando, mais e mais o pano, quando finalmente ela terminava pegava o pano e media de novo o braço, se ficasse sem sobrar nada ela dizia que a gente tava curado, caso sobrasse tinha que voltar no outro dia. Parece mentira, mas ficava bom mesmo. Ela era uma mulher magrinha, mas não sei como ela tinha força pra fazer aquilo. Aí ela usava o punho da rede, ela mandava se enrolar. Conforme ela ia rezando, a gente ia apertando. Ela era uma mulher cheia de mistério. Ela foi embora pra Tucuruí. Morreu pra lá, mais nunca morou aqui. Vinha só buscar o aposento aqui, mas depois que transferiu, vinha só pra ver os conterrâneos (Juraci Gonçalves Caldas, 2003).

### **1.7 Maneco apagador de incêndios e contendor de hemorragias**

Maneco, era do estado do Maranhão, chegou em Jacundá na década de 1930, no período aurífero na Antiga Jacundá. Veio no sonho de *bamburrar*, no garimpo de diamantes, mas como

não conseguiu essa proeza, iniciou na empreitada de castanheiro, e nas horas que necessitavam de seus conhecimentos de rezador, não media esforços para poder ajudar. As pessoas que o conheceram, falam que ele era uma pessoa caridosa, trabalhador e muito querido por todos. Maneco é esse senhor de sorriso fácil, da Figura 7. Essa imagem foi feita na frente de um depósito de castanha-do-pará, ainda na antiga Jacundá.

**Figura 7:** Maneco – garimpeiro, castanheiro e rezador, 1983



FONTE: Acervo pessoal do Mundico, 2021.

Conforme a descrição de Caldas Maneco era amigável, trabalhador e sua reza tinha o poder de controlar incêndios e cicatrizar feridas:

Ele não tinha família de sangue lá em Jacundá, mas era como se tivesse. Todos era amigo dele. Ele era um homem bem pretinho que chegava ser azulado, era muito trabalhador, trabalhou muito no garimpo, mas a atividade que ele ficou até a gente vir pra cá foi a extração da castanha. Eu mesmo presenciei algumas vezes ele rezar pra acabar com incêndio. De uma das vezes, acho que em 1977 foi quando pela última vez os índios gavião botaram fogo nas casas. Às vezes acontecia isso, os índios botava fogo nas casas à noite. Era eles porque eles deixavam as marcas. Eles colocavam numa casa e noutra não, pra gente saber que não tinha sido acidente, que tinha sido eles, pois lá em Jacundá quase todas as casa eram feitas de taipa e coberta de palha, ou toda de palha. Era muito fácil queimar. A cidade toda acordava. Se o fogo se alastrasse, as pessoas pegavam os seus pertences e colocava no meio da rua. Dessa vez eles começaram o fogo na parte de baixo, lá pra onde ficava o campo. O fogo vinha queimando tudo, foi obrigado irem atrás do Maneco. Ele tinha tomado umas cachaças, mas deu conta do recado. Ele pegou uma vara verde e ia rezando, e o fogo que vinha comendo tudo foi parando (Juray Gonçalves Caldas, 2003).

Se você se cortasse, podia pedir pra o Maneco rezar que dava certo. Depois que ele rezava, queimava um pedaço de algodão e coloca em cima do ferimento, queria ver sair sangue (CALDAS,2003).

Para Maurice Halbwachs (1990), ao preservar a memória (o passado), o grupo preserva sua identidade, tendo consciência de si mesmo e das relações existentes na sociedade atual. Portanto é importante entender a importância das benzedeiras. Nesse trabalho de pesquisa também as vejo como resistência, pois as mesmas são muito importantes não apenas no processo de curas, mas também em preservar a memória por gerações.

Essas histórias dos benzedores estão presentes nas memórias, por meio de fragmentos do passado, possibilita e dá-nos a conhecer um pouco desse trabalho. Mas cabe afirmar que o ofício de cura aqui, não se configura como trabalho enquanto produção de riqueza, de acúmulo de capital e lucro, era apenas demonstração de respeito e solidariedade para com a sua comunidade, visto que os mesmos não dispunham de médicos na cidade, e como forma de pagamento, às vezes recebiam alguns agrados, principalmente gêneros alimentícios, ou apenas um abraço de gratidão.

Outra questão que pode ser depreendida do excerto acima, muito lembrado pelos moradores da Velha Jacundá, são os confrontos entre os indígenas Gavião e os jacundaenses. O que pude depreender da memória foi que em Jacundá o conflito com a tribo Gaviões era muito intensa por conta de que o povoado se situava exatamente à foz do rio Jacundá, cujo curso fluvial era o principal caminho de acesso às suas aldeias. Além disso, havia também as maiores reservas de castanhais que ficavam exatamente no meio da reserva Gavião. O que pude perceber que havia uma tensão preeminente entre ambos. Por isso, as guerras ocorriam e muitos homens morriam tanto do lado dos homens *brancos*, quanto dos gaviões. Porém, segundo depoimento de dona Juliana, apesar de ter ficado viúva por conta de um confronto entre seu esposo e alguns Gaviões, garante que morreu muito mais indígenas.

Meus filhos, tava tudo pequeno quando fiquei viúva. Meu marido morreu matado pelas flechas dos índios. Ele ficou tão flechado que não dava nem pra reconhecer, eles colocaram flechas em tudo que é quanto dele (Juliana,2003)

Conforme o trecho acima, muitas outras mulheres ficaram viúvas por conta dos embates entre os homens do povoado e os indígenas. Mesmo após aparentemente as contendas entre ambos terem dado uma trégua, entre os anos de 1970, existe na memória o relato que ainda por

mais de dez vezes a vila foi atacada. Por conta disso, muitas expedições foram organizadas, para exterminar os indígenas. Os homens saíam armados com suas espingardas e muitas munições à captura dos indígenas. Quando conseguiam, era dizimação quase total, incluindo mulheres e crianças, mas essa história deixarei para uma discussão futura.

## 1.8 Os pedrais

*Servia pra tudo, era o nosso mirante (OZÉLIA, 2021).*

Os pedrais estão na memória como uma das mais belas paisagens que contribuía para embelezar ainda mais Velho Tocantins. Era o lugar para namorar, para chorar por um amor que partiu, bem como um local para *quarar* e alvejar as roupas. Dizem os mais velhos que as roupas só ficavam realmente brancas, quando ficavam expostas ao sol nos pedrais. As areias encontradas nos pedrais também eram utilizadas para dar brilho nos utensílios de alumínio. Percebo uma relação muito próxima com a natureza e a paisagem, sendo o rio um lugar especial na memória. Vejamos o que nos diz Ozélia:

Os pedrais era um lugar lindo, me divertir muito ali, a gente namorava, reunia pra conversar, era um lugar que servia pra todos. As donas de casas quando iam lavar roupas aproveitava os pedrais pra *quarar* roupa; as crianças aproveitavam pra ficar tomando banho, *quebrando borbulha*, procurando peixinho que ficava nas pocinhas que se formavam nas pedras. Mas tenho uma lembrança muito forte que foi de uma mulher que era prostituta, isso na época dos garimpos, ela pegou uma doença que ficou com o corpo todo cheio de caroço, o pessoal chamava ela de “Dina Pira”. Ela ia todos os dias pra o pedral com um pente e ficava nua pegando sol e se coçando. Eu achava aquilo muito triste, aquela mulher sozinha pensando na vida. Logo ela morreu e quem cuidou de todos os preparos para o enterro foram os homens. Eu tinha uns doze ou treze anos nessa época. Mas eu lembro muito mais das coisas boas, a gente banhava muito, ficava com frio sentava no pedral e pronto, rapidinho estava aquecida. Depois, já adolescente, eu e as minhas amigas a gente se reunia lá pra conversar, sonhar, fofocar era pra tudo mesmo. Eu muitas vezes fui ao pedral pra chorar, pra rezar por que era um lugar tão lindo que trazia paz para o coração. Olhar o pôr-do-sol de cima daquelas pedras era a coisa mais linda que os meus olhos já viram. Aquela cor laranja com vermelho era é inesquecível, e melhor ainda com quem a gente ama, eu fazia muito isso (Ozélia,2021).

No excerto acima a memória que vai sendo construída percebemos uma memória pessoal, mas aos poucos vai desvelando uma série de acontecimentos que incluem a comunidade pela qual percebo uma história social. Esse relato me fez levantar muitos questionamentos quando nos expõe a *Dina Pira*, uma mulher que contraiu uma doença que a levou ao óbito. Os homens da cidade se compadeceram e cuidaram de todo os procedimentos

fúnebres, o que já é muito curioso. Retornei às casas de alguns colaboradores e eles me afirmaram que a Dina era prostituta, foi muito *famosa* na época dos tempos áureos do garimpo, e acabou fixando moradia na cidade. Não tinha família, e viveu até os seus últimos dias na antiga Jacundá. Evocar elementos materiais ou simbólicos ausentes, é engrandecida, segundo Halbwachs (2017), pela memória coletiva. Esta é produzida e propagada pelos depoimentos que os sujeitos possam ter autorizados e expressam através de diferentes lugares sociais. A imagem da Figura 8, mostra parte dos pedrais que havia no porto de Consola, mais ao fundo, pelas narrativas, desse ponto poderia atravessar para um outro pedral que era bem alto e comprido, que já dava acesso, em poucas braçadas, a uma praia conhecida como *Praia Grande*.

**Figura 8:** Jovem casal no pedral do Porto da Consola 1979



FONTE: Acervo particular de Francisco João Borges, 2003.

A história dessa foto me chamou atenção. Essa jovem tinha 15 anos e o jovem tinha 17. Eles namoravam, mas separaram quando ele foi embora para São Paulo. A jovem ficou e esse pedral que serviu como cenário dessa paixão, para ela passou a ser o espaço de recordação, onde ela ficava horas a lembrar de seu amor.

(...) A amizade em Jacundá, eu acho que eu, não encontrarei, nunca mais, porque lá era mesmo que morar tudo numa casa só. Parecia mesmo que era uma irmandade. Sinto muita falta de tudo e de todos. A nossa irmandade nunca mais pode ser igual. A gente se espalhou pelo mundo afora. Eu não me canso de falar: pode ter o que tiver aqui, mas amizade igual àquela nunca mais vou ter. Era um carinho de irmão mesmo, de parente de sangue (Zelita, 2003<sup>38</sup>).

<sup>38</sup> D. Zelita quando, em 2003, me concedeu entrevista, trabalhava apenas no lar, estava esperançosa que seria indenizada pela Eletronorte.

Ao observar a citação de Dona Zelita, saliento que esse sentimento é compartilhado por todos que entrevistei. As relações de amizade eram fortalecidas de diversas formas, para as crianças não era permitido cumprimentar os mais velhos pelo nome. Sempre tinha que pedir bênção chamá-los de vó ou vô fulano de tal, ou tia ou tio fulano de tal. Segundo os mais antigos moradores, essa maneira de tratamento fazia com que fortalecesse a relação de respeito e amizade, perpetuando uma continuidade de união na comunidade. A amizade também podia ser reafirmada por um ritual nas festividades do dia de São João, no dia 24 de junho; e a de São Pedro, no dia 29 do mesmo mês. Todos se reuniam para apreciar a fogueira e a quadrilha sertaneja, muitos aproveitavam para torna-se parente de fogueira, fazendo ritual de passagem na fogueira, e assim estabeleciam o sentimento de amizade e parentesco. Parece estranho para os dias atuais, mas a maneira como desenvolviam as relações sociais em Jacundá (o fortalecimento de amizade, compadrio e parentesco, feitos na fogueira durante as festividades juninas) ainda prevalecem entre os mais velhos. Entretanto, como bem lembra Zuleide:

Na Jacundá velha nós começava os preparativos pra festa no dia 23, quando já começava pegar a madeira pra fogueira. Era quase uma competição, cada um fazia a fogueira na frente de sua casa. No dia 24, dia de São João, a gente reunia com os vizinhos e fazia munguzá, assava batata doce, brincava de ciranda e, geralmente, na frente da igreja, ou na frente do Garimpo Bar, fazia a quadrilha sertaneja. Uns vestiam de pescador, castanheiro, de várias formas e dançava. Era muito divertido. Depois que acontecia a quadrilha, a gente ficava nas portas pra passar a fogueira, era pra ser “primo”, “maninha”, “compadre”, “comadre”, “meu cheiro”, “minha rosa”, “lacinho”, “primo”, dentre outros.

(...) a gente ficava em roda da fogueira no meio, aí a gente ia pegava um pedaço da madeira em chamas, e passava a fogueira, a gente colocava as mãos sobre a labareda e ficava de um lado e do outro lado do fogo, aí a gente falava o seguinte “São João disse, São Pedro confirmou, fulano de tal será meu “compadre”, “comadre”, ou qualquer outro parentesco, porque Jesus confirmou”, repetia essa frase por três vezes, aí quando finalizava a gente confirmava se abraçando e gritava viva São João!! (Zuleide Milhomem Clacine, 2021).

Conforme o excerto, após afirmação do ritual, consolida ainda mais a relação de respeito que aparecem na maioria das narrativas. Não foi revelado nas entrevistas pessoas, na Velha Jacundá, que vivesse em situação de insegurança alimentar. A maioria eram pessoas humildes, porém jamais passavam necessidade de alimentação, mesmo aqueles que passavam por momentos de enfermidade, não tinham como adquirir seu alimento, todos dividiam o peixe, a caça, o açaí, e farinha até que recuperasse para conseguir seu próprio alimento. É presente na memória o Baixinho, este morava afastado da cidade, pois tinha adquirido lepra (hanseníase) e pela inocência/ignorância descobrira a enfermidade após a doença ter se manifestado da forma mais perigosa, e não tomava os remédios. Isso contribuiu para a manifestação da doença, sem

que houvesse mais jeito de cura. Mesmo este, não passava necessidade pois era comum ser agraciado coma ajuda dos amigos. Percebi que havia entre eles uma relação comunitária muito forte. Como afirma a Juliana:

Olha a nossa amizade em Jacundá era muito forte, as pessoas se ajudavam como pode, matava uma caça, costumava dividir com a vizinhança, o Baixinho, por exemplo, quando ele adoeceu e quase morreu, as pessoas cuidavam dele, levando comida, remédio. Era assim, todo mundo tinha medo da doença né, mas ele nunca ficou desamparado. A mesma coisa acontecia com a família que tivesse ruim de condição, os pescador dava o peixe, a farinha e assim a gente ia se ajudando. Eu mesma tive muita ajuda quando eu fiquei viúva, até hoje sou muito agradecida por tudo que faziam por mim, até emprego eu ganhei (Juliana Araújo, 2003).

Jacundá foi retratada como uma cidade pacata, harmoniosa e feliz, mas também com sérios problemas de infraestrutura, não havia hospital, a educação era limitada, não havia escolas que possibilitassem o ingresso dos jovens numa formação profissional melhor. Consta que havia somente duas escolas em Jacundá o grupo escolar “Coronel João Pinheiro” de 1º a 5º série ginásial, e a Escola “Teotônio Apinagés” está última localizada em Jatobal.<sup>39</sup> A Escola Pequeno Príncipe funcionava numa sala cedida na câmara Municipal, entre os anos de 1978 a 1980, servia como aula de reforço, considerando que nessa época a Escola Cel. João Pinheiro era a única que atendia em Jacundá, e as crianças só poderiam ter acesso ao ensino, somente a partir dos sete anos de idade. Assim, como é expressado na citação abaixo. Jacundá também tinha as mesmas dificuldades educacionais que assolavam o País. A falta de prioridade do investimento em educação prejudicava de forma mais significativa as famílias pobres. Os filhos das famílias com mais recursos financeiros, por outro lado, tinham acesso facilitado ao ensino, e poderiam cursar universidades na capital.

(...) a minha filha foi aluna nessa salinha da Odete, naquele tempo, não atendia as crianças pequenas nas escolas, era difícil as crianças antes dos sete, tinha que ficar em casa, e também não havia preocupação de ensinar, parece que pensavam que criança antes dos sete anos não aprendia, aí a Odete se transformou na tia Odete, ela alfabetizava, ensinava mesmo as crianças, até desfile os pequenos participaram com a Escola Cel Pinheiro (ROSA PEDRA GURGEL, 2003).

**Figura 9:** Desfile cívico, Escola Cel. João Pinheiro com a turma do Pequeno Príncipe 1979

---

<sup>39</sup> A vila Jatobal ficava em frente à antiga Jacundá, na margem esquerda do rio Tocantins, em Jatobal acontecia a baldeação das mercadorias que saiam de Marabá para Belém. a estrada de ferro construída entre os anos de 1908 e 1946, que ligava Tucuruí ao porto de Jatobal, contribuiu significativamente para o aumento de sua população e das atividades financeiras do povoado. As pessoas que vinham trabalhar na construção da estrada de ferro, se Instalavam em Jatobal, também era atraído ao povoado um pequeno comércio para suprir as necessidades mais básicas dessa população que se estabelecia. Ver: SILVEIRA, Claudionor. A cidade submersa.



FONTE: Acervo particular Odete Filho, 2021

Tinha uma outra escola que funcionava lá pra perto da prefeitura, eu não sei o nome, ela quase não é lembrada, porque a escola considerada mesmo, era Coronel João Pinheiro, essa outra escolinha funcionava num prédio de dois andares, era do município. Não sei bem se era de criancinha (Ozélia Maria V. Lima, 2021).

A imagem acima é muito representativa, não por ser de um desfile cívico, mas por se tratar do último desfile escolar realizado na Velha Jacundá. O local é próximo a prefeitura, podemos observar que as ruas já encontram todas cheias de mato, é visível o abandono, “Nós estávamos desesperançados, nada mais fazia sentido, tudo era despedida” (Odete V. Filho, 2021). A escola referida no trecho acima é a pequeno príncipe que é apresentada na fotografia acima, segundo meus colaboradores, essa foto é o registro do primeiro e último dessa escolinha. Vale ressaltar que, graças a constituição de 1988, a criança foi colocada como sujeitos com direitos e finalmente a educação infantil foi incluída no sistema educacional.

A Escola Coronel João Pinheiro, anteriormente chamada de Grupo Escolar Coronel João Pinheiro, tinha quatro salas de aulas, uma diretoria, secretaria e uma cozinha com refeitório. Fundada em 1961, no mesmo ano da emancipação política de Jacundá, a princípio ela funcionou apenas com as 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série, no ano seguinte já em 1962 passou a ofertar a 5ª série, e somente a partir de 1979 passou a ofertar a sexta série. No ano de 1968 o grupo escolar, passa a ser chamada de E. Estadual de primeiro grau Cel. João Pinheiro, no mesmo ano passou a ser administrada por Aida Coelho Pinto Sanches, que seguiu como diretora mesmo após a transferência para a Vila Arraias em 1981, permanecendo no cargo até 1988.

Inicialmente, assim como os antigos moradores da antiga Jacundá, a escola também ficou sem um local próprio, passou a dividir o espaço na vila Arraias, com a Escola Municipal Deputado Raimundo Ribeiro de Souza. A fotografia abaixo da escola Cel João Pinheiro, é um demonstrativo de um lugar de memória para os remanejados jacundaenses, considerando grande relevância na compreensão do passado, pois ela pode servir como auxiliar na recordação de um passado da comunidade em um lugar memorável.

A imagem é fonte reveladora do passado do antigo grupo escolar, a memória revela que o espaço da escola, foi um ambiente de muitas festas memoráveis, era um espaço lembrado por festas comemorativas de dia das mães, festa junina, auto de Natal, dia dos namorados entre outros. Dessa forma, considerar um lugar de memória, Pierre Nora (2013) considera que: “lugares onde a memória se cristaliza e se refugia se liga a momentos ímpares e particulares da história de quem vive cada momento”.

**Figura 10:** Escola Coronel João Pinheiro, ano 1974



FONTE: Acervo particular Odete Filho, 2003

A foto acima apresenta a parte frontal da escola, segundo Odete, era num momento de recreação. Encontrei a senhora dessa foto, é dona Eunice. Vive na Jacundá atual, e me revelou que ela era a inspetora da escola, nessa época, e que a escola Coronel João Pinheiro era um lugar de grandes manifestações culturais, e o prédio mais bonito da cidade.

Após o remanejamento dos jacundaenses e jatobalenses, as escolas Coronel João Pinheiro e Teotônio Apinagés, ambas foram reconstruídas na Jacundá atual pela Eletronorte, porém depois de muitas lutas acirradas pelos moradores remanescentes contra a referida empresa. Discutirei sobre isso num outro momento. Pela memória apreendida os outros

“confortos”, muitas vezes supriam essa deficiência, pois a vida sossegada na qual muitos memorizam, afastavam os jovens que não estudavam mais, por estarem de envolvimento com bandidagem, conforme os testemunhos. Muitos, afirmam que os jovens, passavam a aprender a mesma atividade do pai, pois assim, haveria continuidade das profissões dos mais velhos, dizem que era difícil encontrar um rapaz que não soubesse tecer rede ou malhadeira. Quanto às moças passavam a aprender a pintar, bordar e a esperar que um dia encontrasse um bom rapaz para casar-se, mas havia também aquelas que para estudar iam trabalhar de empregadas domésticas em Marabá, mas conseguiam continuidade aos estudos. De acordo a citação abaixo:

A minha irmã era uma menina muito inteligente, não tinha como ela ficar presa em jacundá, ai minha mãe que DEUS a tenha, deixou ela ir pra marabá contrariando meu pai, ela arrumou a sua trouxa e foi trabalhar em marabá para poder estudar, terminou o ginásio e voltou pra jacundá. O mais importante de tudo isso foi que ela assim que chegou arrumou emprego de professora. É ela não pode da continuidade porque antigamente universidade não era assim não, tem uma em tudo quanto é canto (M<sup>a</sup> ONEIDE S. LIMA,2020).

Conforme pude observar, era comum acontecer de algumas jovens tomar esse tipo de atitude, e mais, raramente os mais idosos da Velha Jacundá sabiam ler. Por conseguinte, é no início de 1980, que os jacundaenses, acatando as ordens do Estado, representado pela Eletronorte, são obrigados a saírem de suas residências, e deixam para trás todos os sonhos, sem perspectivas de dias melhores, contando somente com a sorte, deixam o rio Tocantins, os pedrais, a Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o barracão da Santa, o campinho de futebol, seus entes queridos enterrados e juntos deixam a juventude castigada pelo excesso de sol adquiridos nos garimpos e pelas noites acordadas nas “esperas” de caça, e das festividades da padroeira.

(...) eu já tive tanta revolta, que naquela época eu tinha vontade de jogar uma bomba naquela hidrelétrica, era dor e frustração era só o que eu sentia as humilhações que nós passamos em tudo, até a nossa padroeira não tivemos direito, eu tenho certeza que se a Velha Jacundá, não tivesse sido inundada, até hoje a gente viveria lá, acho que tinha se transformado num ponto turístico igual a gente ver por ai, aquelas vilinhas com as mesmas riquezas que a gente tinha, hoje eu digo que a revolta foi embora, acho que tenho mágoas só isso, é difícil a gente deixar toda uma história pra trás, é como se tivesse roubado a nossa vida ,na verdade roubaram. Hoje em dia tudo está só na nossa memória, às vezes eu penso de escrever um livro, tenho medo disso tudo se perder (Maria Nercir Derze, junho de 2021).

O que se pode depreender dessa citação, é que exprime em grande parte o sentimento guardado pela maioria de meus colaboradores, fala-se “havia uma revolta,” mas, percebo que

essa revolta permanece em diversos momentos nas narrativas, ainda latente, é tão forte que fazem questão de nunca esquecer, continuam reivindicando direitos junto a empresa e se organizam para só relembrar o tempo da Jacundá. Assmam (2011), corrobora a cerca dessa análise, quando a autora usa o exemplo do Holocausto, que por mais que tenha passado longos anos, o Holocausto não “ficou pálido” e “descolorido” com o passar dos anos, mas, paradoxalmente, está mais próximo e vivo do que se imaginaria. A memória dos remanejados revela que mesmo passado anos a memória do evento de remanejamento compulsório, vive, ainda com autora exemplifica:

(...) Quanto mais nos afastamos de Auschwitz, tanto mais próximo esse evento está, tanto mais somos acoçados pela lembrança desse crime”. Hoje não temos mais que lidar com uma autossuspensão, mas, pelo contrário, com uma intensificação do problema da memória. Isso se deve ao fato de que a memória experiencial das testemunhas da época, caso não se deva perder no futuro, deve traduzir-se em uma memória cultural da posteridade. Dessa forma, a memória viva implica uma memória suportada em mídias que é protegida por portadores materiais como monumentos, memoriais, museus e arquivos” (ASSMAM, 2011.p.19).

Ressalto aqui, o que pude perceber foi que, para os remanejados jacundaenses, a experiência de viver o momento de ruptura de seu modo de viver, fez aflorar uma unidade no grupo que possivelmente se criou, ou se aproximou, a partir desse remanejamento compulsório.

## 1.9 Trabalho: diversão e devoção

*“Nós trabalhava, se divertia e festejava a Santa” (JULIANA COSTA, 2003)<sup>40</sup>*

Para essa população fica apenas a memória de um lugar que está submerso, mas que apesar de não existir a antiga cidade, a memória continua viva, e os momentos de lazer, é ressaltado com muitas gargalhadas, em suas narrativas sobre o jogo de futebol entre jatobalenses e jacundaenses levavam centenas de populares para o campo, e na euforia do momento os torcedores das duas cidades elevavam a rivalidade, surgindo a qualquer provocação para lutas corporais. Contam os mais velhos sobre uma aposta entre os jatobalenses e jacundaenses, durante uma partida de futebol, ela consistia no seguinte critério, o time perdedor teria que jogar uma partida vestido de saia, isto gerou a maior polêmica, os jatobalenses perderam e os jogadores tiveram que pagar a aposta, no calor da partida com os

---

<sup>40</sup> D. Juliana na época em que me concedeu a entrevista trabalhava como zeladora na escola Cel. J. Pinheiro.

homens vestidos de saia, uma das filhas de um dos jogadores não aguentou a humilhação e iniciou uma violenta briga, que ainda hoje é viva na memória dos que levaram pedradas pela torcida enfurecida. A rivalidade entre estas duas cidades, separadas pelo rio Tocantins, não se limitavam somente ao campo de futebol, estendia-se a outros eventos sociais. Vejamos esse depoimento.

Teve um dia que as meninas de Jatobal fizeram uma festa, e disseram que só entraria na festa aquele que tivesse de calça azul e blusa rosa, aí nós de Jacundá preparemos nossas roupas e fomos, ficamos esperando a reação deles, não falaram nada mais acabaram com a festa meia noite. Nós só de pirraça ficamos na rua principal bebendo e cantando a noite inteira e só de manhã voltamos pra casa (MARIA DE LURDES CRUZ, nov. 2003<sup>41</sup>).

É difícil enumerar os conflitos mais marcantes dessa relação social entre jatobalenses e jacundaenses, Religião e política sempre foi motivo de discussões. Na religião não se tratava de conflitos entre católicos e protestantes, porém era entre os dirigentes dos festejos dos padroeiros, essa disputa entre as comunidades se deu até o ano de 1980, quando ambas foram remanejadas. Na Jatobal, o padroeiro era Nossa Senhora dos Navegantes, em Jacundá, era Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Segundo a memória dos remanejados, os dois festejos eram memoráveis. Tanto em Jacundá quanto em Jatobal a população se dizia católica, porém a quantidade de fiéis praticantes era muito pouco, e os protestantes que havia também não era uma quantidade significativa.

Um fato curioso lembrado pelos antigos moradores foi à construção da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que foi construída após duas tentativas, os mais antigos afirmam que a Igreja caiu duas vezes e, somente na terceira vez, conseguiram mantê-la erguida. Acreditavam que a Santa não queria ficar na ponta da rua, e quando fizeram na parte central a Santa aceitou.

O festejo da Nossa Senhora do Perpetuo Socorro acontecia na 2<sup>o</sup> semana de outubro, durante 09 noites, todos os dias pelas manhãs durante as festividades da santa, as seis horas da manhã soltava fogos, e o sino era tocado com 12 badaladas as animações eram feitas por som mecânico de Cametá, dentre os que destacavam era a aparelhagem *Navegante*, *Flamengo* e *Cafêrana*, muitos doavam porcos, galinhas, e outras coisas, para que fossem leiloados. Os moradores neste período abriam as portas de suas casas para os romeiros, haja vista que na

---

<sup>41</sup> Também Conhecida Como M<sup>a</sup> Do Prego, Foi Professora Da Escola Coronel João Pinheiro , No Ano Da Entrevista Era Aposentada E Residia Em Itupiranga, Vinha A Nova Jacundá Apenas Para Rever Os Amigos.

cidade não havia hotéis e o povo se organizava nas casas dos conhecidos pela memória apreendida dos remanejados não havia um festejo melhor naquela redondeza.

(...) O festejo era uma maravilha, o finado gostava muito, nós doava pra igreja, prendas, era muito bom, me dar uma saudade que dói no meu coração, eu lembro de uma música, lá do barracão da Santa, era assim: o papagaio tá falando até demais, tudo que ele ver ele pede ele quer, querias! queria! (Teodorina Rocha, 2003).

Para mim nunca existiu um festejo mais lindo do que aquele que acontecia em Jacundá, a gente brincava, 09 noites sem parar, tinha leilão, o pessoal que vivia nas ilhas vinham todos pra cidade, gente de Marabá, Tucuruí, Itupiranga, vinha gente de toda essa redondeza, até de Belém. Bons tempos era aquele. (Maria Carmélia de J. Gonçalves, 2021<sup>42</sup>).

Durante as festividades, muitos casais aproveitavam para os laços matrimoniais, para realizações de batizados e primeira eucaristia, pois era neste período que os padres da prelazia de Cametá realizavam tais cerimônias. Contam os jacundaenses que as festas eram regadas de muita bebida e diversão, porém não se têm lembranças de brigas que pudessem observar consequências sérias, para então acabar a festa. A partir do final da década de 1960, o festejo além de ser significativo para os jacundaenses como o momento de confraternização entre todos da comunidade, também incorporavam no festejo a preparação para as despedidas dos homens que iriam para os castanhais. A partir de então, os festejos aconteciam no segundo domingo de outubro, era exatamente quando os castanheiros recebiam seus aviamentos e, portanto, teria dinheiro para gastar e ao mesmo tempo receberem a bênção da padroeira para mais uma longa jornada de trabalho. Como nos esclarece a dona Odete, a procissão seguia em cortejo pela cidade marcando a comemoração e devoção por Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro:

Vinha gente de todos os cantos pra o festejo, a gente fazia a procissão de Nossa senhora, que era o passeio pela cidade, a cidade era muito pequena então fazia isso, era feito um andor, ai tinha os homens do apostolado que era o seu Inácio Caetano, era o Zezé, era o seu Mimim, seu Giloca, Maneco... Era vários homens, alguns deles de branco com um laço vermelho no peito, ai tinha as mulheres também vestidas de branco identificando que era do apostolado, e ai aqueles homens, eram responsáveis pela levada da santa, ai na frente ia a imagem da santa, e atrás vinha a imagem de São José. Durante esse período do festejo tinha casamento, batizado, a primeira eucaristia, era um momento de festa, a igreja se preparava pra isso, porque nem sempre tinha padre fixo lá, ai no festejo era certeza (ODETE V. FILHO, 2021).

---

<sup>42</sup> D. Carmélia de Jesus foi professora da Escola Coronel João Pinheiro, atualmente está aposentada, ainda sente saudades de Jacundá.

**Figura 11: Antiga Jacundá Procissão de N.S. do Perpétuo Socorro,1977**



FONTE: acervo Hilda Souza, janeiro de 2003.

A Figura 11 explicita um momento muito importante de religiosidade, podemos observar os homens carregando a imagem da Santa num andor, e nesse momento são sujeitos da história do Círio como os “guardiões” da santa, também com muita importância, logo atrás da Santa, vinha São José, o santo padroeiro dos trabalhadores e, portanto, não poderia faltar. Essa imagem é condizente com o depoimento de dona Odete e dos demais entrevistados. Portanto, antes de ser pensada como documento a imagem deve ser pesquisado, analisado pois devemos considerar que ela é a própria história daqueles que a contaram ou mesmo, que o autor da imagem decidiu o que é importante, ou mesmo incorporar algo conforme ele desejar. Boris Kossoy, compreende que usar fotografias como fonte histórica, é “assim como a palavra é a expressão de uma ideia, de um pensamento, fotografia [...] é também a expressão de um ponto de vista (KOSSOY, 2014.p.54).” E importante atentar para o que a imagem nos revela, compreender que a imagem é manipulada por quem a produziu, qual o texto e contexto que é expressado, quer seja direta ou indiretamente.

Curioso também foi que essa fotografia é do ano de 1977, coincidentemente, foi o ano da chegada dos técnicos contratados pela Eletronorte. Os jacundaenses desconhecendo do que estava por vir, realiza um dos últimos círios na cidade. Logo o clima de insegurança e incertezas iria tomar conta do pensamento do povoado. Conforme a narrativa, basicamente todos os entrevistados eram católicos quase que se desconhecia outras religiões. Carece ressaltar algo bem peculiar que chega ser improvável para os dias atuais, é a maneira como eram vividos os *dias grandes* – a Semana Santa, nesse período durante sete dias algumas pessoas faziam uma espécie de purificação, de maneira que não praticavam as suas atividades corriqueiras, como por exemplo, caçar, pescar, tomar banho no rio depois das seis horas dentre outros, principalmente os mais velhos levavam à risca esses dias. Durante os sete dias dessa *Semana*

*Grande*, se rezavam o *terço* todas as noites alternando-se as residências onde eram praticadas as orações, o ponto alto dessa semana era dividido nos dois últimos dias na Sexta-feira Santa e no Sábado de Aleluia. Vejamos as narrativas depreendidas.

Geralmente, na Sexta-Feira Santa, acordava com o som da matraca, era tocada às seis horas da manhã e ao meio dia e seis horas da tarde, a gente se ajoelhava e rezava, tinha pessoas que choravam de emoção, era o momento do sacrifício de Jesus por nós, ninguém tomava banho no rio, não xingava, não ouvia música, não penteava os cabelos, não tirava leite, tudo que era de alimento era feito na quinta –feira, os pais não batiam nos filhos pelas traquinagens, tinha que falar bem baixinho, tudo porque era o momento do velório do nosso senhor Jesus. Quando era nesse dia, a igreja ficava o dia toda aberta, com o senhor morto, essa imagem do senhor morto eu acho que, até hoje está na igreja da Perpétuo Socorro, ele tem o tamanho de um homem com um metro e sessenta mais ou menos. A gente ia pra igreja, rezava e voltava pra casa, alguns jejuava o dia todo na Igreja, era como se a gente participasse de um velório mesmo (Maria Ozélia V. Souza, 2021).

Foi possível ainda depreender da memória de Jacundá, a cultura da malhação do Judas.<sup>43</sup> Esse dia era divertido para os moradores. Nas primeiras horas do sábado, após o dia santo, ou seja, meia noite e um, os malhadores de Judas começavam seu ritual. Segundo as narrativas, “roubavam” galinha, porco, e roupas, chapéu e outros acessórios, para confeccionar o boneco, as roupas roubadas, geralmente caracterizava o mais parecido com o desafeto da vez, geralmente fazia alusão a algum político. Os produtos do furto eram compartilhados com os próprios que foram “roubados”, que geralmente acabavam se rendendo a festa, contudo nem sempre era tão harmonioso, aconteciam brigas quando os malhadores eram surpreendidos. O boneco era escondido para que o outro grupo fosse procurar, quando encontravam era uma festa no meio da rua estraçalhavam o boneco, a brincadeira prosseguia no barracão da santa com muita música, e a festa ia até o dia amanhecer. Na Jacundá atual, tentaram manter essa tradição, mas foram surpreendidos com a desaprovação das pessoas. Os já estabelecidos desconheciam esses costumes, desconsiderando qualquer tentativa de os novos moradores da cidade permanecessem a recriá-los, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes julgando-se humanamente inferiores (ELIAS, p.13).

Entretanto, apesar de resistirem, os remanejados sentiam-se marginalizados, mas persistiram nos seus costumes por algum tempo, pois essa prática servia também como um elo entre eles, pois a malhação de Judas, fortalecia as relações sociais, para não esquecerem quem

---

<sup>43</sup> A malhação do Judas é um ritual católico que se inscreve nas celebrações a Semana Santa, período que marca simbolicamente a imolação, sacrifício e ressurreição de Jesus de Nazaré para a crença cristã.

eram e quem seriam nesse novo espaço, mas sobretudo manter a tradição das críticas sociais, apesar de que atualmente, essa prática não é mais usual entre eles, conforme a citação abaixo:

Nós muitas vezes fomos chamados de preguiçosos, cachaceiros, falavam que a gente não gostava de trabalhar, eles só não entendiam a nossa cultura, e a gente tinha que aceitar, eles eram a maioria, então muitas coisas que nós fazíamos era logo discriminado, isso fez com que muitas de nossos costumes a gente teve que “esquecer” (Leoézio Nunes, 2021).

A despeito das narrativas de luta, enfrentamento e resistência, plasmou-se entre os mais idosos uma memória de passividade e harmonia com a natureza. Para os antigos moradores de Jacundá, ela é caracterizada como uma cidade pacata e mesmo idílica, formada por ribeirinhos, pescadores, catadores de castanha e alguns poucos comerciantes, cheia de fartura, de amizades duradouras, de uma beleza peculiar, com um pôr-do-sol jamais visto em outros lugares, com pedrais e praias encantadoras. Uma narrativa que pode ser associada aos discursos sobre a região relacionados à natureza, ao exotismo e mesmo ao paraíso (PRESSLER, 2010, p.162-163). Jacundá foi descrita como uma cidade pequena com duas ruas, a rua da frente, que ficava à margem direita do Rio Tocantins, e onde ficava o comércio local, a Escola Cel. João Pinheiro, a Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro, então padroeira do município, o barracão da Santa, o cemitério, o campo de futebol e as casas residenciais. Já na rua de trás, tinha a prefeitura, a escola municipal Pequeno Príncipe, que funcionava dentro da câmara municipal de Jacundá a caixa d'água e apenas duas residências. As evidências contidas nas fotografias podem ajudar a perceber, também, como estes espaços, lugares, momentos eram vividos e sentidos, conforme Boris Kossoy na fotografia:

A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem morrem, os cenários se modificam se transfiguram e também desaparecem (KOSSOY, 2001, p. 155-156).

A Figura 12 é referente a parte de cima da rua principal que ficava próximo a rampa. As casas apresentadas eram feitas de taipa com reboco, e coberta de telhas de barro, eram poucas casas que tinha cobertura de telhas de barro, a maioria eram apenas de taipa e coberta de palha, havia também aquelas com paredes, portas e cobertura toda feita de palha.

**Figura 12:** Vista parcial da rua principal da Velha Jacundá



FONTE: Acervo particular de Nercir Derze Marques 2003

Como exemplar podemos observar na Figura 13 algumas pessoas capinando a rua. Segundo a memória dos colaboradores, trata-se do momento que antecederam o último festejo da padroeira, nesse período tudo era despedida, essas pessoas são homens da comunidade fazendo o mutirão, esse local ficava na parte de baixo da rua principal, pelas narrativas a casa que está do lado direito da fotografia, e afastada das demais, era a casa e também uma pequena mercearia da dona Consola, o espaço entre as casas, era o caminho para o porto de dona Consola, que ficava bem ao fundo da casa, num outro momento já falei sobre os *portos* da cidade. Um ponto curioso nessa fotografia é a distribuição de portas frontais das casas. Geralmente havia duas portas. As casas poderiam ser de barro, tábua ou somente de palha, mas traziam esse aspecto em suas construções.

**Figura 13:** Mutirão de limpeza da parte central da rua da frente na semana que antecede o festejo, 1979



FONTE: Museu da História de Jacundá 2003

## 1.10 A saída obrigatória

*“Eu trouxe uma semente de cada fruta que eu pude” (Juliana,2003)*

Conforme os relatos dos remanejados, de todos que pude entrevistar, é notório que a construção da barragem iniciou um outro período em suas vidas. É comum as suas histórias apontarem um tempo anterior e posterior a barragem, sempre falam de antigamente e hoje. O hoje é sempre para falar da situação atual vivenciada, e tem a construção da barragem como o princípio dessa nova experiência social que desenvolveram na Vila Arraias. Silveira (2001, p. 93), relata que no momento que é definido para o remanejamento para a Vila Arraias, a população de Jacundá tentava levar tudo que considerava útil, ou tudo que fosse possível transportar. Conforme o relato de dona Juliana:

Eu não ia deixar a minha casa pra outros chegar e tomar conta, não deixei nenhuma fruta no pé, tirei também, aproveitei pra trazer as sementes pra plantar aqui, nós era fraco de condição, mais sempre tivemos nossos quintais, carregados de pé de fruta, eu pra vim pra cá foi junto com outra família, agente reunia duas três família aí dividia um caminhão pra trazer as coisas pra cá, pro Arraia (Juliana da Costa, 2003).

As coisas ficaram muito complicada, a Eletronorte ajudou muito pouco, aí a gente retirava tudo que podia, eu conseguir trazer madeira boa da minha casa, até um tempo desse, essa parte da minha casa, eu fiz com madeira de lá da velha Jacundá, mais teve amigos que não conseguiram, porque a Eletronorte já não dava mais transporte, aí todo mundo se acomodava como podia, vinha de duas três famílias juntas. (Juracy Caldas, 2003)

O trecho acima, nos ajuda a compreender que a ajuda oferecida pela empresa foi insuficiente. Vários moradores desmanchavam suas casas e os materiais que conseguiam tirar empilhavam próximo a rampa para que, à medida do possível, fossem transportados e reaproveitados no espaço que seriam destinados. A ordem era que carregassem o que pudessem. A população entendeu e quase não ficou nada inteiro, como pode apreciar nessa fotografia de parte da primeira rua na antiga Jacundá, já na década de 1980, muitas casas abandonadas, os poucos moradores que resistiam, ainda acreditavam que a água não chegaria até as casas, mas também me contaram que não tinham condições para se retirarem, os primeiros que saíram foram aqueles que tinham melhores condições financeiras

**Figura14:** Parte central da rua da frente na antiga Jacundá,1980



FONTE: acervo pessoal Mundico,2021.

Essa imagem reflete a desolação dos que ficaram, mas também a revolta. Segundo os relatos, muitos destruíam suas casas para que ninguém pudesse ocupá-la ou para levar o que pudesse. No entanto, por não acreditar que tudo ficaria submerso, segundo dona Graça chegaram a pensar que a “Eletronorte estava mentindo, pois queria era explorar os diamantes que ainda existiam”.

O novo espaço destinado aos desabrigados pela barragem de Tucuruí foi a Vila Arraias. Aparentemente foi um encontro amistoso, porém, podemos perceber um silenciamento na fala de alguns entrevistados como a Júlia Cristina, Manduca, Maria Dias e Lúcia Cabral.

Michael Pollak (1989) estabelece uma série de possibilidades para a compreensão destas memórias silenciadas. Por exemplo, as memórias das populações perseguidas na ditadura Stalinista, ou as memórias de pessoas sobreviventes do extermínio causado pelos nazistas. Em uma sociedade segundo o autor, existem inúmeras memórias coletivas, se estas memórias estão em consonância, articuladas com a memória dominante, podem ser harmonicamente apropriadas. Caso contrário, tornam-se memórias subterrâneas, acessíveis apenas por operações da história oral. Ainda de acordo Pollack (1989) memórias podem ser tanto individuais quanto coletivas, uma das maiores amostras de memória coletiva é a memória nacional, suposta pelos interesses de quem detém o poder, no caso, podendo ser o próprio Estado.

Portelli (1996) no texto *O massacre de Civitella*, traz um exemplo bem alegórico em relação a quem detém o poder e, portanto, a memória oficial, isso aconteceu na Itália, em 29 de junho de 1944, o chamado *Massacre de Civitella*. Nesse episódio, as tropas de ocupação nazista assassinaram 115 civis da cidade italiana de Civitella, como represália à morte de três de seus

soldados por membros da resistência italiana. Esse acontecimento produziu duas memórias bem distintas sobre ele. As viúvas e os filhos das vítimas sobreviventes do massacre construíram uma memória de negação do papel da resistência naquela cidade, responsabilizando os partisanos pela morte dos seus entes queridos. Eles seriam assim irresponsáveis por tentarem resistir à ocupação nazista. Mas para a memória oficial, o massacre foi visto como um episódio de bravura, de resistência, cujas vítimas foram atribuídas à condição de heróis.

Retomando o exemplo do nazismo, o autor Michael Pollak, em seu texto *Memória, Esquecimento, Silêncio* afirma que o silêncio diante de uma memória traumática surge de maneira imposta tanto para os culpados como para as vítimas. Os culpados preferem evitar culpar as vítimas e essas possuem medo de culpar os culpados. “As razões de um tal silêncio são compreensíveis no caso de antigos nazistas ou dos milhões de simpatizantes do regime, elas são difíceis de deslindar no caso das vítimas” (POLLAK, 1989, p. 4). O autor segue dizendo sobre como as memórias traumáticas são transmitidos.

Opondo-se à mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e ou política. Essas lembranças proibidas (caso dos crimes estalinistas), indizíveis (caso dos deportados) ou vergonhosas (caso dos recrutados à força) são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante (POLLAK, 1989, p. 4).

A partir da análise desse trecho, é compreensível entender que o silêncio surge por medo do que se diz, e por ser uma memória traumática, uma memória que provoca dor lembrar de coisas tristes. Os expropriados falam que se sentiam estranhos, invasores e invadidos na Vila Arraias, já os arraienses, sentiam-se invadidos, dado ao fato de que ninguém conversou sobre a chegada desses novos sujeitos que se instalaram “como se fossem os legítimos donos da cidade”.

Nós nos sentimos “invasores”, porque quando chegamos aqui já tinha muita gente com suas culturas, costumes, até um padroeiro já tinham, nos jogaram aqui como se fossemos nada, parece que não estavam mexendo com seres humanos, esqueceram que nós éramos um povo com uma história, com nossas tradições (Leoéze Nunes, 2021).

A minha avó, dona Almerinda ela chegou aqui em 1977, ela dizia que de repente chegou os alagados e queriam tomar os melhores espaços, teve até o problema com as casas na quadra, queriam que as casas deles fossem feitas lá, só que já tinha gente. (Gildeana Araújo, 2021).

Pensar nessa tensão entre os arraienses, moradores mais antigos (legítimos donos da terra), e os expropriados, recém-chegados (invasores), como algo bastante semelhante ao

comportamento dos moradores da comunidade Wiston Parva (nome fictício de uma pequena cidade inglesa), analisada por Norbert Elias e Jonh L. Scotson (2000, p.20-21), onde os moradores de uma área na qual vivia o grupo mais antigo e “estabelecido” na comunidade tratavam os recém-chegados como um grupo com menos virtude, vistos como “os de fora” ou “outsiders”. Assim, a antiguidade conseguia criar tanto uma coesão grupal quanto uma identificação coletiva.

A memória dos remanejados, homens que passaram por transformações em suas vidas, a partir da transferência para a Vila Arraias (atualmente Jacundá), um espaço adverso ao que eram acostumados, pois ficam às margens de uma estrada, ou seja, era radicalmente diferente das margens do Rio Tocantins no qual exercia grande influência na vida deles.

As perdas que sofreram a partir da transferência, são evidenciadas quando os entrevistados idealizam a vida em Jacundá e criam diversas formas para demonstrar a negação para com a atual cidade. Portanto, é natural que rememorem somente os fatores que lembram a época à beira do rio, a qual apresenta a segurança e estabilidade. Neste sentido a memória contribui para a afirmação de suas identidades. "Naquele tempo, lá em Jacundá até a amizade era mais verdadeira”. Nestas lembranças há sempre uma visão idílica de um passado, e uma não identificação com o presente:

Nós deparamos com pessoas estranhas, o alimento então! Passou a ser totalmente diferente. A nossa alimentação, era muito saudável, era farto (...) hoje meu marido vive na labuta hoje tá com problema de coração e nós não temos parte do que tínhamos lá. Até a amizade era mais verdadeira um ajudava o outro, aqui o peixe é difícil, o peixe é gelado e caro (Maria das Graças Brito, 2003).

(...) A gente na antiga Jacundá podia dormir de portas abertas que não acontecia nada, não tinha ladrão, não tinha confusão, aqui nesse Jacundá a gente não tem direito de falar nada, se falar no outro dia amanhece morto, a alimentação aqui, é a carne de gado, eles colocam medicação e isso fica fazendo mal pra gente, só ver gente com barriga grande, pressão alta, coração grande (Juracy Caldas, 2003).

Entendo que, com a nova realidade a qual os remanejados tiveram que se adaptar, fez com que sentissem necessidades de afirmação da identidade demonstrando sentimento negativo para com o Jacundá atual. Haja vista que no tempo presente eles se sentem como *invasores* dentro da própria região e ao mesmo tempo "invadidos" este sentimento contraditório se dar porque além de terem perdido seu território, também tiveram que reelaborarem suas culturas, dado ao fato de que o novo espaço em sua maioria era composto por migrante. Assim, os remanejados construíram o tempo da Jacundá, o tempo da felicidade, onde podiam dormir de portas abertas, todos eram amigos, a fome não existia, as doenças curavam-se com ervas, ou seja, tempo da harmonia e sem conflito. Porém sabemos que nenhuma sociedade pode ser

homogênea sem conflitos, devemos entender que nenhuma pessoa é igual e, portanto, os pensamentos também não são.

As relações que se desenvolvem numa sociedade podem ser harmoniosas, mas também conflituosa. Halbwachs (2017) mostra que para uma melhor compreensão dessa capacidade da memória em criar e recriar esses espaços e situações vividas, “a história não é todo o passado e não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo” (HALBWACHS, 2017, p. 86). Em virtude do que foi mencionado, percebe-se que a memória dos remanejados está dividida no antes e o depois da transferência, revelando assim uma função social do passado, no que diz respeito à constituição de sua identidade.

## 2. VILA ARRAIAS: OS ARRAIENSES E OS EXPROPRIADOS

### 2.1 A chegada e o estranhamento

Este capítulo fala do lugar para onde os jacundaenses foram remanejados: Vila Arraias<sup>44</sup>, trata das aproximações, diferenças e conflitos identitários ocorridos na construção de um novo espaço com novos moradores, do surgimento de novas lembranças, espaços de recordação e de memória na reconfiguração do espaço social. O aporte teórico é o mesmo do primeiro capítulo. As entrevistas utilizadas neste foram colhidas de acordo com a metodologia da História Oral, entre os anos de 2001 e 2021, que se baseia em perguntas que buscam reconstituir a memória desses sujeitos, os locais frequentados na infância e juventude, escola onde estudaram, as práticas realizadas ao longo de suas mocidades, os lugares que para eles simbolizam Jacundá que sirvam como referências. Ainda nesse capítulo apresenta uma abordagem pedagógica para ser trabalhada nas práticas de ensino de história e Estudos Amazônicos a respeito da história de Jacundá a partir da memória de seus antigos moradores remanejados da velha Jacundá.

Quando cheguei aqui, sofri com a falta de tudo que eu tinha costume, eu morava na beira do Rio Tocantins, aqui pra mim era tudo estranho (Remanejada, Maria Carmelia De J. Gonçalves, 2021).

Quando cheguei no Arraia, foi um choque, eu tava vindo de espírito santo, sofri com a falta de tudo que eu tinha costume, mas viemos em busca de uma vida melhor (migrante, TEREZA MUNALDE, 2021).

O trecho acima foi retirado das falas de duas colaboradoras, a primeira é de uma remanejada jacundaense, Carmélia; a segunda, da migrante Tereza, ambas vieram para a Vila Arraias. Podemos observar que mesmo as duas referirem ao mesmo lugar, o sentimento é contraditório, pois a remanejada veio para a Vila Arraias pelo advento da transferência compulsória causada pela barragem de Tucuruí, para ela Arraias era um lugar que representava o sentimento de fracasso e renúncia, já a migrante Tereza, vinha do Estado do Espírito Santos por vontade de crescer e progredir, como ela diz “ *aqui a gente tinha promessa de crescer, era difícil, foi necessário pra hoje a gente “colher bons frutos.”* (Tereza, 2021). A Vila Arraias é formada no contexto sob o lema de “Integrar para não entregar” elaborado pelo Presidente

---

<sup>44</sup> ARRAIAS: era o nome do local onde hoje encontra-se o município de Jacundá.

Emílio Garrastazu Médici (1969 – 1974) desenvolvido através do Plano de Integração Nacional <sup>45</sup>(PIN) que tinha como metas financiar as obras de infra- estrutura da região, sendo uma delas a construção da rodovia Transamazônica. o governo Federal no entendimento de Fontes (2014, p. 161) “daí a necessidade de incentivar a colonização e a migração, bem como a criação de uma política de incentivos fiscais para quem viesse para ela.”

Assim foi que muitos migrantes vieram para Amazônia em busca de melhorias de vida, cortando floresta, e formando cidades. Ressalto que, alinhados aos interesses políticos e econômicos, estavam também os interesses sociais, que nesse momento o país vivia um período de grande insegurança e instabilidade, pois os governos militares ainda estavam formando o seu projeto nacional. Os movimentos sociais, que tinham se iniciado nos governos anteriores, ganhavam força na luta pelas reformas sociais e em especial a reforma agrária. Os programas criados pelo governo federal e estadual objetivavam promover a ocupação dos “espaços vazios” na Amazônia Legal.<sup>46</sup> Segundo Mesquita e Fontes (2014):

A região era considerada um local para investimento de capitais e para alocação de mão de obra de outras partes do país. Os militares planejaram povoar a Amazônia, daí a necessidade de incentivar a colonização e a migração, bem como a criação de uma política de incentivos fiscais para quem viesse para ela. (...) assim foi que levas de migrantes, “aventureiros”, “convencidos”, “frustrados”, “sonhadores”, “chegantes” partiram para a Amazônia caçando terras, abrindo caminhos e construindo cidades amazônicas a beira de estradas, mudando o eixo de ocupação do espaço que antes foi feito pelos rios e doravante passa a ser feito por meio das estradas (MESQUITA, FONTES,2014. p.162).

Conforme o trecho citado acima, muitas cidades do sul e sudeste paraense nasceram nesse contexto de ocupação no período da Ditadura Militar, inclusive a própria Vila Arraias. A Vila Arraias surge ainda na década de 1970, a partir de ocupação de terras devolutas por fazendeiros. Localizava-se acerca de 50 km de distância da sede da antiga cidade de Jacundá, no km 88 da PA-150. Conforme Claudionor Silveira (2001, p. 89), “as pessoas se estabeleciam, ocupando terras devolutas ou adquirindo a preços baixos as benfeitorias dos posseiros”. A vila Arraia terá como destaque principal na sua formação a Estrada Paulo Fonteles, popularmente

---

<sup>45</sup> (PIN) Programa governamental instituído pelo Decreto-Lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970, durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici. Tinha por objetivo implementar obras de infra-estrutura econômica e social no Norte e no Nordeste do país. <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/programa-de-integracao-nacional-pin#>: visto em 04-06-2022

<sup>46</sup> A Amazônia Legal foi instituída com o objetivo de definir a delimitação geográfica da região política de atuação da SUDAM como finalidade promover o desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional. A Amazônia Legal é composta pelos estados Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão. Dados consultados no site: <https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/amazonialegal.shtm?c=2acesso> em 4-06-2022

conhecida como PA-150,<sup>47</sup> muitos de seus primeiros moradores foram se organizando seguindo a construção da estrada, meus colaboradores lembram do momento da chegada da empresa que veio para fazer a estrada, eles acreditavam que a estrada era o primeiro progresso dentre muitos. As pessoas que já moravam a margem da futura PA- 150, ficaram eufóricos, pois a partir dessa pavimentação era visível que Arraias se tornaria numa cidade próspera, e cheia de oportunidades.

O crescimento da Vila acelerou-se a partir de 1977, visto que, neste período, o Departamento Estadual de Estrada e Rodagens montou a estrutura próximo ao rio Arraias para dar início à construção da PA-150, inclusive a primeira rua do Bairro Boa Esperança, tem o mesmo nome do departamento (DER). Com isso, a chegada dessa empresa foi um marco para o crescimento da vila, haja vista que surgiram diversos comércios e serrarias visando atender as necessidades do acampamento. No que tange ao aumento de pessoas na Vila, ela passa a ser predominantemente ocupada por migrantes originários de diferentes regiões do Brasil, que organizaram-se ao longo da estrada. Segundo Cabral, ainda era comum antes da estrada a vila não tinha ainda um contorno de uma cidade era muito exótica nas palavras dele era uma “floresta misteriosa“, que tinha muito igarapés que hoje não existem, por conta de a cidade ter invadido os seus espaços. Vejamos o excerto abaixo nos remete aos anos de 1975,

Antes mesmo da PA 150 ser feita, nós já nos acomodava tudo por aqui no arraia, hoje a onde é a Avenida Cristo Rei, costumei encontrar tatu, jaboti, isso aqui era só mato. A gente andava nos caminhos feitos a facão, era realmente mata, próximo a onde hoje tem o posto Shel e a rodoviária tinha um rio, costumei pescar por ali, a gente andava de canoa, quando passo por esses lugares parece até mentira que ali já foi um rio, acho que era um braço do Rio Sabiá, que hoje também não presta pra nada, por último agora tem é um lava jato bem em cima dele (José Neto Cabral, 2021).

A imagem na Figura 15, demonstra a configuração da Vila ainda nos anos de 1979. A maioria das casas foram sendo feitas às margens da estrada. As casas que aparecem no alto, do lado esquerdo da fotografia, fazem parte das casas do Bairro Boa Esperança. A maioria era feita de taipas e coberta de cavaco,<sup>48</sup> algumas com cobertura de lona, abaixo a onde já aparece o final da fotografia, ficava aos 200 metros o rio Arraias. Toda a margem da estrada foi sendo ocupada

<sup>47</sup> PA- 150, ou Rodovia Paulo Fonteles é uma rodovia estadual do Pará, que liga os municípios de Tailândia, moju, Breu Branco, Ipixuna do Pará, Goianésia, Jacundá, Nova Ipixuna e Marabá. É possível acessar a rodovia por meio das PAs- 475 e 256, e pelas BRs- 263 e 222. Publicado em 13/04/2021 fonte-SETRAN, Agencia Pará.

<sup>48</sup> O cavaco pode ser utilizado em diversos tipos de telhados, desde casas até benfeitorias rurais (galinheiros, currais e cocheiras de gado, casas de farinha de mandioca), construções rústicas, sedes de fazendas e chácaras. Ver: BOLETIM TÉCNICO IFT 05 2011. Produção de telhas de madeira (cavacos) por comunidades rurais da Amazônia: uma alternativa de renda para o pequeno produtor florestal no manejo florestal comunitário e familiar. Cesar Pinheiro, RUGGIERO, PACATUBA, Paulo G BITTENCOURT e Marco Lentine.

espontaneamente. No que pude apreender dos relatos de Santos (2007) foram momentos de muita dificuldade a formação da que seria a futura Jacundá, o que contribui para nos orientar a respeito da formação da vila Arraias antes da chegada dos remanejados jacundaenses:

[...] as dificuldades enfrentadas nesse processo como o fato de ocuparem uma região no “coração da selva amazônica”. Da falta de infraestrutura, da pobreza material que compunha esse espaço, da dificuldade de locomoção devido às péssimas condições das estradas, da violência marcada pelo sangue de posseiros nos vários quilômetros da rodovia PA-150. (SANTOS, 2007, p. 73).

**Figura 15:** Trecho da estrada PA 150 a altura do ponto que Arraias vai sendo estruturada, 1979



FONTE: Museu da História de Jacundá 2021

De acordo com Edileuza Santos (2007, p.101), na década de 1970, Arraias era predominantemente ocupada, sobretudo pelos maranhenses e baianos, mas também por paranaenses, mineiros, cearenses, pernambucanos, capixabas, entre outros, atraídos para a Amazônia com promessas de empregos e terras. As ruas da vila vão se delineando próximo ao rio e principalmente às margens da estrada. Mesquita e Edilza fontes (2014) corroboram a discussão sobre a criação das cidades num contexto da “ditadura da floresta”, vista que as cidades que se desenvolvem aqui na Amazônia fundamentalmente no sul e sudeste paraenses, se formaram dentro da lógica das políticas dos governos militares. Para os autores:

Cidades amazônicas nascidas a partir de uma política dos governos militares, crescida na beira de estradas e marcadas por um discurso de abandono dos poderes públicos, cidades que homenageiam o seu momento de fundação e as vivências de uma ditadura na Floresta (MESQUITA E FONTES, 2014.p. 163)

Conforme a citação acima e as narrativas, constam na memória dos antigos arraienses dias muito difíceis, muitos conflitos de terras. O fluxo de pessoas era intenso e os problemas com falta de hospital, escolas, energia e segurança só aumentavam, conforme intensificava a chegada de mais pessoas.

No contexto das entrevistas e da história oral, Thomson (2002) nos revela que a migração se tornou um dos assuntos recorrentes da história oral, uma vez que buscar documentar os processos de ocupação a partir das narrativas dos marginalizados e excluídos da ocupação de terras ditas “colonizadas”:

A história da migração está interessada nos processos pelos quais os migrantes individuais e coletivamente, se estabeleceram em uma nova região ou país, e pela maneira em que as redes de trabalho e os estilos de vida do local de origem são recriados e modificados no novo mundo (THOMSON, 2012.p. 342)

Carece compreender como os arraienses<sup>49</sup> (migrantes), e os remanejados jacundaenses se estabeleceram na nova região, como as redes de trabalho e costumes e os estilos de vida contribuíram para elaboração de uma identidade dessas pessoas que vão se firmando na Vila Arraias. Sendo assim ressalto que a história Oral através dos relatos de experiências desses sujeitos é de suma importância para construção da história memória da cidade, pois os considero portadores de narrativas subjetivas, uma vez que residem na memória os fatos que marcam os relatos da história da Vila Arraia. É importante lembrar que as estradas tiveram importância para a política de ocupação territorial da Amazônia, a PA-150 contribuiu significativamente para que Arraias se tornasse um núcleo urbano, apesar do crescimento desordenado, com sujeitos que chegavam em busca de terras prometidas e divulgadas amplamente pelas propagandas do governo Federal. Segundo Hebette:

[...] embora enfrentando uma série de dificuldades, a Vila está funcionando como polo de povoamento, com seu núcleo urbano inchando rapidamente sem estar preparado para atender às necessidades da população.  
A defasagem entre os serviços oferecidos e a demanda torna-se mais calamitosa quando se pensa que a Vila deveria servir de apoio aos moradores dos demais núcleos urbanos e à grande parte da população rural da PA-150”. (HEBETTE, 2004, p. 105).

Nesse contexto, conforme a citação e as narrativas, em 1980, a Vila Arraias recebeu parte dos expropriados da Velha Jacundá. Onde hoje localiza-se o Bairro Centro e Eletronorte, foram construídas algumas casas e, para além das casas, também foram trazidos para a Vila

---

<sup>49</sup> Serão chamados de arraienses os migrantes que chegaram ainda quando a Vila Arraia estava se formando.

Arraias, todos os órgãos públicos. Assim, as ruas da Vila Arraias aos poucos vão sendo abertas e novas ocupações, espontaneamente urbanas, vão acontecendo. No entanto, na memória desses sujeitos sociais, este processo migratório não foi muito fácil, pois se mudaram para um espaço já habitado, e com uma população completamente diferente em relação à cultura, às práticas do cotidiano, às práticas religiosas e ao modo de vida. Além do mais, foram obrigados a viverem num espaço marcado por conflitos de terras e longe do Rio Tocantins.

Em 15 de maio de 1980, a Vila Arraias torna-se legalmente o município de Jacundá. O prefeito Bianor Miranda da Paixão que tinha assumido a administração da cidade logo depois que o prefeito eleito Evandro Alves faleceu, 12 dias depois da sua eleição em 1976. Bianor Miranda Paixão, vice-prefeito eleito, assume a prefeitura da Velha Jacundá, com a transferência do município continua na administração até o final de 1982. (DIAS, 2014, p. 47). Quando o então funcionário de fiscalização fundiária da prefeitura municipal de Jacundá, Guilherme Mulato, foi eleito o primeiro prefeito da Vila.

Quando chegamos aqui, além de não termos rumo pra nada, às casas que nos prometeram já estava ocupada, as terras eram no pior local, seca e com muita piçarra, e o conflito com os grileiros era muito, nós não tinha nenhum preparo para essa nova vida, algumas coisas achei bom, mais a maioria das coisas não competia a nós que vivia na beira do rio, tudo aqui tinha que comprar, nos vimos presos como pássaro na gaiola, e muitos nem “gaiola” tinha, porque o dinheiro que deram pra comprar as casa, pra quem não ganharam, ficaram sem poder comprar, porque tudo ficou caro, hoje eu penso nós fomos muito besta, deveríamos ter invadido as casas que diziam ser pra nós, a gente tinha que se impor. Mais não, nós era muito ordeiros e parecia que esse lugar não era nosso, o pessoal de fora <sup>50</sup>era que mandava (Marlene Neves Veloso, 2001).

Conforme o trecho acima, os remanejados, quando chegam a Vila Arraias, já haviam os estabelecidos, nesse caso os migrantes que vieram ainda no início da formação da Vila, por volta de 1970; e eles (remanejados), os recém-chegados, podem ser vistos como os *outsiders* de Elias (2000) tendo em vista que chegaram após a Vila ter formado grupos que haviam estabelecidos uma organização social, política e econômica. Partindo dessa premissa, a discussão sobre a chegada dos remanejados na vila se assemelha com os sujeitos pesquisado por Elias (2000) constatou que a existência de bolsões de trabalhadores imigrantes se configurava como um fator de perturbação e/ou rompimento com algumas tradições e normas dos grupos estabelecidos, uma vez que os recém-chegados possuíam fraca coesão social.

---

<sup>50</sup> essa era forma que muito dos remanejados se referiam aos migrantes, por vezes os chamam de “pessoal de fora”, “os baianos”, “maranhenses”, “paranaense” e “gaúchos”.

Nesse sentido, a reflexão me leva a pensar na condição dos remanejados jacundaenses, que estavam sendo retirados de sua cidade, sentindo-se desolados e estranhos, tendo em vista que com a saída compulsória da Velha Jacundá eles perdem a referência de seus espaços sociais, chegam na vila arrais e já encontram os estabelecidos que mesmo tendo vindo de região e cidades não paraense sentem-se os donos desse novo espaço que os jacundaenses remanejados agora vão morar. O estranhamento entre esses grupos se dá de diversas formas, pelo hábito alimentar, religiosa, vestuário, tradições culturais, ou seja, o modo de viver e conviver nesse novo espaço passa por muitos estranhamentos de ambos os lados.

Cumprindo o papel expansionista que havia sido alargado pelas políticas de planejamento e crescimento econômico criado para a Região Amazônica, Arraias se desenvolvia totalmente adversa das cidades tradicionais ribeirinhas que os remanejados jacundaenses eram acostumados, como nos afirma dona Marlene (2001) “esse Arraia era tudo menos uma cidade paraense, até o nosso jeito de dançar o povo implicava, logo no começo a gente tinha medo de tudo”. Percebo então, através da fala de minha colaboradora, que não existe mais para os remanejados o contexto da vida ribeirinha, no qual eles pescavam, dançavam o carimbó, festejava a sua padroeira e eram os estabelecidos. As novas relações sociais que se desenvolvem na Arraia, e a identidade desse novo espaço construído às margens da estrada é adverso aos seus costumes.

Entretanto, é sabido pelas narrativas, que os conflitos não ocorrem somente por divergência cultural. Entre outros problemas, havia também a falta de moradia. A Eletronorte não cumpriu com o prazo de entrega das casas e mesmo algumas foram desviadas para outros fins. Vale ressaltar que a época da formação do lago da Hidrelétrica de Tucuruí, a Eletronorte acordou que faria casas para os moradores atingidos nas áreas urbanas e lotes rurais com *kit* para construção das casas e poço aberto para quem tivesse direito.

Porém, as casas urbanas foram feitas em três etapas: em 1978 no conjunto Incobal,<sup>51</sup> estas deliberadamente foram entregues à prefeitura. Eram de madeira, piso de assoalho, forrada, três quartos, um banheiro interno, cozinha e sala num total de seis cômodos e com um poço comunitário, todas padronizadas, porém apenas funcionários públicos municipais, estaduais e federal ficaram com as casas. As demais que sobraram foram destinadas a locação de órgãos públicos (federais, estaduais e municipais), dessa maneira, os menos favorecidos, e sem apoio

---

<sup>51</sup> Empresa contratada pela Eletronorte para fazer as casas na vila Arraia, que seriam para os remanejados jacundaenses, foi aberta em 23/05/1977, estando ainda com a situação cadastral ativa na Receita Federal, permanece localizada na cidade de Tucuruí – PA, atividade econômica principal é a Fabricação de móveis com predominância de madeira. E ainda, por conta do nome da empresa, as pessoas começaram a chamar as casas montadas por essa empresa de conjunto INCOBAL.

da Eletronorte e prefeitura, organizaram-se em casa de aluguel, ou armaram barracos no meio da rua ou foram alojados provisoriamente em escolas e casas de amigos. O que nos leva a perceber que a Eletronorte não tinha interesse real de respeitar o bem-estar social dos expropriados. Podemos também através dos argumentos de Hébette, identificar a falta de consideração para com os sujeitos remanejados:

[...] as prefeituras não tinham maior interesse no bem-estar de sua população do que a ELETRONORTE. As indenizações pagas por essa companhia foram em boa parte lapidadas e, em que pesem as bonitas plantas elaboradas em gabinetes, os núcleos construídos assemelham-se mais a favela do que a modernos e racionais núcleos urbanos (HEBETTE, 2004, p.93).

Por volta do ano de 1985, foi feito o conjunto quadra, com aproximadamente 80 casas, mas não foram suficientes para todos e acabou sendo entregue em duas etapas. As casas da primeira etapa eram mais próximas ao centro da cidade, com rede de esgoto, de madeira, piso grosso, sem forro, três quartos, cozinha, sala, banheiro, num total de seis cômodos. Porém bem menores do que as do conjunto Incobal. Apesar de tudo muitos aguardavam ansiosos, pois pagavam aluguel, ou mesmo estavam morando em barracos provisórios, neste período alguns já haviam comprado a casa, com a *indenização* e com a venda de outros objetos pessoais. Segundo as narrativas, as indenizações eram tão irrisórias que mal dava para pagar o transporte para a Vila Arraia. Devido essa situação, muitos dividiam o barco e o pau-de-arara para transportar o que lhes tinham sobrado. E mesmo assim, corriam o risco de chegar na Arraias e não ter onde ficar.

Durante a construção da segunda etapa, os remanejados tiveram que esperar ainda mais do que havia sido previsto, pois o local que foi escolhido já havia moradores do bairro que não aceitavam sair de seus sítios para construção das casas pela Eletronorte houve um embate muito forte, visto que a empresa não fez levantamento sobre o espaço e, novamente de forma imperativa, buscou expulsar quem estava *atrapalhando* o progresso. Vale ressaltar que esse conflito ocorrido entre os arraienses e a Eletronorte em nenhum momento foi diretamente para com os remanejados jacundaenses, os mesmos segundo as narrativas e Edileuza Santos (2005):

Não houve resistência dos moradores de Arraias no que se refere à transferência dos jacundaenses para a Vila Arraias, “o povo de Arraias recebeu os moradores [de Jacundá] com braços abertos com vontade de entrosamento”. Contudo houve conflitos um deles ocorreu devido o espaço onde a Eletronorte escolheu para construir as casas pré-fabricadas, destinadas aos remanejados já estava ocupada pelos migrantes-posseiros onde havia construído o Bairro São Francisco. Ocorreu que a Eletronorte

auxiliado pela GETAT<sup>52</sup> exigiu que o espaço fosse desocupado (SANTOS, 2005, p. 108).

Ainda segundo Santo (2005), os posseiros do bairro São Francisco resistiram apoiados e orientados pela irmã Dorothy Stang<sup>53</sup>, que organizou reuniões e orientou os posseiros a permanecer nos lotes com base na defesa de seus direitos de posse, fotografou todo o bairro e seus moradores numa tentativa de divulgar em Belém nos meios de comunicação a injustiça praticada contra os posseiros do Arraia. Algumas famílias tiveram que sair da área outras permaneceram morando no bairro e estão residindo no mesmo até hoje.

Como se pode depreender da citação acima, a chegada dos remanejados também acabou mexendo com a organização social dos arraiaenses, obrigando-os também a resistir às imposições da Eletronorte. Após grandes embates por parte dos donos desses espaços contestados junto a Eletronorte, finalmente entraram num acordo a última etapa foi entregue, no entanto as casas entregues aos remanejados, eram ainda menores e num lugar alagadiço e muito distante de tudo, provocando sentimentos de abandono, isolamento e total sentimento de desterritorialização. As mudanças ocorridas transformaram completamente as suas relações sociais e culturais, haja vista que com a saída compulsória do seu lugar de moradia, perderam a vida ribeirinha e suas relações com os seus pares, já que muitos não conseguiram adaptar-se à nova condição de vida, tão distante do que estavam acostumados, e, como forma de resistência, foram buscar moradia em cidades mais parecidas com a antiga Jacundá. Marabá, Itupiranga e Tucuruí foram algumas das cidades escolhidas para tentar a nova vida, uma vez que, todas estão localizadas às margens do rio Tocantins. Não apenas os lugares buscados pelos remanejados sugere o distanciamento dos grupos estabelecidos, mas os nomes “expropriado”, “invasor”, “intruso” e “remanejados” podem ser entendidos como termos que estigmatizam por não deixar o grupo *outsider* à altura do grupo superior (ELIAS, SCOTSON; 2000 p. 27).

---

<sup>52</sup> - O Grupo Executivo das Terras do Araguaia- Tocantins (GETAT) foi criado através do Decreto- lei nº 1.767, de 1º de fevereiro de 1980, com a finalidade de coordenar, promover e executar as medidas necessárias à regularização fundiária no Sudeste do Pará, Norte de Goiás e Oeste do Maranhão, nas áreas de atuação da coordenadoria Especial do Araguaia- Tocantins, criada na forma do disposto no artigo 1º do Decreto- lei nº 1.523, de 3 de fevereiro de 1977. Fonte: Biblioteca do IBGE

<sup>53</sup> Dorothy Mae Stang, conhecida como Irmã Dorothy foi uma religiosa estadunidense naturalizada brasileira, membro da congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur, iniciou seu trabalho de proteção aos posseiros arraiaenses por volta de 1979, era conhecida pelo nome de irmã Dorotéia na Vila Arraia. organizou as ocupações dos bairros Palmares e Bela Vista ainda na década de 80 em Jacundá, organizou juntamente com outros religiosos o centro pastoral de Jacundá, foi muito importante na organização de lutas de defesa dos posseiros ao longo da PA-150. Defensora dos excluídos até o seu último dia, foi assassinada em Anapu, no estado do Pará, no dia 12 de fevereiro de 2005.

Ressalto que os grandes projetos foram fundamentais para a configuração das cidades que surgiam ao longo das estradas, sendo importante destacar o aumento do fluxo migratório nas décadas de 70 e 80 do século XX. Em destaque desses projetos foi a usina hidrelétrica de Tucuruí, que gerou impactos ambientais e humanos significativos. As marcas da expropriação do espaço passaram a fazer parte da identidade das pessoas que foram remanejadas para vila Arraias, formando uma divisão e, ao mesmo tempo, a criação de identidades específicas entre o grupo de remanejados, considerado *invasor*, e o grupo dos arraienses, os moradores mais antigos que se consideram *invadidos*, partindo do critério da antiguidade no lugar. Essa tensão pode ser visualizada nos festejos dos santos de ambos os grupos que foram mantidas separadamente: o padroeiro oficial S. João Batista é patrono dos moradores antigos e a padroeira dos remanejados é N. S. do Perpétuo Socorro. O encontro forçado de culturas diferentes, foi inevitável, assim como o estranhamento e a construção de barreira também entre remanejados e jacundaenses.

## 2.2 Arraias e o festejo dos remanejados

*Falava que a N. Senhora do Perpétuo do Socorro não era a padroeira, mais nós fazia a festejo assim mesmo, pelo menos a gente encontrava com o nosso povo* (Boneca, 2003).

A presença da Santa<sup>54</sup> na Velha Jacundá, é desde quando ainda era considerado apenas um povoado. Mas segundo as narrativas, São José inicialmente foi cogitado a ser o padroeiro por ser o protetor dos trabalhadores, mas uma visita a Belém o Seu Inácio Pinto comerciante importante e muito influente na comunidade, trouxe a imagem da Santa que caiu no gosto da população, e desde então passou a ser a protetora das pessoas que habitavam na Velha Jacundá. A santidade permaneceria como a protetora até a década de 1980 quando a sede do município foi transferida para a Vila Arraia, e a igreja católica de Arraias posicionou contrária a presença da santa dos remanejados como padroeira, e favorável a permanência de São João Batista como padroeiro na Vila, que protegesse.

Ressalto que havia todo um simbolismo que constituía e justificava São João Batista como Padroeiro na Arraia. Pelas escrituras bíblicas, João Batista é o profeta de Deus que enfrentou o rei Herodes, com isso, os sujeitos que viviam esse tempo de grandes conflitos se

---

<sup>54</sup> Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é um título conferido à Virgem Maria, mãe de Jesus.

identificavam com a figura do Santo, enquanto a figura do rei Herodes era transportada para o Estado, os grileiros, e todo o sistema excludente que eles vivenciavam na Arraias. “Aqui tinha que ter um santo guerreiro, pra nos proteger, Arraias era um lugar de muitos conflitos, foi isso que o padre falou” (Nercir Derzze, 2021). Assim como os remanejados jacundaenses a sua santa padroeira ficou na condição de uma *Santa outsider*<sup>55</sup>, considerando que já havia um Santo estabelecido.

Apesar da dispersão protagonizada pelos remanejados, a memória deles revela várias formas de resistências social e cultural mantidas na Arraias. Entre os anos de 1982 até meados dos anos de 1990, eram presentes os encontros memoráveis durante o festejo da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Nova Jacundá. Para eles, era um momento de fazer a Jacundá emergir das profundezas do lago de Tucuruí através de suas memórias e reprodução das suas práticas nesse novo espaço de convivência. A afirmação de sua origem, da identidade e da espacialidade perdida surge simbolizada na padroeira.

Embora Jacundá estivesse sendo transferida para a Vila Arraias, de acordo com as memórias a proibição da padroeira ser transferida para a nova sede do município, provocou na população da antiga Jacundá indignação e movimentos de resistências quando souberam através dos padres Jean Carlo e Franco, que na Vila Arraias não haveria espaço para outro padroeira, chegaram a pedir para o então governador do Estado do Pará Alacid da Silva Nunes<sup>56</sup>, para intervir junto aos padres do Arraias para aceitar a N.S.do Perpétuo Socorro, o governador aceitou vir conversar com então futuros remanejados, mais nada adiantou, pois o mesmo falou o que quis mais não ouviu as exigências da população.

Quando o padre Jean Carlo veio aqui pro Arraias e conversou com o padre Paulo, ele ficou sabendo que a nossa santa não seria a padroeira na nova sede do município, ai quando ele retornou a Jacundá viu o nosso entusiasmo da nossa santa como padroeira, ele teve que revelar que aqui no Arraias não teria mais lugar pra Ela, ai ele falou que precisávamos conversar com o padre Paulo, pois ele dissera que no Arraias já tinha padroeiro, ficamos desesperados, como aceitar uma coisa dessas? Se nós íamos transferir a nossa cidade e a padroeira não podia? O padre Franco falou que tínhamos que lutar e não aceitar em hipótese alguma perder a nossa padroeira, já o padre Jean Carlo era mais moderado, dizia olha vão com jeito “santo não briga”, ai eu mobilizei um grupo e viemos aqui pro Arraias conversar com o padre, mas ele nos tratou mal, e disse que quem cuida de Igreja é padre, e nós tínhamos que cuidar da nossa vida, quando voltamos fizemos uma reunião e pedimos pra o prefeito que precisaríamos conversar com o governador, ele veio, mais saiu voando, a primeira coisa que ele fez foi mandar todos abaixar os cartazes e faixas, é, nós tínhamos feito cartazes pedindo providências, abaixamos. Só ele, e um representante da Eletronorte falou, naquele tempo era o tempo da ditadura, só eles tinham voz e vez. (DERZE, 2021).

<sup>55</sup> Ver: para melhor análise do termo, pessoas que não é aceita em grupo social; pessoa que não pertence a determinada organização ou empresa ou que não se ocupa de determinada atividade; pessoa ou animal que tem chance mínima ou nenhuma de vencer. Fonte: Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001).

<sup>56</sup> Foi governador do Pará por dois mandatos 1966-1971 e 1979-1983 e vice-governador de 1995 a 2002

Segundo as narrativas, quando a padroeira dos remanejados chegou à Vila Arraias, foram tomados pela recusa do então padre Humberto, ele os alertou que no Arraias já havia um padroeiro, e que não caberia mais uma, diante disso e sem saber onde colocariam a imagem de sua padroeira, ficaram rondando num carro com a imagem, até que depois de algumas negociações ocuparam (invadiram) uma das casas do conjunto Incobal, e passaram a realizar as liturgias por conta própria nesse ambiente. Embora Jacundá tivesse um padre recusou-se a realizar.

Quando trouxemos a nossa padroeira... A nossa senhora do perpétuo socorro, nesse dia foi um dia lindo, o povo da velha Jacundá foi esperar a imagem na avenida cristo reis, soltamos fogos, rezando e cantando. Mas ela chegou como nós, tendo que lutar por um lugar ao sol, o padre não aceitou, porque dizia que aqui em jacundá já tinha padroeiro, só restou para nós colocar a imagem numa casa da Incobal, mas mesmo sem ter quem nos orientasse, formamos uma comissão e organizamos o primeiro festejo da nossa senhora do perpétuo socorro, os arraienses acharam estranho do jeito que a gente fazia a nosso festejo. Era doze dias assim como fazíamos na antiga Jacundá, era na verdade noite e dia sem parar, trouxemos a aparelhagem flamengo e fizemos barraquinhas ao redor do que seria a nossa futura igreja, fizemos primeiramente o barracão da Santa, era o local onde a gente fazia as festas, fazíamos leilão, muita cerveja e dança, na parte da manhã ou às sete horas da noite, tinha as rezas depois era a festa até o dia raiar (DERZE, 2021).

Conforme a citação acima, a festa da santa padroeira dos remanejados jacundaense, apresentam dois momentos: sagrado e profano<sup>57</sup> que se envolviam. Esses atos festivos eram realizados na Velha Jacundá, e depois mesmo sem autorização do padre Humberto Hailland, na Vila Arraias continuou sendo promovido pelos próprios remanejados. Contudo, justamente pelos remanejados envolver a parte profana, eles eram criticados severamente pelo estabelecidos arraienses. Entretanto, mesmo sem entrar em consenso com o padre, o festejo na Arraias acontecia. Nesse sentido, a luz de Venâncio e Del Priore:

Em torno das festas, do culto e da capela do santo, um grupo de pessoas, fossem brancas, mulatas ou negras, se organizava. O que caracterizava a irmandade era justamente a participação de leigos no culto católico, participação que não implicava necessariamente a constante presença de padres e religiosos. Confrarias e irmandades demonstravam toda a força por ocasião da festa do padroeiro: ruas e igrejas eram decoradas com ervas perfumadas e tapetes iluminadas por tigelinhas de barro contendo óleo de baleia. Irmãos vestidos de capa vermelha, tocheiros à mão, abriam a procissão, que era seguida de carros alegóricos ricamente enfeitados, atrás dos quais volteavam músicos e bailarinos (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010, p. 23).

---

<sup>57</sup> As atividades sagradas são os círios, novenas, batizados, casamentos e as etapas do catecismo. Outras são consideradas profanas como: as festas dançantes, torneios esportivos, bingos, namoros, vendas de bebidas e leilões.

O trecho acima nos mostra que era uma prática comum na Amazônia Colonial, nem sempre a participação de padres nos atos festivos, pois muitas vezes quem comandava eram pessoas leigas que organizavam ruas, cidades e praças por onde passavam as procissões que homenageavam santos considerados padroeiros dessas localidades, envolvendo todos para festejarem suas santidades de devoção. As festas da padroeira continuaram a ocorrer no mesmo dia e mês assim como ocorria na Velha Jacundá, na Vila arraias o festejo não era mais para comemorar a saída dos castanheiros para a sua jornada de trabalho, mas passou a representar o momento do reencontro dos remanejados. Assim como na antiga Jacundá, vinha gente de todos os lugares pra reencontrar os conterrâneos e também pagar suas promessas, a festa no famoso barracão da santa, é ainda muito presente na memória tanto dos remanejados quanto dos arraienses, o espaço a onde aconteciam as festas era popularmente chamado de “poeirão”, devido ao espaço, ter sido feito inicialmente de madeira e no chão batido, então quando os romeiros festeiros começavam a dançar a poeira levantava, a ponto de muitas vezes ter que parar para molhar o chão.

As músicas, segundo as narrativas, eram as mesmas que costumavam tocar na antiga Jacundá, geralmente tocava muito carimbó, siriá e brega entre outros.<sup>58</sup> O festejo de N.S.P.S é entendida possivelmente pelos sentidos dos participantes como forma de sociabilidade, onde os envolvidos ficam extasiados, alegres por reverem amigos, paquerar, namorar, tomarem suas cervejas, participarem dos atos religiosos e das práticas sociais. No momento em que tais relações ocorrem está operando o que Norbert Elias (1994) delega como sociabilidade que existe em qualquer grupo humano, podendo ser harmônicas ou conflituosas.

A imagem que vem logo a minha cabeça quando a gente fala sobre o poerão é o Hélio, ele era professor e dos bons, era um remanejado dançava no poerão, até o dia amanhecer, ele era a imagem do poerão, ele gostava de uma calça branca, (risos) , quando amanhecia o dia a calça estava marrom, uma música que eu não esqueço quando tocava a gente via poeira subir pra todos os lados, era uma do Pinduca, era assim, Eu já cansei de brigar contigo, mas eu pensei, não vou mais brigar, sofro demais, parece castigo, por que nasci para ti amar. Tã..tã..tã..tã aí a festa rolava, eu

---

<sup>58</sup> **CARIMBÓ:** é uma dança cultural da região Norte, que teve origem no estado do Pará durante o século XVII, a partir das danças e costumes indígenas. O nome é em homenagem ao instrumento musical indígena curimbó, tambor artesanal utilizado em apresentações artísticas e religiosas. A dança do carimbo é feita em pares, que formam uma roda. O rapaz convida a moça para a dança batendo palmas na frente dela. Com as saias, às mulheres executam movimentos tentando cobrir a cabeça dos seus pares.

**SIRIÁ:** Possui elementos semelhantes à dança do carimbo, porém com maiores e mais variadas evoluções, começa com andamento lento, que obedecem às indicações dos versos cantados sendo que, no refrão, os pares fazem volteios com o corpo curvado para os dois lados.

**BREGA:** É um ritmo brasileiro, de origem paraense, com a influência de ritmos regionais do Pará como o carimbó, guitarrada, siriá e marujada. Suas raízes são da década de 1980, mas o sucesso começou na década de 1990, principalmente entre cantores - Tonny Brasil, Kim Marques, Adilson Ribeiro, Alberto Moreno, Wanderley Andrade, Roberto Vilar entre outros.

não lembro de brigas nessa festa, era festa que dava muita gente, mais não se via falar em briga, o povo inclusive eu , ia era pra divertir mesmo ( JOSÉ OLIVEIRA, 2021<sup>59</sup>).

A fala do seu Oliveira acima nos indica uma harmonia na festividade, que aparentemente não é comum num espaço onde concentra muitas pessoas regados com bebidas alcóolicas, pois sabemos que a vida social dos seres humanos é repleta de contradições, tensões e explosão (ELIAS, 1994). É repleta de apreensão que as vezes foge de nosso controle. Neste sentido “a vida dos indivíduos em comunidade certamente não é harmoniosa” (ELIAS, 1994, P.18). Entretanto, quando falamos de festas religiosas, é importante salientar que o próprio santo gera ao que parece um equilíbrio naqueles que são devotos da própria cidade, bem como aqueles que são visitantes, ou seja, as pessoas entendem que a imagem da santidade provoca um sentimento de religiosidade aos participantes. Assim, estrutura social que vai sendo organizada e criando a historicidade de cada indivíduo, criam-se laços e desenvolvem um sentimento desde criança, quando fica adulto percebemos a “sociedade”. Elias (1994), afirma que no momento em que a sociabilidade se evidencia, sendo inerente aos seres humanos quando se têm presente os sentidos das relações entre as pessoas.

Ao analisarmos esse conceito, é notório que a prática festiva de santos na Amazônia, especificamente na Arraias, apresenta uma força que torna a sociabilidade presente nas relações daqueles que participam desses festejos, levando o ato a ser uma rede de relações entre a comunidade, devotos e visitantes, muitas vezes harmônicas, outras não. Tal situação gera a partir do momento festivo religioso uma igualdade social daqueles que se fazem presente, mesmo que momentaneamente. As memórias sobre o festejo da nossa senhora do perpétuo socorro, ainda é muito presente para aqueles sujeitos que viveram entre os anos de 1980 e 1990 aqui na nova Jacundá, o festejo terminou quando parte da diretoria já estava cansados e depois de um “tombo” que levaram de um falso padre, segundo a narrativa de Leoézio:

Como o padre da igreja matriz não aceitava as festas da forma como era feita, decidi não participar, foi então que chegou um certo dia um homem se auto denominando padre, por sinal uma pessoa muito simpática, dizia que era da Igreja brasileira, que iria ajudar na nossa Igreja, com o passar do tempo todos já estavam mesmos cansados de remar contra a maré, ai um dos dirigentes entregou a chave da igreja, e junto estava alguns castiçais, e a bacia batismal, todas de ouro e prata, o tal padre amanheceu e não anoiteceu. A partir daí, acabou entregando de vez para a igreja matriz, e hoje quem é responsável pela igreja é o pessoal da renovação carismática, e o festejo hoje em dia é feito apenas bingo, e venda de alimentos e nada de festa dançante e nem bebida alcóolica, basicamente não tem mais o povo da antiga Jacundá. Olha às vezes acontece à quermesse a gente nem sabe, ou mesmo nem lembra (Leoézio Nunes, 2021).

---

<sup>59</sup> Quando eu o entrevistei o mesmo estava trabalhando com agricultura familiar, e ainda hoje é frequentador do festejo , mas agora de São João Batista.

Diante disso, a santa também pode ser entendida como *outsider*, ela, tanto quanto os assim como seus fiéis, perdeu o lugar e o status que possuía de “santa padroeira oficial”. Assim, as lembranças, em alguns momentos, manifestam o sentimento de perda e revolta. Esses sentimentos velados vêm à tona quando se lembram da maneira como foi imposta a transferência dos moradores para a vila Arraias. Isso pode ser notado, igualmente, quando falam da perda da padroeira do município, haja vista que a vila Arraias já tinha S. João Batista (santo estabelecido) como padroeiro e a padroeira da antiga Jacundá não poderia ocupar esse lugar. A religião exemplifica essas disputas identitárias dos dois grupos.

Enquanto o festejo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, considerada padroeira dos remanejados, era uma festividade vista sob olhar de estranhamento por alguns migrantes moradores da Vila Arraias, outros aproveitavam a festa até o último dia. Contudo a memória sobre o festejo da padroeira é ainda lembrada com muita estranheza e saudades pelos arraienses. “Eu gostava, apesar de estranhar, ia e dançava no poeirão junto com todos, ali naquele momento todo mundo era de Jacundá” (OLIVEIRA, julho de 2021). Apesar do estranhamento, muitos arraienses participavam e gostavam do festejo dos remanejados, como podemos observar na fala do entrevistado.

Na Vila Arraias a Igreja Católica sempre foi muito presente com relação a organização social, política e econômica para com os primeiros moradores que se encontravam em situação de vulnerabilidade. No final da década de 1970, a Vila Arraias vivia um período de muita luta e a igreja, representada pelo padre Paulo e a Irmã Dorothy Stang, eram os porta vozes da população junto ao poder público. Lutavam pelos direitos dos menos favorecidos, neste caso os arraienses posseiros, vista que essa população de migrantes assim como os jacundaenses remanejados estavam desassistidos pelo estado. Em busca de direitos e melhor condição de vida, a igreja serviu como advogada desse povo.

### **2.3 Jacundaenses e arraienses: um só povo?**

*A gente tinha que se acostumar e de certa forma se unir, a falta de tudo não era só nossa era também dos arraienses (Marlene Neves,2001).*

É presente na memória dos arraienses, as dificuldades enfrentadas logo no começo da vila, a falta de estrada, a falta de escola, hospital, até mesmo de alimentos, o isolamento provocado pela falta de estradas, era um agravante para se viver nesse espaço, a malária era causa de muitas pessoas acabarem desistindo de fixar residência. Está na memória a farmácia

do seu Gonzaga, o proprietário era uma espécie de “médico”, na sua farmácia tinha de tudo, na ausência de assistência médica as parturientes geralmente eram atendidas por parteiras, e as demais doenças eram servido pela cultura popular, de benzedeadas, e benzedores, chás medicinais e muita fé, diante das adversidades a população em sua maioria posseiro ainda tinha que enfrentar os grileiros que os faziam abandonar a terra por conta das ameaças, a violência dominava essa região, mais essa é uma outra história. Na Vila Arraias tinha muita diversão. O festejo do São João Batista era um desses momentos de muita confraternização começava com as celebrações que ocorriam durante nove noites, entretanto diferente do festejo de N.S. Perpétuo Socorro, não acontecia festa dançante. Geralmente a celebração tinha um tema diferente a cada ano, sobre João Batista. Como nos esclarece a Tereza:

As celebrações ocorriam sempre às sete horas da noite, a festa em si que as famílias se reuniam, aconteciam apenas três dias isso dependia também do dia que caía o dia de São João, geralmente quando caía na sexta, então a quermesse acontecia sexta sábado e domingo, aí se fazia bingo, geralmente os prêmios eram doados pela comunidade, tinha a barraca de pescaria, comidas típicas, vendia cerveja também, mas sem dança, era só brincadeiras, pau-de-sebo, correio elegante, e as quadrilhas que não podiam faltar, sempre era muito bonitas. No domingo acontecia o churrasco do almoço de São João, basicamente todas as famílias iam para o festejo, a festa do padroeiro sempre foi um acontecimento na nossa cidade, e inclusive ainda hoje é uma data muito comemorada. Também se fazia fogueira na frente das casas, mais isso mudou muito porque a gente não pode mais ficar fazendo fogueira, agora ficou perigosa essa tradição (Tereza Munalde, 2021).

Segundo a memória dos antigos, o festejo que anteriormente acontecia conforme a citação acima, nos anos de 1996 ganhou novos contornos acrescentaram show e forró, coisas que anteriormente não podiam nem ser mencionada, entretanto, parte recordam de um show memorável com cantores da terra e do renomado compositor e intérprete de MPB Zé Geraldo, que cantor no pátio da igreja, cantou e encantou os fiéis no dia de São João Batista padroeiro da cidade. Ao tratar das atividades que fugiam de atos religiosos nas festividades, as músicas entram nesse contexto. A diversidade de instrumentos musicais não ficava atrás da pompa coreográfica dos cortejos. Havia uma mistura de momentos profanos e peças religiosas (DEL PRIORE, VENANCIO, 2010).

Eu lembro do festejo que veio o Zé Geraldo, ele chegou ainda no meio da semana, aí o padre Adelmo apresentou o cantor lá na igreja, no final de semana ele fez o show no pátio da matriz, cantou quase todos os repertórios dele. Na missa ele cantou aquela música Cidadão, Meiga Senhorita, Operário. Foi muito lindo, nessa época foi muito bom, ah, depois num outro festejo também tivemos o mestre Viera, que toca guitarrada tudo isso acontecia no festejo de São João Batista. (TIÃO<sup>60</sup>, 2021).

---

<sup>60</sup> Sebastião Gonçalves Dias, reside em Jacundá desde os anos de 1990, atualmente é professor de Ensino Médio e Fundamental II, (6º ao 9º) neste município.

Ressalto que a escolha de São João Batista como padroeiro do Arraias foi pensado pela simbologia que representa o santo na Igreja, pois ele no contexto da Vila Arraias representava um santo que não abaixa a cabeça, ou seja, um grande profeta que não teve medo do Herodes e que, direta ou indiretamente, era muito importante para o fortalecimento daqueles homens migrantes posseiros que viviam dias difíceis e precisavam confiar que poderiam vencer as diversidades sempre, sendo forte e nunca desistir da luta. Os arraienses, desde do início da formação da Vila, tiveram enfrentamentos com latifundiários e grileiros que tomavam suas terras.

Falar desse embate me fez suscitar o entendimento acerca do processo metodológico envolvido quando, através das entrevistas, envolvemos a História Oral. É óbvio que não temos um manual pronto e acabado, mas seguindo as orientações de Alistair Thomson (2000, p.51) o entrevistador deve estar constantemente alerta para perceber qual a melhor prática de entrevista em culturas e circunstâncias particulares, como também as questões éticas estão embricadas nele. Isto porque o historiador do tempo presente está mexendo com situações que ainda os sujeitos envolvidos estão vivos, processos que ainda não terminaram e o resultado de suas pesquisas podem ter efeitos embaraçosos para os seus colaboradores.

Pensando nessa situação decidir não citar o nome do fazendeiro envolvido no acontecimento com a família da colaboradora, por considerar uma etapa importante em ser levada em consideração, ela permitiu o uso de seu nome e também do sujeito o qual estava na situação de grileiro quando fez ameaças contra os posseiros. Contudo optei por proteger a identidade do fazendeiro, porque percebi os riscos que posso estar expondo a minha colaboradora em consequência das revelações feitas que possam prejudicá-la de alguma maneira. A memória da arraiense Claudiana nos leva ao período obscuro da Vila, pois sua infância foi marcada por ataques de um grileiro numa pequena terra que seu pai tinha posse, onde ele praticava agricultura de subsistência e tinha pequenas criações. Conforme Claudiana:

Eu tinha uns dez anos quando um certo dia, o meu pai foi surpreendido pelo XXX<sup>61</sup>, que exigiu que ele saísse da terra que ficava lá pra moram, fica aproximadamente uns trinta quilômetros de Jacundá, por que aquela área era dele, aí meu pai veio pra cidade, quando ele voltou o barraco tinham sido queimado. Meu pai não se intimidou, e fez novo barraco ,aí numa certa noite ele(XXX )chegou com os capangas armados e falou que ele tinha sido bom por ter queimado somente o barraco que da próxima vez ele não teria mais a mesma piedade, foi aí que meu pai resolveu buscar ajuda com os militares, porque a terra do meu pai foi doada pela aquele incentivo de povoar, e os

---

<sup>61</sup> Para preservar a minha colaboradora, preferir substituir o nome pelo XXX tendo em vista que ainda hoje os familiares do fazendeiro latifundiário residem na cidade de Jacundá, o mesmo faleceu no ano de 2019 por complicações da enfermidade causada por queda de um animal.

militares ficavam numa espécie de quartel lá no zero, foi aí que meu pai denunciou e o exercito veio com ele, quando eles chegaram havia correntes em todas as cancelas, e o exercito ia quebrando, e foi até o XXX, e falou que se acontecesse qualquer coisa com um de nós ele e o outro fazendeiro grileiro seriam culpabilizados, vivemos lá mais sempre assustado ,fomos poucos dos que resistiram.(Maria Claudiana Da S. Canela, 2021<sup>62</sup>)

No que podemos depreender da citação acima, no Arraias também havia enfrentamento pela disputa da posse da terra. Assim como em diversas cidades do sudeste paraense posseiros eram expulsos de suas terras viviam em constante ameaças, conflitos e muita violência. Ressalto que nesse caso ocorrido com a família de Claudiana, o exército procurou manter a ordem do espaço que ele mesmo havia doado para os migrantes, no intuito de colocar dentro da normativa de ordem e do progresso, o estado “protege”, esses desbravadores que estavam contribuindo para o projeto de ocupação da Amazônia “Integrar para não entregar”. “Terra para homens sem terras”.

Para Pollak (1989) (...) “A memória é assim guarda e solidifica nas pedras: as pirâmides, os vestígios arqueológicos, as catedrais da Idade Média, os grandes teatros, as óperas da época burguesa do século XIX e, atualmente, os edifícios dos grandes bancos”, ainda acrescentaria que a memória da Amazônia diria que está guardada e “solidificada” sobre um olhar para as estradas amazônicas, pois o que parece foi nas rodovias que as coisas aconteciam. Cidades se formavam, sangue derramavam por posse de terra, e sobretudo muitos sonhos concretizados.

Entretanto, carece dizer que os arraienses, além de enfrentar fazendeiros e grileiros, ainda se deparavam com a Eletronorte que havia escolhido a Vila para alocar os remanejados jacundaenses, sem respeitar quem já vivia aqui, toma-a como se fosse propriedade particular para as necessidades da empresa, com total aval do Estado que apoiava as ações do empreendimento. Nesse sentido Arraias será a “salvação” da empresa, tendo em vista que o empreendimento precisa da resposta para os atingidos pela barragem. o Arraias foi invadido [...] as pessoas de Arraias foram envolvidas e ninguém considerou a vida, a luta das pessoas que já estavam no povoado que já tinham suas vidas todas estruturadas” (SANTOS, 2007 p. 107).

A Nova Jacundá ou Arraias, na memória de seus moradores, era vista como muito “perigosa”, porém muito animada. Os festejos de São João Batista, festejos da N. S. do Perpétuo Socorro, o Charles Club, Cine Marrocos e Cine Guajará, o clube do Piriá, o coração de mãe,

---

<sup>62</sup> Maria Claudiana, chegou a Jacundá desde quando tinha a idade de seis anos, atualmente é professora de Ensino Médio e fundamental II ( 6º ao 9º ano), neste Município.

dentre outros, ainda hoje são lembrados por muitos como um espaço de memória. Sobre esses espaços é possível compreender que dia após dia, nesses lugares aconteciam práticas sociais, e que eles têm forte ligação que marcou e ainda marca a história desse povo, considerando que todos os lugares de uma cidade estão cheios de memória, refletindo também um sentimento de pertencimento.

Partir de um lugar concreto e de sua história através das análises das memórias dos moradores de Jacundá, antes e após a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, contribuirá para reflexões pelas quais os alunos do ensino médio da rede pública estadual de Jacundá possam valorizar e compreender sua cidade de forma contextualizada e que não se dão isoladas do mundo, e sim como parte dos processos históricos, refletindo sobre as identidades dessa sociedade. Jaques Le Goff no livro “História e Memória” trata a história como prática social refletindo sobre o que é história para as diferentes sociedades desde a antiguidade até os dias atuais. Define história como a ciência do passado e o passado como uma construção e reinterpretação das ações do homem, portanto o passado é fonte histórica da história permitindo aos historiadores a reconstrução dos acontecimentos, por meio da memória que compõe os documentos/monumentos preservando as narrativas do passado e presente. Nesse contexto, é válido destacar que o estudo histórico desempenha um papel importante na medida em que contempla pesquisa e reflexões que valorizam a atitude intelectual do aluno no desenvolvimento de sua autonomia para aprender.

Desse modo, no contexto da educação, o ensino de História, quando aborda as memórias e identidades partindo de um espaço concreto da vivência dos alunos, poderá provocar uma maior visibilidade das trajetórias, vivências e dificuldades desses sujeitos. Para Vilanova (1996, p. 14): “as fontes orais são indispensáveis à situação limite e deixam aflorar vozes que por tanto tempo ficaram esmagadas”. Compartilho desse pensamento por acreditar que o enfoque na história e memória da cidade nos permite trabalhar com a memória individual e coletiva de grupos que nunca tiveram a oportunidade para se expressar, percebendo sua importância enquanto agentes históricos e que, apesar da sua invisibilidade, são sujeitos importantes.

Jacundá e, mais especificamente, a Vila Arraias são espaços marcados pela civilização da estrada que se impôs na Amazônia na perspectiva do desenvolvimentismo e da integração do espaço nacional, iniciado na segunda metade do século XX. Como nos afirma o colaborador:

Chegamos aqui ainda em 1970, meu pai veio primeiro depois foi nos buscar, viemos de pau- de- arara do Espírito Santos, meu pai comprou terra primeiramente pra os lados Mururu, até hoje eu tenho muitos parentes lá, mururu nos dias atuais é uma vila

de Ipixuna do Pará. Em busca de vida melhor viemos para o Pará, aqui pro Arraias viemos em 1975, aqui quem morava era gente que queria realmente ter alguma coisa, fazíamos a nossa rocinha, construíamos as nossas casas e ruas, aqui tudo era difícil, não tinha nada, o que tinha mesmo era malária, e pessoas brigando por terra. (...) aqui acontecia de tudo, a gente sempre dizia que aqui em jacundá de manhã jacundá, de tarde já com frio e de noite já com Deus, a malária matava igual hoje a covid ta matando ( JOSÉ NETO CABRAL, 2021).

Conforme o excerto acima a memória de meus colaboradores arraienses nos leva a um cotidiano de muito trabalho, uma rotina de muito sacrifício, onde os mesmos narram que passavam dias na mata abrindo clareiras, fazendo suas rocinhas de subsistência com plantações de arroz, milho, feijão, mandioca, a noite construía suas casas ou iam abrindo ruas para assim formar a vila, aos sábados muitos se reuniam para mutirões, e aos domingos iam para igreja buscar fortalecimento espiritual, mas também ouvir estratégias políticas para com a organização de seus espaços, pois a ação religiosa era uma ação política voltada à organização na luta pela terra.

Quando chegamos em 1977, muitas pessoas vinha pro Arraias, se aventurando, por que tinha que ter coragem pra enfrentar, meu pai comprou uma terrinha pra meu marido e eu, o Antônio veio primeiro, fez um barraquinho coberto de palha, as dificuldades era muito, começamos a nossa luta, aqui quando chegamos já tinha uns conhecidos, os Gomes, zé Gomes, João Gomes, e chico mineiro, as estradas eram péssimas, quando chegava o inverno a gente ficava isolado, teve época em que para o alimento chegar até a nós precisava de vir de avião. Além das dificuldades com transporte, falta de hospital, não tínhamos energia, escola, a malária dominava por aqui, todos os dias morria gente de malária. Quando o pessoal da velha jacundá chegou à gente estranhou muito, os jeitos que faziam festas da padroeira, depois que acabaram com as desavenças do padroeiro achei bom, eu até acho que aqui melhorou muito com a chegada deles, porque teve um desenvolvimento melhor, mas aqui era um lugar de gente de todos os lugares, que vinha se aventurar, vinha em busca de melhoria de vida (TEREZA MUNALDE, 2021).

As diferenças culturais entre remanejados e arraienses sempre foram marcantes. Os arraienses não aceitavam a maneira como os remanejados expressavam a sua fé nos festejos, porque dançavam, bebiam no mesmo espaço que rezavam. Eram vistos como os não “praticantes da fé e dos dogmas da igreja”. Já os jacundaenses os viam como subversivos, haja vista que no momento que deveriam estar rezando e falando de Deus, estavam discutindo política, organizando movimentos sociais, entre outro. Vale lembrar que Arraias foi uma das regiões que havia maiores ocorrências de conflitos e geralmente culminava em assassinatos nas diversas disputas por terra, por toda a margem da PA- 150. Nesse contexto os padres Paulinho, Humberto e a Irmã Dorothy Stang, foram de fundamental importância nas articulações de estratégias lutas e resistências dos arraienses. Em Arraias formaram os primeiros grupos de

leigos na formação de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).<sup>63</sup> Segundo Bardine (Jul, 2021)“os religiosos foi muito importante para os ensinamentos de se defender e lutar pelos direitos”, o movimento era fortalecido em reuniões na Igreja matriz nos momentos das missas, tendo em vista que o momento político que viviam não era favorável para reuniões em lugares particulares, e a Igreja era o único local que podiam se reunir e não serem acusados de conspiração. Conforme as narrativas os remanejados viam estranhamento a maneira que os padres conduziam as homilias, eles sentiam desconfortáveis frequentar a igreja Matriz,

Na minha Jacundá os padres faziam batizados, casamentos, rezava o terço, essas coisas que a gente esperava da Igreja, quando chegamos aqui, tudo era diferente, os padres só se preocupavam em falar de política, e luta pela terra, não tinha como frequentar a São João Batista (Juracy Caldas, 2001).

Conforme o trecho da citação acima, é notório que existia um certo estranhamento entre essas duas populações que viviam no mesmo espaço mais tinham divergência de ideias em diversos aspectos. Contudo, é importante ressaltar que ambos estavam sofrendo a falta de políticas públicas que pudessem atender as necessidades dessa população, e tinham anteriormente um contexto diferente antes de virem para a Arraias: os remanejados eram homens ribeirinhas que foram deslocados de sua cidade por empreendimento governamental; os arraienses são migrantes de diversas regiões do Brasil, já tinham uma cultura de migração que, ao chegar em Arraias, veem a oportunidade de firmar morada, e essa oportunidade acaba sendo validada e legitimada, pela organização que a Igreja faz na Vila, o que provoca um sentimento de pertencimento a esse lugar, enquanto os remanejados têm um sentimento de negação para com a Vila, e tudo que é diferente de suas vivências na beira do rio. Conforme a citação abaixo:

A Igreja, nos auxiliava nas orientações de organizações de luta era um momento difícil, era período da ditadura e com os religiosos todos se sentiam mais protegido, eu garanto que com eles o povo tinha mais consciência, era um trabalho de base mesmo, quem participava ativamente das reuniões acabava tendo uma consciência de luta muito grande, muitos tinham pouca leitura, mais tinha uma consciência política, que poucos estudado tem (Bardine, julho de 2021).

O impacto da lógica mercadológica dos grandes projetos é devastador na vida dessas pessoas. O que se observa é que tanto os arraienses, quanto os remanejados, vivem momentos de incertezas, lutas e de busca de um lugar que garantisse uma melhoria de vida. E a Igreja, para esse povo que enfrentavam problemas mesmo que em grupos separados foi muito

---

<sup>63</sup> As comunidades eclesiais de base (CEBs) são organismo da Igreja Católica que se caracterizam por: celebração dominical realizada por leigos ou leigas; ampla participação na tomada de decisões, geralmente por meio de assembleias; ligação entre reflexão bíblica e a ação na sociedade. Site [www.fgv.br](http://www.fgv.br)- verbete temático.

importante para orienta-los a buscar seus direitos, pois estavam sem assistência do estado e vivendo as mesmas mazelas tanto quantos os arraienses.

#### **2.4 Novos e velhos espaços de lazer (cinema, praças, rua, clubes, rios e igarapés)**

Apesar de ainda hoje o tema da transferência de Jacundá para a Vila Arraias, ser algo muito sensível para os remanejados, percebe-se que de alguma forma há, lembranças boas, sobre esse novo espaço, eles afirmam que para sobreviver tiveram que aceitar esse novo espaço, mas que ainda hoje sentem saudades de sua cidade natal. Para os mais jovens remanejados apesar de também acompanhar o saudosismo de seus pais pela antiga Jacundá e falarem com muito amor pela sua terra natal, lembram com muito carinho de vários espaços construídos com o tempo na Jacundá atual, assim como os arraienses.

Entender as experiências vivenciadas por esses sujeitos é imprescindível para entendermos que todos os lugares de uma cidade estão sobrecarregados de memória. A Vila Arraias, como já dita anteriormente, iniciou próxima ao rio Arraias. A memória sobre o rio é muito presente, as primeiras lembranças da chegada à Vila era sempre a parada para descansar as margens do mesmo, lembram-se da margem do rio coberta de mata densa, a água gelada e limpa, é sempre muito recorrente, as lembranças sobre a travessia de capivara de uma margem a outra, não era um rio muito largo no espaço que concentra no meio da cidade, mas ali se pescava, surubim, pescada, beré, curimatá, piau entre outros peixes, e era ótimo para tomar banho. Pela memória, dos antigos para atravessar o rio, era necessário passar sobre uma ponte improvisada com algumas toras que ligava uma margem a outra do rio. O rio foi ganhando outras funções, principalmente com o aumento da população, que se dá com o início da construção da PA-150. Com a chegada de muitas firmas, muitas mulheres viram a possibilidade de ganhar um dinheiro extra, começaram a surgir as lavadeiras profissionais, cada uma tinha a sua tábua, essa tábua demarcava o espaço, mas além das lavadeiras profissionais grande parte das mulheres lavavam roupas e outros utensílios domésticos no rio.

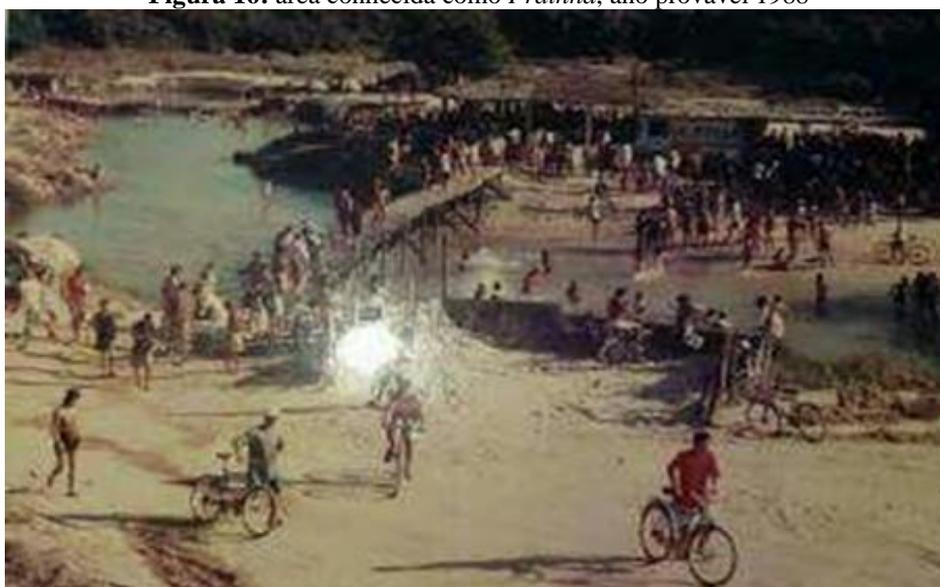
A diversão era garantida nos finais de semana, os moradores se reuniam geralmente no final de semana e costumavam fazer piqueniques às margens do rio, muitos jovens também desciam as correntezas até chegar à prainha, que era a continuidade do rio arraias, na altura de dois a três quilômetros aproximadamente, encontrava-se um barranco de areia que passaram a chamá-la de praia, abaixo na Figura 16 trata-se de um exemplar de configuração dos que chamam de prainha.

O rio Arraias, a Prainha, a Prainha lá no rio Arraias, lá era magnífico, parecia realmente uma praia, era o ponto de encontro de todos os amigos, eu ia com meu esposo, a gente reunia um grupo de amigos, e a muitas vezes nós chegávamos lá de uma forma diferente, porque a gente descia nadando desde lá do porão, que fica atrás da subestação, e a gente reunia um grupo de amigos, ai descia nadando, meu esposo e os homens eles iam pescando, eles tinham tarrafas, e ele pescavam também alguns caris nas locas nas laterais do rio, e nós mulheres íamos descendo nadando, segurando alguns paus que tivesse no meio do rio saíamos de manhã cedo e chegávamos meio dia nessa aventura toda, lá tinha tipo umas passarelas que ligava um ilha a outra, ai tinha os quiosques e muita gente tomando banho naquela agua limpa e muito gelada, porque o rio arraia sempre foi muito gelada (LEDA BORGES, 2021).

O trecho acima descreve em detalhes as narrativas reveladas pelos colaboradores quando eles falam sobre a diversão no rio arraias e a prainha na Arraias. Saliento que os encontros às margens do rio se davam de várias maneiras, para banhar, pescar, lavar roupa, conversar. Portanto percebe-se que as experiências compartilhadas no rio, fortaleciam a relação social dessas pessoas

A fotografia possui duas faces, ou “múltiplas faces e realidades.” Precisamos ter consciência dessas possibilidades quando trabalhamos em sala de aula a fotografia como fonte, deve ser analisada e observada o contexto histórico e o local retratado (KOSSOY, 2000, p.131). Entretanto para análise da fotografia abaixo cabe primeiramente entender que a primeira face, é o que primeiramente vemos e identificamos na imagem, isso é exatamente o que nós comumente vemos ao olhar uma fotografia. E a realidade revelada, apresentada de um momento específico, que pode nos revelar algo ou ocultar as possíveis visões dentro de si.

**Figura 16:** área conhecida como *Prainha*, ano provável 1988



FONTE: Acervo do Museu de História de Jacundá 2021

Vejam a imagem da Prainha, na Figura 16 acima. A fotografia é dos anos 80 do século XX, esse espaço é cortado pelo rio Arraias, pode-se observar era uma espécie de praia mas dividida em pequenos blocos de areia que acabavam configurando uma espécie de ilhas, pelo qual se atravessava de um lugar para outro através de pontes improvisadas como consta na imagem, ou a nado. É possível observar que era um local bastante frequentado, havia um único bar e restaurante. Na parte de cima na fotografia podemos ver esse espaço, o mesmo funcionava também como um espaço de dança, ressaltando que por muito tempo teve como proprietário o seu Almir Dias.

Na Figura 17, abaixo, podemos apreciar um outro momento que era muito corriqueiro na Arraias, a diversão no rio, onde crianças e jovens aproveitavam as correntezas do rio Arraias, para descerem rio abaixo usavam pequenas canoas feitas de madeira, ou as vezes algumas toras de madeiras as quais usavam para sobrenadar, essa brincadeira é muito lembrada pelos arraienses e pelos remanejados sem distinções, todos compartilham dessa memória de diversão. Essa embarcação na imagem é improvisada pelas próprias crianças, era comum também usarem câmeras de ar tirados de pneus de carro, para descerem o rio Arraias até chegar na prainha.

**Figura 17:** Jovens descendo o Rio Arraias, 1990



FONTE: Museu de História de Jacundá 2021

Embora essa fotografia represente um momento de lazer às margens do rio Arraias. Precisamos nos ater que a fotografia é uma construção de quem manuseia a câmera. Desde a escolha do ângulo até a visibilidade que se pode dar a um determinado objeto, lugar, pessoas, paisagens etc. Carece de refletir sobre quem está fazendo o registro o que ele procura transmitir,

pois trata de um olhar próprio que ao ser compartilhado, pode ganhar uma proporção maior do que se imagina, e conseqüentemente, passar a fazer parte da construção de uma memória coletiva, como acontece na imagem apresentada acima e as demais que serão expostas nesse capítulo. Portanto, é preciso compreender que nenhuma imagem é produzida de forma inocente, pois é acometida de conhecimento que podem fazer parte de uma descrição de um grupo, de uma cultura e, logo, não é uma verdade absoluta e inquestionável. Sempre que buscarmos fontes iconográficas, precisamos estar atentos para o que está além da imagem. Boris Kossoy chama atenção para o uso de fotografias, para o autor a relação de poder de mediação das massas, ficou muito intenso a partir do uso de tecnologias que possibilitou a reprodução em massa de conteúdos e neles também incluem as imagens, ou seja, os conteúdos visuais. Conforme o autor:

E tal manipulação tem sido possível justamente em função da mencionada credibilidade que as imagens têm junto à massa, para quem, seus conteúdos são aceitos e assimilados como expressão da verdade. Comprova isso a larga utilização da fotografia para veiculação da propaganda política, dos preconceitos raciais e religiosos, entre outros usos dirigidos, (KOSSOY, 2000, p. 20).

A Nova Jacundá apesar de sua população viver momentos sempre muito tenso, quer seja pela disputa de terras, entre grileiros, posseiros e fazendeiros ou pela Eletronorte, a população de acordo com a memória sempre tiveram momentos de diversão, e até parece curioso que hoje com toda as tecnologias, a cidade não dispôr de uma cinema, visto que no ano de 1979 a cidade já dispunha de um cinema o famoso “cine Marrocos”, o cine Marrocos ficava situado na Avenida Cristo Rei que é a avenida principal da cidade, dividida pela PA-150, o cinema funcionava de terça a domingo, com três sessões durante a semana, com a capacidade para entre 30 a cinquenta pessoas.

Geralmente, à frente do prédio, algumas pessoas disputavam o espaço vendendo laranja, pipoca, algodão doce, geladinho e balinha. Aos sábados e domingo dependendo da quantidade do público poderia fazer até seis seções, aos domingos iniciava às 14h com filmes livres para todas as idades, mas sempre o último filme por volta das 23h era somente para adultos. Nesse cinema, assistiam filmes de comédia, principalmente dos *Trapalhões*, de faroeste, Bruce Lee e terror; nas quartas-feiras o proprietário fazia a promoção de entrada livre para as mulheres somente a primeira seção. As memórias são tão fortes sobre esse espaço, que alguns dos entrevistados dizem que, pelo menos uma vez, tinha que ir assistir a um filme. Já por volta de 1985, outro cinema chegou à cidade, era o cine Guajará, esse último funcionava atrás do Supermercado Apache, era maior, funcionava de segunda a domingo, nas segundas era

livre para mulheres e crianças de até 10 anos. Para muitos moradores era a única diversão de fim de semana, como nos afirma Rimair (2021):

Quando nós chegamos aqui, me surpreendi com o cinema, uma cidade sem energia mais tinha um cinema, isso foi maravilhoso, eu era frequentador de todos os domingos, a minha família tinha vindo de Campos no Rio de Janeiro, já conhecia cinema, eu nem acreditei quando eu cheguei aqui, o primeiro filme foi a Igreja da Serra, até os atores vieram pra vender um monte de coisa que era referente ao filme, até monóculos eles venderam com fotos do filme, Jacundá tinha muito local bom, apesar das dificuldades, aqui faltava tudo, menos diversão (Rimair, 2021).

O cinema em Arraias funcionava como um espaço de sociabilidade, passou a ser um divertimento emocionante que mexeu com o público através da magia produzida pelas imagens daquele projetor. Ele vai aos poucos tornando-se hábito de divertimento da população. Na década de 80 em Arraias, segundo meus colaboradores, os filmes, de certa maneira, influenciavam a vida das pessoas, muitas moças copiavam as roupas das atrizes, alguns jargões ditos nos filmes eram rapidamente reproduzidos pela população. “O cinema era maravilhoso e mágico, trazia pra gente no nosso dia a dia a alegria de sonhar com aqueles lugares lindos” (ZULEIDE, 2021). O que pude depreender, nas entrevistas quando revelam a importância do cinema na vila, que a magia dos filmes fazia esquecer a situação que viviam, era o momento de sonhar e conhecer que para além da PA 150, havia beleza e muitos podiam sentir o prazer de voltar através de filmes a sua cidade natal.

**Figura 18: sala de projetor do cinema Cine Marrocos 1981**



FONTE: Acervo pessoal Cassia 2021

Na Figura 18, apresento um exemplar de um projetor que era usado no Cine Marrocos, o mais famoso cinema de Arraias naquela época, junto ao projetor o precursor do Cinema na Vila, o senhor “Pedrinho do Cinema”, a criança é filho de um apreciador de cinema, segundo a viúva de seu Pedrinho do Cinema, algumas pessoas no final da programação pediam para tirar foto na sala de projeção. O projetor ficava aos fundos, numa sala suspensa, sempre dois projetores se revezavam, enquanto um rolo era carregado pelo operador.

O Cine Marrocos é lembrado por muitos de meus entrevistados como o espaço para encontrar amigos, namorar e sonhar. Mas segundo Cassia era uma atividade muito árdua manter o cinema naquela época, pois havia muitas dificuldades em trazer os filmes para cidade, devido à falta de estrada, a PA-150, no inverno ficava intrafegável, e Jacundá ficava isolada. Vejamos o que ele revelou:

(...). Era muito difícil trazer os filmes pra cá, às vezes ele levava três dias na estrada de Marabá pra cá, porque a estrada era ruim, os carros ficavam atolados aí vinha caminhando trazendo nas costas os rolos de filme. Quando ele chegava em Jacundá vixe! Quando anunciava nos carros de som, era uma fila enorme de gente pra assistir, às vezes era preciso fazer três sessões, tudo era muito dificultoso, aí depois quando foi melhorando pra frente, aí chegou à energia, aí diminuiu os negócios do cinema, porque algumas pessoas compraram tv, e começou aparecer outras novidades, mas até 1997 nós ainda tinha o cinema (Cássia, 2021).

A ausência de energia na Vila também foi muito marcante. As memórias desse tempo, do antes e o depois da energia elétrica, representa uma ruptura naqueles que guardam na memória as brincadeiras coletivas que ocorriam todas as noites no meio das ruas, as calmarias das ruas por não ter carros e motos na vila, permitiam que as crianças explorassem as ruas de seu bairro com as brincadeiras “*pega latinha*”, “*bombaquin*”, “*cirandas*”, “*queimadas*”, “*marré decir*”, “*pula corda*”, “*elástico*”, “*cai no poço*” entre outros. A brincadeira do lindor também foi citada por alguns dos entrevistados, segundo um entrevistado, “era uma forma de poder às vezes se aproximar de alguém que estava a fim de namorar”. Conforme Santos (2007):

A brincadeira do lindor era realizada geralmente na casa dos moradores “no meio do terreno” especialmente em dia “de lua bonita” isto é no período de lua cheia devido a não existência de energia elétrica no período. As pessoas se organizavam da seguinte maneira: eram formadas duas colunas uma de mulheres e outra de homens, havia um puxador do lindor que era a pessoa que iniciava a brincadeira o qual era seguida pelos demais a mesma saía do seu lugar de origem e se dirigia até as mulheres, e dava o braço pra uma delas que era primeira da coluna, e começava a rodar passando a mesma para o outro homem que vinha a seguir e assim prosseguia a brincadeira formada um círculo onde todos cantavam “Ô lindor (SANTOS, Edileuza, 2007, p. 103).

E a memória de Leda Borges que aproveitava a escuridão da noite, brincava na rua.

Quando eu cheguei aqui em Jacundá não tinha energia elétrica, era tudo escuro, as luzes era de lamparinas, e também nas noites de luas, que era muito bem aproveitada com as brincadeiras no meio da rua, nós morávamos na rua Nobre logo abaixo da igreja São Francisco e o pátio da igreja São Francisco era o nosso ponto de encontro todas as noites de lua cheia, juntava aqueles grupos de adolescentes, as brincadeiras era muito coletivas, ai brincávamos muito de cai no poço, de bombaquin, era uma brincadeira que a gente fazia muito era escolhido duas pessoas para a liderança que formava uma espécie de cobertura com os braços, enquanto os demais faziam uma fila indiana, e começavam a passar por baixo da cobertura dos líderes (Leda BorgeS,2021)

Ainda em 1982, segundo as narrativas, as brincadeiras nas ruas se dividiam também nas idas a soverteria União, é lembrada como um local animado, principalmente devido a tv que proporcionava a maior parte da população um entretenimento diferente, a tv era ligada apenas em certas programações devido funcionar através de um gerador, que era ligado das 16hrs até as 21hrs. Se hoje a televisão e as redes sociais ocupam muito tempo na vida das pessoas, naquele período era apenas esporádico haja vista que pela memória havia tantos lugares para o lazer que assistir televisão não era tão divertido quanto banhar nos rios, soltar pipa. O “Mulatão” assim como o campinho do pique é sempre lembrado, os campeonatos de futebol intermunicipal, as quadrilhas juninas tudo acontecia no mulatão, além de ter servido como palco para shows de cantores nacionalmente conhecidos.

## 2.5 Memórias e embates

Alguns entrevistados dizem a “cidade cresceu” e aos poucos tudo foi modificando, acreditam que com a construção da PA-150, acabou atraindo cada vez mais famílias em busca de terra para trabalhar, mas que apesar do crescimento populacional, a cidade era carente de saúde, de energia, e educação, a memória dessas pessoas lembram fortemente de um episódio marcante que mexeu com toda a sociedade jacundaense. Segundo relatos, a Escola Municipal Raimundo Ribeiro de Sousa, a única que havia naquele período para atender a demanda estudantil da vila, foi alvo de atitudes extremas dos estudantes, no calor de suas reivindicações atearam fogo na escola, jogaram carteiras escolares no poço, rasgaram livros e esse acontecimento marcou os movimentos estudantis na vila. As atitudes extremas desses estudantes provocaram uma dispersão das salas de aula para diversos espaços na cidade, mas

levantaram a pauta reivindicatória junto a Eletronorte que até o ano de 1983, não havia construído as Escolas Teotônio Apinagés e Coronel João Pinheiro ambas deviriam ter sido construída ainda no início de 1980, com a transferência de Jacundá para a Vila Arraias. Muitos cansados de reivindicar passivamente a construção das escolas, chegaram aos extremos, é de suma importância lembrar que Arraias era uma Vila que se construía com uma série de conflitos.

Podemos compreender a história de Arraias a partir das reflexões de Mesquita e Fontes, ao analisar as regiões de fronteiras como espaços de conflitos, e abandono. “A floresta amazônica era uma fronteira que recebia diversas fronteiras[...]Não havia o que fazer, os invasores representavam a face de grilagem de terras [...] região sul e sudeste do Pará” (MESQUITA, FONTES,2014. p.163,169). A população arraiense já trazia consigo a luta constante para se manter na terra e por infraestrutura na cidade, como nos afirma Hébette “a zona mais quente de conflito é a situada próximo à cidade de Arraias, onde grileiros do Maranhão praticavam uma série de desmandos” (2004, p. 87).

Como podemos observar dentro de arraias para conseguir se firmar tinham enfrentamentos constantes, por isso, o incêndio na escola foi uma situação limite. Consoante aos relatos, todos estavam cansados de esperar a construção das escolas, hospitais além disso, esperavam que se colocasse a energia elétrica. Diante disso, a queima da escola foi um grito de alerta para com os descasos que vinham acontecendo. O historiador inglês Edward P. Thompson em sua obra *Costumes em comum*, busca compreender o papel dos trabalhadores (artesãos e camponeses) e demonstra o seu protagonismo, enquanto sujeitos históricos; e isso também ocorre em Arraias quando os jovens estudantes chegam as vias de fato a queima da escola e buscam o protagonismo pra si. As suas ações são retratos dos costumes, ou seja, práticas que embora antigas são constantemente repensadas e reformuladas a partir da experiência e reafirmam a legitimidade dessa classe, tanto os sujeitos de Thompson (2005), quanto aos estudantes de Jacundá, tinha experiência de luta em busca por seus direitos em espaços contestados. “Houve um choque entre os “amotinados”. [...] isso nos lembra que que ânimos exaltados a respeito de direitos comuns e distúrbios não são necessariamente resultados dos cercamentos” (THONPSON,2005 p.93). Conforme relatos de meus colaboradores:

Aqui em Jacundá era somente uma escola que funcionava. Quer dizer um prédio, por que na prática, num mesmo prédio funcionava três escolas, a única que tinha o Prédio próprio era a Escola Municipal Deputado Raimundo Ribeiro de Souza, as outras duas era as que tinham na Velha Jacundá, funcionavam dentro desse prédio, distribuídos em horários diferentes, inclusive funcionava um horário intermediário, era assim: das

sete as onze, das onze e quinze as três e quinze às seis e meia, e das dezenove as vinte duas e trinta, a energia era de motor (Magnólia, 2021).

No momento que iniciou o fogo na escola Raimundo Ribeiro, ficamos todos desesperados, foi uma noite de medo porque não sabíamos o que iria ocorrer, depois desse incêndio fomos transferidos para uma outra escola que a Eletronorte foi muito rápido pra montar, era daquele material pré-fabricada, era de madeira igual às casas que eles tinham feito pra o pessoal de jacundá velha, aí essa escola passou a ser o Teotônio Apinagés, dizem que a diretora do coronel João Pinheiro na época era a dona Aida Sanches, ela não aceitou a escola de papelão como muitos chamavam, exigiu que fosse do jeito que era na Jacundá toda de alvenaria, ela tinha apoio de muita gente importante, aí juntamente com o povo de jacundá, foi todo mundo mesmo exigiram do prefeito que tomassem providência, aí os alunos do coronel, mesmo não tendo prédio passaram a estudar junto com os alunos do Teotônio em horários diferentes, do mesmo jeito que funcionava anteriormente lá no Raimundo Ribeiro. A Eletronorte se comprometeu de construir depois as duas Escolas, aí seguimos estudando na escola que ela montou pra atender as necessidades naquele momento (Sirley Sousa Santos, 2021<sup>64</sup>).

É possível deduzir, a partir dos depoimentos, que as escolas seguiram no mesmo prédio por mais um ano, após muitas reivindicações e longas lutas junto a Eletronorte para construir a Escola Coronel João Pinheiro, que finalmente foi construída em frente ao prédio que foi feito até então provisoriamente para atender as demandas da Escola Teotônio Apinagés.

Ressalto que a partir da memória muitos afirmam que a escola Teotônio Apinagés só deixou de existir no mesmo local em 1995, quando houve um atentado criminoso que deixou em cinzas o prédio que mesmo após 12 anos ainda estava no que seria um prédio provisório, a mesma só veio a ter um prédio devidamente construído só no ano de 1997. Seja como for, a época na qual as escolas tiveram que funcionar no mesmo prédio contribuíram significativamente para desenvolverem momentos muito importantes para a cultura jacundenses, considerando que as referidas instituições faziam grandes eventos. Embora as duas funcionassem no mesmo prédio, faziam eventos separados e competitivos, a festa do dia das mães, festa junina, torneio de futebol interescolar, desfiles cívicos, tudo ocorriam numa “competição”, que segundo os entrevistados, viera desde antiga Jacundá, que ocorriam desde um jogo de futebol aos festejos da santa, apesar de não ter sido um agravante social, era frequente.

Na Nova Jacundá (Arraias) vez ou outra se percebia nos eventos essa competitividade. Porém, essas emulações desapareciam quando o embate era contra a Eletronorte. A empresa era de certo modo o que eles definiam como “inimiga”, então se uniam quando tratava de reivindicações junto a ela.

---

<sup>64</sup> No período da entrevista trabalhava como Agente Comunitária de Saúde.

Oportuno se faz ressaltar que na Nova Jacundá, apesar das dificuldades de viverem numa cidade de fronteira, sem as necessidades básicas atendidas, é unânime ter recordações de um espaço de lazer o Charles Club<sup>65</sup>, localizava-se na Rua Jatobal, no centro da cidade, era um salão feito de madeira, com o passar do tempo foi construída de tijolos, acontecia às festas dançantes a partir das sextas-feiras e prosseguia no sábado e domingo. Apesar de existirem outros espaços de festas na cidade, o Charles Club, caiu nas graças de todos, funcionou de 1982 até 1998. As pessoas quando falam desse espaço lembram com muita emoção, alguns falam sobre o primeiro amor, as festas de carnaval, os desfiles de miss e mister jacundaenses e também das decepções amorosas. Vejamos a memória de alguns frequentadores:

O Charles Club, lá acontecia as melhores festas, sexta-feira abria, era muito bom, a gente saía da escola e ia direto pra lá, as músicas tocava de tudo, logo no início tocava discoteca, rock brasileiro e internacional, e depois tocava música lenta, romântica pra gente dançar agarradinho com aquela pessoa que muitas vezes a gente estava afim (SIRLEY SOUZA SANTO, 2021).

No Charles club encontrei o amor da minha vida, a gente ia aos domingos, porque naquele tempo funcionava a matinê para os de menor, começava às três horas da tarde, e só acabava no caso para os de menor às sete horas da noite, dançávamos tanto que saíamos encharcados de suor daquele lugar, tenho até hoje saudades (LEDA BORGES, 2021).

Eu lembro das festas de carnaval, a gente se fantasiava e pulava as quatro noites, cada dia a gente inventava uma fantasia, namorei muito ali, mas também chorei, porque às vezes a gente pegava de surpresa o gatinho da gente dançando agarradinho com alguma garota, aí já sabia que o beijo rolava (risos) (MAGNÓLIA SOUZA, 2021).

As lembranças de Jacundá apresentada aqui, nos levam a reflexão sobre como uma população do interior da Floresta Amazônica com todas as adversidades criam mecanismos para se reinventar, sofrem mais conseguem tirar do sofrimento aprendizado, o encontro com o novo tanto dos remanejados quanto dos migrantes advindo de todas as regiões construíram a Jacundá, a Boa Vista, Arraias ou somente Jacundá, não mais a Jacundá da “Beira” do Rio, mas a jacundá que surgiu desde o princípio transformando homens e mulheres em valentes, que enfrentaram a malária, a violência no campo, a falta de moradia, escolas e a total falta de políticas pública, mas se uniram em prol de uma vida melhor.

Hoje, a memória dessa Jacundá não é somente dos arraienses, mas também dos remanejados que, apesar de ainda sentirem muita falta de sua cidade, e ainda dizerem que não se acostumam com o novo lugar de moradia, se emocionam quando falam sobre a sua cidade, que encontra submersa, construíram laços de amizade e respeito pela Nova Jacundá, às

---

<sup>65</sup> Charles Club, é o nome fantasia de uma danceteria, que funcionou nas décadas de 1980 até o ano de 1998.

memórias da antiga cidade se confundem com a memória da atual, isso se deu fundamentalmente pelo sentimento e compartilhamento dos lugares de memória que foram criados a partir de suas experiências e vivências sociais na nova cidade. Nesse sentido, as transformações da cidade colaboram na construção da consciência histórica e para corroborar com esse sentido, a historiadora Pesavento (2007) nos diz que:

A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam (2007, p. 16).

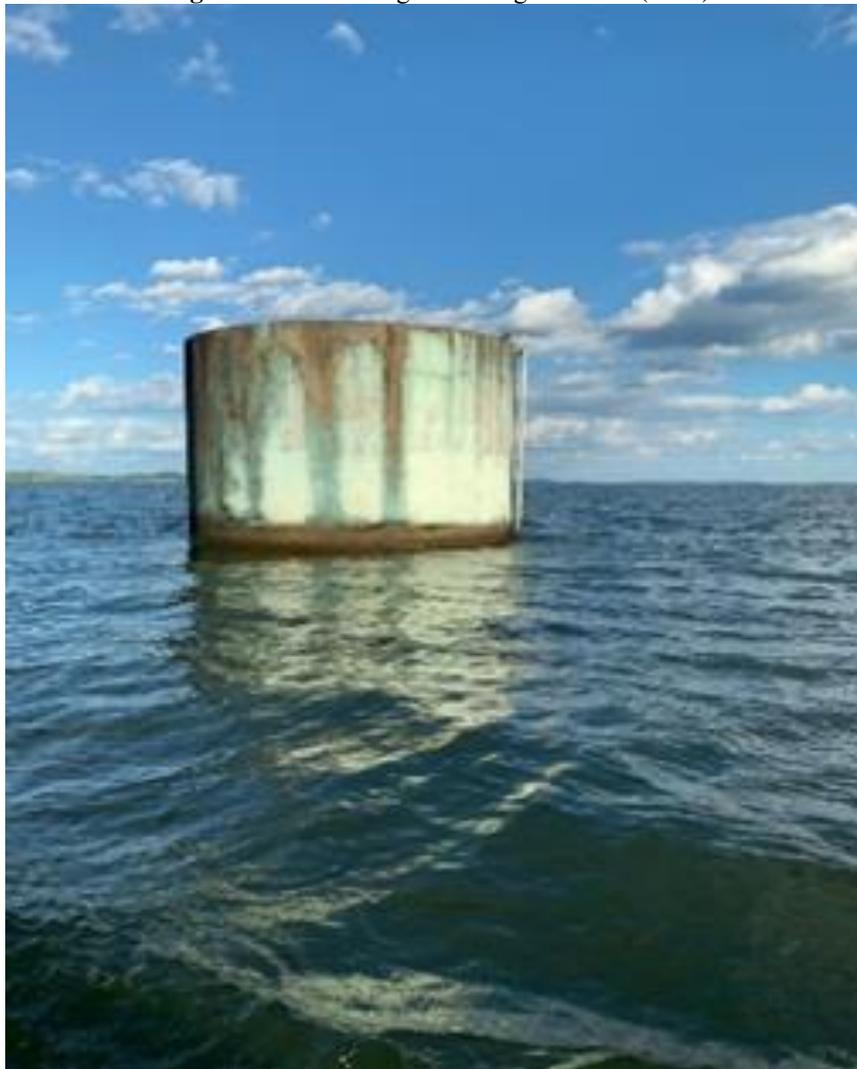
A cidade de Jacundá, como tantas outras, foi se constituindo historicamente por meio de vários embates de memórias (POLLAK, 1992), em maior parte das vezes imbuídos pelos eventos que colocaram em luta o antigo e o moderno (LE GOFF, 1990) os diversos espaços visíveis de nossa cidade como praças, prédios, residências, monumentos. As nossas cidades através de “vestígios” passado ou presente ajudam a nos revelar a história da cidade, conhecer a nossa história trás um sentimento de pertencimento ao lugar, sabemos que as inúmeras histórias através desses monumentos e pela memória podem desaparecer caso não demos a importância que merecem para manter-se como espaços de memória. A leitura e o diálogo que Aleida Assman teve com Nora, são fundamentais para o entendimento da ampliação do conceito de lugares de memória que a autora desenvolve:

Pierre Nora, para explicar essa mudança de um local em que as formas de vida tradicionais se estabilizam para um outro local que detém somente os vestígios de circunstâncias de vida interrompidas e arruinadas, utilizou um jogo de palavras em francês. Ele fala da transição de um *milieu de mémoire* para um *lieu de mémoire*. Um local honorífico é o que sobra do que não existe mais ou não vale mais. Todavia, para que ele se perpetue e se mantenha válido, é preciso que se continue a contar uma história que substitua o milieu perdido. Locais da recordação são fragmentos irrompidos da explosão de circunstâncias da vida perdidos ou destruídos. Pois, mesmo com o abandono e a destruição de um local, sua história ainda não acabou; eles retêm objetos materiais remanescentes que se tornam elementos de narrativas e, com isso, pontos de referência para uma nova memória cultural. Esses locais, porém, são carentes de explicações; seus significados precisam ser assegurados complementarmente por meio de tradições orais (ASSMAN, 2011, p. 328).

Fazendo uso do conceito de memória cultural, os espaços de recordação são ampliados para além dos lugares físicos. No caso da História de Jacundá a memória foi de suma importância para se construir os espaços de sua cidade perdida, a foto da caixa d'água, conforme a figura 19, atualmente serve como um espaço de recordação para os remanejados jacundaenses. Quando as comportas da hidrelétrica é aberta, ela demarca a cidade perdida e para eles é muito

importante, visto que se não existisse essa caixa seria impossível saber onde a Velha Jacundá existiu.

**Figura 19:** Caixa d'água da antiga Jacundá (2019)



FONTE: Museu da história de Jacundá. 2021

A saudade e o sentimento de perda, sofrimento, abandono é ainda muito forte, na fala dos colaboradores, pois a ausência de não ter o lugar de nascimento para voltar quando quisesse ou mostrar para os seus descendentes, deixaram marcas profundas que não conseguiram superar e sempre que podem se reúnem para ver a caixa d'água que após anos continua majestosa, demarcando a cidade tão amada pelos seus antigos moradores.

Cabe destacar que, em 1992 um período de seca muito forte, as águas do rio Tocantins abaixaram e a cidade submersa ou os escombros dela ficaram visíveis. Assim, os filhos dessa terra puderam marcar encontros memoráveis debaixo da caixa como mostra a figura 20. Essas pessoas que se encontram de baixo dela, relataram que foi a maior emoção quando se depararam

com as origens e artefatos que o tempo não conseguiu destruir. Conseguiram visitar cada lugar a partir dessa caixa e identificaram onde ficavam as suas casas. Na imagem, há três pessoas que seguram algo, a Ozélia, revelou-me que era telhas da escola Coronel João Pinheiro, eles queriam de alguma forma ter algo de sua cidade.

**Figura 20:** Caixa d'água no período seco, remanejados 1992



FONTE: acervo pessoal de Ozélia 2021

Atualmente, existe o Museu da Memória de Jacundá. Porém, como diz Leoéze, o *guardião do museu*, “até quando?” Já que sozinho enfrenta as adversidades para mantê-lo, pois nem prédio o museu tem exatamente, posto que funciona no espaço que outrora foi a casa que funcionou como Igreja da padroeira da antiga Jacundá. Segundo Leoéze, vive sendo ameaçado ora ou outra de ser despejado do prédio. Aos poucos se agarrando ao montante de objetos que ainda restam como patrimônio cultural e material desse povo, o guardião do museu busca manter a memória dessas pessoas, que perderam muito em suas vidas, e ainda continuam resistindo para serem respeitados e visto por essa nova cidade que se construiu. Mas essa será uma nova pesquisa.

### 3. ABORDAGEM METODOLÓGICA: PRODUTO DIDÁTICO COMPILAÇÃO DE DOCUMENTOS GERADOS PELA HISTÓRIA ORAL

Pensar a diversidade dos espaços da história-memória de Jacundá é a motivação dessa parte prepositiva da dissertação que está inserida no campo do Ensino de História na linha de pesquisa Saberes históricos em diferentes espaços de memória. Trata-se de um material que poderá contribuir para utilização de documentos da memória oral de Jacundá, está organizado de maneira que possa ser útil para professores e alunos discutirem conceitos de tempo, espaço, história e memória nas aulas de História, estendendo também para a disciplina de Estudos amazônicos.<sup>66</sup>

O material compilação de documentos gerados por meio da História Oral é voltado principalmente para uso de professores, que poderão manusear como material de apoio nas turmas de Estudos Amazônicos ( Ensino Fundamental ) e História (Ensinos Fundamental e Médio), saliento também que poderá ser consultado por pessoas da comunidade, que quiserem acessar os testemunhos da História de sua cidade, da mesma forma qualquer pessoa que tiver interesse terá acesso livre e gratuito em plataformas digitais, e posteriormente será lançado em edição impressa.

É muito difícil para muitos docentes mudarem as concepções com relação à forma de ministrar suas aulas. É trabalhoso buscar novas metodologias de ensino, pois isso depende de muito tempo de trabalho para organizar e planejar. Além do mais, diante da carga horária extensa que muitos docentes se comprometem, acaba contribuindo para a falta de interesse de alguns professores em organizar métodos que, por exemplo, trabalhem com fontes documentais orais para que os alunos possam analisá-las e juntamente com o professor construir o conhecimento de determinado fato histórico. Como caracteriza Schmitd (2017, p. 55):

Na verdade, podemos afirmar que o quadro-negro ainda persiste na educação brasileira, muitas vezes como o único recurso na formação do professor e no cotidiano da sala de aula. E é nesse contexto que podemos falar do significado da formação do professor e do cotidiano da sala de aula [...]. (SCHMITD, 2017, p. 55).<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> Estudos Amazônicos é uma disciplina escolar ofertada pela rede pública de ensino do Estado do Pará, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Ver CARVALHO, Wallysson De Oliveira. **As dificuldades encontradas na prática docente da disciplina de estudos amazônicos: uma experiência no município de Altamira- pa. Anais VII ENALIC.** Campina Grande: Realize Editora, 2018.

<sup>67</sup> Ver SCHMIDT, M. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da história. *Intelligere*, v. 3, n. 2, p. 60-76, 27 nov. 2017.

Em face do exposto no excerto acima, no processo de ensino e aprendizagem ainda é frequentemente pautado, somente na configuração do professor com aplicabilidade de métodos que ainda determinam ao discente a condição de ouvinte, de maneira que esse condicionamento causa problemas de aprendizagem pois impede o discente de construir as narrativas e refletir sobre saber histórico e os elementos que o constituem. Contudo, é necessário pensar o ensino de história numa relação mais democrática em sala de aula que ajuda a sair desse lugar de inflexibilidade no ensino de história.

Muito se discute a importância de buscar novas metodologias que valorizem a participação dos discentes que possam envolver nas discussões dos conteúdos, para exemplificar cito aulas de campo, atividades culturais, apresentação de fotografias entre outras, são de grande valia tornando em práticas exitosas que podem dar outro rumo ao ensino de história. Nesse sentido conseqüentemente haverá êxito no ensino aprendizagem quando o discente considera o conteúdo significativo e seu entendimento transcende a sala de aula.

Partindo da premissa de que a memória ela é importante na construção da identidade e da cidadania me reporto a Bittencourt (1999, p.139) quando diz no seu livro *O Saber Histórico na Sala de Aula*, que “a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais”. De acordo Le Goff (2003), a memória por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja completamente esquecido. O passado é capaz de trazer identidade e sentido, é como olhar para o museu de Jacundá e não compreender sua importância para a nossa cidade.

O material didático que proponho nessa dissertação pode ser exemplar na forma de como inserir o mais próximo os conteúdos do ensino de História e de Estudos Amazônicos para a realidade compreensível do aluno, podemos utilizar a memória para abordar a formação histórica de Jacundá e também de qualquer localidade, região ou município por meio de pesquisas que visam dar visibilidade às vivências, trajetórias e dificuldades dos grupos sociais que compõem determinada comunidade, ampliando também para uma discussão sobre conceitos de tempo, espaço, história e memória.

As memórias organizadas para o produto didático trago como sugestão para serem utilizadas, primeiramente de acordo com a temática presente no documento, a exemplo pode ser usado uma memória que fale sobre o remanejamento da cidade em decorrência de um grande projeto pode ser relacionada com a Ditadura Militar, visto que, durante esse período, foram criados diversos projetos desenvolvimentistas para o Brasil. Também, por acaso, uma das memórias trazem informações de como é viver numa cidade ribeirinha, podemos esta relacionando com a história ambiental, as memórias das benzedeadas, podemos está levantando

várias questões, sobre se ainda existem essa atividade na cidade, se eles tinham conhecimento sobre essa atividade? Enfim, muitas memórias acerca do contexto histórico podem ser destacadas pelas vivências individuais.

A análise da multiplicidade de memórias relacionadas ao conteúdo pesquisado terá o propósito de que os alunos compreendam que o conhecimento do passado está ordenado por questionamentos do presente. Diante dessas possibilidades, carecemos trazer para os discentes, indagações dos diferentes espaços de memória na cidade e de como esses espaços podem ser objeto de uma reflexão sobre sua historicidade nas salas de aula. Enquanto professores, sabemos o quão importante é a História na vida dos discentes ao pensarmos em como ela pode ser uma “disciplina fundamentalmente educativa, formativa, emancipatória e libertadora”, mas que a questão sobre o porquê e como ensiná-la “processa-se, sempre no interior de lutas políticas e culturais” (FONSECA, 2003, p. 89). Selva Guimarães Fonseca ressalta que o docente de História não atua no “vazio”:

Os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos e reconstruídos na escola por sujeitos históricos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos vários espaços. Isso implica a necessidade de nós, professores, incorporarmos no processo de ensino outras fontes de saber histórico, tais como o cinema, a tv, os acontecimentos cotidianos. [...] (FONSECA, 2004, p. 37).

Dessa forma, começaremos em sala de aula a metodologia do uso e análise de documentos que foram criados a partir das memórias produzidas através de entrevistas orais dos sujeitos sociais que colaboraram para a produção desse produto. Muito se observa ausência de determinados sujeitos do campo de análise, métodos e fontes que instrumentalizam determinadas pesquisas. A História oral, possibilita adentrar em temáticas e sujeitos pouco explorados, como aponta Marieta de Moraes Ferreira (1998, p. 14):

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA, 1998, p. 14).

Conforme a citação, o uso das fontes orais favoreceu o estudo sobre novos segmentos sociais, grupos e organizações, como objeto de análise exige, todavia, a pertinência do uso de depoimentos para a disposição das fontes de forma a estender as pesquisas para compor narrativas sobre os novos temas. Alistair Thomson (1997) aponta que o caminho para evidenciar

os sujeitos até então ausentes em determinadas fontes é viabilizado pela História oral, ou seja “[...] o esforço renovado para ligar a sofisticação teórica em torno da narrativa e memória com o compromisso político com a história dos grupos oprimidos e marginalizados, que motivou a primeira geração de historiadores orais” (THOMSON, 1997, p. 55).

É importante que tenhamos consciência de que não se trata da utilização da História oral como respaldo de conquista da “verdade” explícita nas narrativas, contudo é compreender como modelo de pesquisa que pleiteia ressignificação, solidando as suas características interpretativas dos fatos narrados, e mesmo de como foi vivenciado ou interpretado os acontecimentos de um certo grupo.

Assim sendo, o uso da História oral, contribuiu para a organização do produto pedagógico dessa dissertação, que possibilitará colocar o aluno em contato com documentos, mostrando as maneiras possíveis de interpretação e manuseio, permitindo assim, um ensino que valorize a participação autônoma dos discentes. O uso dos documentos em sala tem finalidade diversa do seu uso por historiadores que já possuem um conhecimento conceitual mais aprimorado, o professor pode utilizar essas fontes documentais para reforçar o conteúdo estudado em sala de aula, como também fator introdutório de uma nova temática a ser estudada.

Devemos ter o cuidado para não exigir que os alunos se transformem em historiadores, pois não é esse o objetivo dessa metodologia. A descrição do documento pode auxiliar os discentes a mobilizar os conhecimentos prévios sobre o tema discutido de acordo com os objetivos da aula. Outro passo é contextualizar o documento e compreendê-lo no contexto da época em que foi produzido, bem como qual interesse daquele que o produziu. E a partir dessa análise os discentes poderão ter condições de identificar os limites dos documentos e os interesses para quais foram criados. De acordo com o procedimento aplicado acredito que será um passo para que o discente possa questionar os documentos com o objetivo de construir o conhecimento histórico e realizar uma interlocução entre o conhecimento prévio e as narrativas históricas elaboradas após a análise das fontes documentais geradas pela história oral. Utilizando os documentos em sala de aula será de grande valia por se tratar neste caso das memórias de seus concidadãos que de repente pode ser algum familiar, vizinhos ou conhecidos que deixou aflorar a sua voz na produção da história da cidade compilado a partir das memórias dos mais velhos sobre a cidade.

Ressalto também que nós historiadores e professores pesquisadores devemos ter a astúcia de fazer as perguntas de maneira categórica para que possa reconstruir a memória do entrevistado da forma como havia ansiado para atender o seu objeto de pesquisa, é importante

também ouvir os relatos orais com muita paciência e sobretudo estando sempre atento para cada detalhe da narrativa, versando como fontes que devem ser questionadas e criticadas e, dessa E importante que tenhamos consciência de que não se trata da utilização da História oral como respaldo de conquista da “verdade” explícita nas narrativas, contudo é compreender como modelo de pesquisa que pleiteia ressignificação, solidando as suas características interpretativas dos fatos narrados, e mesmo de como foi vivenciado ou interpretado os acontecimentos de um certo grupo.

Assim sendo, o uso da História oral, contribuiu para a organização do produto pedagógico dessa dissertação, que possibilitará colocar o aluno em contato com documentos, mostrando as maneiras possíveis de interpretação e manuseio, permitindo assim, um ensino que valorize a participação autônoma dos discentes. O uso dos documentos em sala tem finalidade diversa do seu uso por historiadores que já possuem um conhecimento conceitual mais aprimorado, o professor pode utilizar essas fontes documentais para reforçar o conteúdo estudado em sala de aula, como também fator introdutório de uma nova temática a ser estudada.

Precisa ter o cuidado para não exigir que os alunos se transformem em historiadores, pois não é esse o objetivo dessa metodologia. A descrição do documento pode auxiliar os discentes a mobilizar os conhecimentos prévios sobre o tema discutido de acordo com os objetivos da aula. Outro passo é contextualizar o documento e compreendê-lo no contexto da época em que foi produzido, bem

Para a realização da organização do produto aqui apresentado o primeiro passo foi definir o perfil dos entrevistados colaboradores, como o meu interesse era buscar através da memória a história da cidade, dividir os grupos em antigos moradores da Velha Jacundá e antigos moradores da Jacundá atual <sup>68</sup>acerca da compreensão sobre os espaços de memória constituídos entre os anos de 1984/2021. Ressalto também que nós historiadores e professores pesquisadores devemos ter a astúcia de fazer as perguntas de maneira categórica para que possa reconstruir a memória do entrevistado da forma como havia ansiado para atender o seu objeto de pesquisa, é importante também ouvir os relatos orais com muita paciência e sobretudo estando sempre atento para cada detalhe da narrativa, versando como fontes que devem ser questionadas e criticadas e, dessa maneira buscar nos pormenores o que podem fazer a diferença para a sua pesquisa. Pollak (1989, p. 3) exemplifica, os lugares de memórias, paisagens, patrimônios arquitetônicos, tradições, práticas, costumes, folclores, datas, personagens, meios de interação, música e tradição culinária. Neste sentido, todos estes referenciais podem ser

---

<sup>68</sup> Atualmente, a Nova Jacundá fica acerca de 50 km de distância da sede da antiga, no km 88 da PA-150. Ela está na antiga Vila Arraias que surgiu ainda na década de 1970, a partir de ocupação de terras devolutas por fazendeiros.

apontados, organizados e, por que não, construídos com a ajuda da memória? Nesse sentido, Halbwachs (apud Pollak, 1989, p. 3-4) nos alerta:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.

De acordo com Pollak (1992), na entrevista de histórias de vida se tem contato com memórias individuais, mas também estão relacionadas às memórias coletivas do grupo social, ao que eles representam. Ao afirmar que a memória é coletiva, ou seja, de que ela é compartilhada, Pollack retoma os estudos do sociólogo Maurice Halbwachs (1990), de que a sociedade e a coesão social influenciam na construção, mesmo que de memórias individuais, do que o sujeito se lembra, do que ele se esquece, conscientemente ou não, como será analisado no decorrer desse trabalho.

Desse modo é comum alguns entrevistados manter em seus relatos alguns pontos invariáveis, ou seja, são como guias que norteiam suas narrativas e podem ser vistos como elementos que marcaram suas vivências de maneira significativa. Desse modo, ainda com Pollak (1992):

[...] Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (1992, p. 204).

Podemos tirar como reflexão dessa citação é que a memória atua como elemento importante para a construção da identidade individual ou coletiva, tendo em vista que concebe o sentimento de pertencimento ao lugar, a uma cultura. Nessa perspectiva é que elenco a memória registrada das entrevistas para a organização do produto didático.

A partir dessas fontes os discentes passam a ter acesso com memórias, lugares de memória, relatos de famílias, de sujeitos comuns que fazem parte da história de sua cidade e podem os considerar sujeitos históricos, melhor dizendo serve como meio para os alunos construírem suas identidades. A incumbência da utilização das memórias no ensino de história consiste em permitir que os estudantes compreendam que existe uma pluralidade de memórias relacionadas a um determinado conteúdo histórico. A partir desse entendimento os alunos podem apreender que as memórias utilizadas em sala de aula por meio da análise da história lhes dão condições de investigar o processo histórico e as vivências dos sujeitos históricos e não apenas a interpretação dos fatos históricos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 1973 lançava-se o projeto energético para Amazônia através de hidrelétricas subsidiárias da holding ELETROBRÁS (Centrais Elétricas Brasileira). Nos escritórios de Brasília, para executar o projeto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT) na cachoeira do Itaboca, criava-se a empresa estatal Eletronorte (CASTRO, 1996). O discurso “Integrar para não entregar” já estava sendo difundido durante o Governo do General Médici entre os anos de 1969 e 1974. Nesse contexto, os jacundaenses alheios ao que estava para acontecer, foram atingidos literalmente pela construção da barragem de Tucuruí.

Observou-se que os remanejados jacundaenses, ao perder a sua cidade seu modo de vida, do seu grupo de origem, se sentiram a princípio deslocados diante do choque com o desconhecido. Porém, percebe-se que foi só no início, até se adaptarem, ou pelo menos aceitarem a nova condição, a partir da qual criaram suas próprias condições de viver mesmo em situações adversas às que estavam acostumados, vivendo sentimentos de exclusões, mágoas e revoltas, construíram a sua história na Vila Arraias.

Esse estudo evidenciou que mudar de lugar para muitos não se constituía um problema, pois já haviam vivenciados processos de mudanças, de abandono da sua própria história, separação da família, de reprodução social, de fragilização psicológica e emocional, quando em busca de melhoria de vida, saíram de seu estado de origem, ou saíram de suas cidades daqui mesmo do Pará, como por exemplo, Cametá, Baião ou da cidade de Carolina do Estado do Maranhão. As lembranças reveladas com as entrevistas, conotam a reconstrução dos espaços vividos em família e conciliado com a natureza. Ressalto que as narrativas traduzem um espaço dotado de pertencimento, partindo de histórias individuais para um coletivo, principalmente quando constituem a memória dos conflitos, antes e depois da transferência de sua cidade, as dificuldades enfrentadas, e as barreiras impostas pela natureza, haja vista que viviam a margem de um rio e no meio de uma floresta.

Os sujeitos pesquisados mantêm viva e presente suas histórias, rememoram um passado bom, misterioso, de harmonia, fartura, amizades verdadeiras. Essa forma como é apresentada a Jacundá da beira do rio, é possível que seja uma tentativa de reconstituir esses espaços e de situações vividas, mas também como resistência. Considerando as relações que se desenvolvem numa sociedade podem ser harmoniosas, mas também conflituosa. A Velha Jacundá era uma comunidade, que se constituiu comandada pela floresta, um universo de saberes e experiências, onde os indivíduos traziam consigo uma trajetória e um modo de viver que lhes é peculiar. Isto

se observa por meio de costumes, tradições, crenças, rituais diversas outras maneiras de serem, que direcionados pelos rios e florestas dinamizam as suas rotinas de vida e formas de produção necessárias à sua subsistência. Diante do exposto é compreensível entender que a memória desse grupo não queira desaparecer existe uma necessidade latente de uma conexão com as experiências vivenciadas no tempo da velha Jacundá, e seus costumes não podem ser reproduzidas no espaço presente, existe um medo no inconsciente perder o elo que tens com o passado da harmonia, vida boa. Pude perceber que os remanejados jacundaenses, a experiência de viver o momento de ruptura de seu modo de viver, fez aflorar uma unidade no grupo que possivelmente se criou, ou se aproximou a partir desse remanejamento compulsório, considerando que na cidade eram heterogêneos, e para manter a memória e a imagem desse grupo, se fortaleceram nessa memória coletiva.

As perdas que sofreram a partir da transferência, são evidenciadas quando eles memorizam a vida em Jacundá e criam diversas formas para demonstrar a negação para com a atual cidade no tempo presente eles se sentem como “invasores” dentro da própria região e ao mesmo tempo “invadidos” este sentimento contraditório se dar porque além de terem perdido seu território, também tiveram que reelaborarem suas culturas, dado ao fato de que o novo espaço em sua maioria era composto por migrante estabelecidos. Assim, os remanejados construíram o tempo da Jacundá, o tempo da felicidade, onde podiam dormir de portas abertas, todos eram amigos, a fome não existia, as doenças curavam-se com ervas, ou seja, tempo da harmonia e sem conflito. Porém sabemos que nenhuma sociedade pode ser homogênea sem conflitos, devemos entender que nenhuma pessoa é igual e, portanto, os pensamentos também não são.

As marcas da expropriação do espaço passaram a fazer parte da identidade das pessoas que foram remanejadas para Vila Arraias, formando uma divisão e, ao mesmo tempo, a criação de identidades específicas entre o grupo de remanejados, considerado “invasor”, e o grupo dos arraienses, os moradores mais antigos que se consideram “invadidos”, partindo do critério da antiguidade no lugar. Essa tensão pode ser visualizada nos festejos dos santos de ambos os grupos que foram mantidas separadamente: o padroeiro oficial São João Batista é patrono dos moradores antigos e a padroeira dos remanejados é Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O encontro forçado de culturas diferentes, foi inevitável, assim como o estranhamento e a construção de barreira também entre remanejados e arraienses.

Hoje, a memória dessa Jacundá não é somente dos arraienses, mas também dos remanejados, que ressalto que apesar de ainda sentirem muita falta de sua cidade, e afirmarem que não se acostumam com o nova cidade, se emocionam quando falam sobre a velha Jacundá,

que encontra submersa, construíram laços de amizade e respeito pela Nova Jacundá, às memórias da antiga cidade se confundem com a memória da atual, isso se deu fundamentalmente pelo sentimento e compartilhamento dos lugares de memória que foram criados a partir de suas experiências e vivências sociais na nova cidade.

É notório que existia um certo estranhamento entre essas duas populações que viviam no mesmo espaço e tinham divergência de ideias em diversos aspectos.

Partir de reflexões de um lugar concreto e de sua história através das análises das memórias dos moradores de Jacundá, antes e após a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, contribuirá para reflexões pelas quais os alunos do ensino fundamental II e médio das redes públicas de Jacundá possam valorizar e compreender sua cidade de forma contextualizada e que não se dão isoladas do mundo, mas como parte dos processos históricos, refletindo sobre as identidades dessa sociedade. É válido destacar que o estudo histórico desempenha um papel importante na medida em que contempla pesquisa e reflexões que valorizam a atitude intelectual do aluno no desenvolvimento de sua autonomia para aprender, entendo que o uso do produto apresentado nessa dissertação, será de grande valia, a partir desse estudo sirva como fontes para que os discentes possam ter acesso com memórias, lugares de memória, relatos de famílias, de sujeitos comuns que fazem parte da história de sua cidade e podem os considerar sujeitos históricos, melhor dizendo serve como meio para os alunos construírem suas identidades. A incumbência da utilização das memórias no ensino de história consiste em permitir que os estudantes compreendam que existe uma pluralidade de memórias relacionadas a um determinado conteúdo histórico. A partir desse entendimento os alunos podem apreender que as memórias utilizadas em sala de aula por meio da análise da história lhes dão condições de investigar o processo histórico e as vivências dos sujeitos históricos e não apenas a interpretação dos fatos históricos.

As dificuldades em realizar essa pesquisa se deu principalmente pelo distanciamento social causado pela pandemia da Covid-19, o que dificultou o contato com os entrevistados colaboradores. Além de dificultar para colocar em prática o produto em sala de aula, devido esse problema, o produto ficou como preposição para futuramente ser usado, o que me causou a princípio uma certa frustração. Porém, ficou um aprendizado que, mesmo diante das dificuldades, podemos nos reinventar. Realizar pesquisa através da metodologia da história oral, já não é fácil por conta de muitas vezes não conseguirmos a disponibilidade de alguns sujeitos que podem contribuir para a pesquisa, ou mesmo conseguir resposta para as nossas inquietações, e no contexto pandêmico realizando reuniões via *Meet*, áudios no *WhatsApp*, tive muitos perrengues pois muitos de meus colaboradores desconhecem ou não tem, acesso à

tecnologia. Contudo, apesar das dificuldades, alguns colaboradores de boa vontade aceitaram entrevistas presencialmente, contribuindo assim para com a compilação de documentos criados a partir de suas memórias que servirá como exemplar na forma de como inserir o mais próximo os conteúdos do ensino de História e de Estudos Amazônicos para a realidade compreensível do aluno. Podemos utilizar a memória para abordar a formação histórica de Jacundá e também de qualquer localidade, região ou município por meio de pesquisas que visam dar visibilidade às vivências, trajetórias e dificuldades dos grupos sociais que compõem determinada comunidade, ampliando também para uma discussão sobre conceitos de tempo, espaço, história e memória.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p.78-114.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. Cortez editora. 2008.
- BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Reflexões sobre o ensino de História**. estud. av. São Paulo v.32, n.93. p.127- 149. 2018.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL, República Federativa do. MEC/ SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais de História**. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL, **Base nacional comum curricular**. Brasília. Senado Federal, 2018.
- CASTRO, Edna. **Políticas de estado e atores sociais na Amazônia contemporânea**. In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEJKA, Marcel. **Amazônia: região universal e teatro do mundo**. São Paulo: Globo, 2010.p.105-122.
- DEL PRIORE, Mary, **Uma breve história do Brasil** / Mary del Priore, Renato Venancio. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- DEL PRIORE, Mary. **Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino**. In. Del Priore, Mary; Bassanezi, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p.78-114.
- DIAS, L. M. **História da Antiga e Nova Jacundá**. Jacundá: [s.n.], 2013.
- ELIAS, Norbet; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. “**A Sociedade dos Indivíduos**”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 11-66.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. vii-xxv.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas, SP. Papyrus, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São. Paulo: Centauro, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia.** vol. 01. Belém: EDUFPA, 2004.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia.** vol. 02. Belém: EDUFPA, 2004.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia.** vol. 03. Belém: EDUFPA, 2004.

JOUTARD, Philippe. **Desafios à história oral do século XXI.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI.* Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 31-45.

KOSSOY, Boris. **Estética, Memória e Ideologias Fotográficas.** IN: Acervo. Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. Volume 6, Número 1. Janeiro/Dezembro 1993.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2ª edição 2000.

LE GOFF, Jacques, **História e Memória.** Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1999.

MAGALHÃES, Sônia Maria. **Lamento e Dor: uma análise sócio -antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens.** 2007. 278f: Tese (Doutorado) -Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, (PA), 2007.

MARIN, Rosa Acevedo. **Civilização do rio, civilização da estrada: transportes na ocupação da Amazônia no século XIX e XX.** *Papers do NAEA*, p.1-25, n.170, 2004.

MESQUITA, B, Thiago. FONTES, Edilza. **Na fronteira amazônica: Abel Figueredo e as memórias de uma “ditadura na floresta”.** *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, n. 16, p.155-185, jan/jul.2014.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos Lugares.** Projeto História. São Paulo, 1993. p. 9.

PINTO, Lúcio Flavio. **De Tucuruí a Belo Monte: a história avança mesmo? Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.,** Belém, v. 7, n. 3, p. 777-782, set-dez. 2012.

POLACK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** *Estudos históricos*, Rio de Janeiro vol, 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum.** In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da História oral.* 8ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral.** In: **Projeto História**, São Paulo, PUC, n.15, P.13-50, 1997.

PRESSLER, Neusa. **Econegócios e cooperação internacional: novos discursos sobre a Amazônia.** In: BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMELKA, Marcel. **Amazônia: região universal e teatro do mundo.** São Paulo: Globo, 2010.p.161-184.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História. São Paulo, vol.27, n.53, jan-jun. 2007, p.11-23.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

SANTOS, Edileuza dos. **Vila Arraias: Espaço de sobrevivência, morte e núcleo de organização na luta pela terra na PA-150 (1970- 1985).**2007. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém (PA), 2007.

SCHMIDT, M. **Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da história.** Intelligere, v. 3, n. 2, p. 60-76, 27 nov. 2017.

SÁ, Maria Lucia. M. FERREIRA, Edila. “Da farinha ao alumínio: os caminhos da modernização” In : CASTRO, Edna, MOURA Edila, MAIA, Maria Lucia Sá ( orgs). **Industrialização e Grandes Projetos : Desorganização e Reorganização do Espaço Belém:1995** Editora Universitária UFPA p. 226- 248.

SILVEIRA, Claudionor Gomes da. **Uma Cidade Submersa: memória e história de Jacundá (1915 – 1983).** Belém: Paka-Tatu, 2001.

THOMPSON.E.P. “**A economia moral**”. In: **Costumes em comum: estudos sobre a cultura tradicional.** São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória:** questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. Revista do Programa de Estudos Pós -Graduados em História do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n.15-84, abril.1997.

THOMSON, Alistair. **Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História Oral.** in: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs). **História oral: desafios para século XXI [online].** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de Migração.** Revista Brasileira de História. São Paulo. V.22, nº 44. pp. 341-364 Ano 2002.

VALENTE, Dulcirene. **A Terra da Intromissão: Experiências Sociais na remoção da cidade de Jacundá (1980-1990).** Monografia (graduação)-Universidade Federal do Pará. Centro de Ciências Humanas Departamento de História, Belém (PA), 2003.

VILANOVA, Mercedes. “**Lãs maiorias Invisíveis**”. Barcelona Editora Içaira: 1996.

## **FONTES CONSULTADAS**

### **Documentos escritos**

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. “**O grito da PA -150**”. Arquivo da CPT. pasta nº 01, ano 1980 a 1984.

### **Entrevistas**

Agripino Bendelach. (zizito) **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 12/05/2003.

Antonieta da G. da.S.Queiroz. (Cassia) **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** 19/03/2021.

Carmélia Gonçalves de Jesus. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** 19/003/2021.

Domingos Pereira Brito. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** 12/05/2003.

Erlon Souza Santos. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 20/03/2021.

Euclides da Silva Nunes. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 16/06/2003.

Gildeana C. Araújo. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 14/03/2021.

Hilda Souza. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 12/06/2003.

João Pereira Araújo. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 10/05/2003.

José Neto Cabral Filho. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 18/06/2021.

José Oliveira Alves. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 26/03/2021.

Juderi Alves Santana. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 06/06/2003.

Juliana Araújo. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 09/05/2003.

Juraci Gonçalves Caldas. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 04/06/2003.

Leda Almeida Borges. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 26/03/2021.

Leoézio Martins Dias. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 19/02/2021.

Liozina Lisboa. (Diquinha) **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 02/07/2003.

Magnólia de S. Pereira. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 19/06/2021.

Marlene Neves Veloso. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 06/07/ 2001.

M<sup>a</sup> das Graças. B.de Araújo. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 14/03/2021.

M<sup>a</sup> de São Pedro Correia. (Boneca) **Entrevista concedida na cidade de Marabá-PA.** Em 30/07/ 2003.

M<sup>a</sup> de Lourdes. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 30/06/2003.

M<sup>a</sup> Odete Valente Filho. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 20/06/2021.

M<sup>a</sup> Necir. Derze Marques. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 22/06/ 2021.

M<sup>a</sup> Oneide V. Souza. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 30/07/2003.

Ozélia M<sup>a</sup>. V. Lima. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 15/03/2021.

Ozerina Medeiros Barros. (Zelita) **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 12/05/2003.

Raimunda Gomes Queiroz. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003- 12/05/2021.

Rimair Clacine. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 15/03/2021.

Rosa Pedra Gurgel. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 01/07/2003.

Sirley Souza Santos. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 23/03/2021.

Teodorina de S. Rocha. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 01/07/2003.

Tereza Munalde. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 24/03/2021.

Zuleide M. Clacine. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 19/04/2021.

## **ACERVO DAS FOTOGRAFIAS CONSULTADAS**

**Figura 1** - acervo fotográfico pessoal de Zuleide Clacine.

**Figura 2** - acervo fotográfico da família de Nercir Derze Marques.

**Figura 3** - acervo fotográfico pessoal de Zuleide Clacine.

**Figura 4** - acervo fotográfico do Museu de História de Jacundá.

**Figura 5** - acervo fotográfico do Museu de História de Jacundá.

**Figura 6** - acervo fotográfico pessoal de Mundico.

**Figura 7** - acervo fotográfico pessoal de Mundico.

**Figura 8** - acervo fotográfico pessoal de Francisco Borges.

**Figura 9** - acervo fotográfico pessoal de Odete Filho.

**Figura 10** - acervo fotográfico pessoal de Odete Filho.

**Figura 11** - acervo fotográfico pessoal de Hilda Souza.

**Figura 12** - acervo fotográfico da família de Nercir Derze Marques.

**Figura 13** - acervo fotográfico do Museu de História de Jacundá.

**Figura 14** - acervo fotográfico pessoal de Mundico.

**Figura 15** - acervo fotográfico Museu de História de Jacundá.

**Figura 16** - acervo fotográfico do Museu de História de Jacundá.

**Figura 17** - acervo fotográfico do Museu de História de Jacundá.

**Figura 18** - acervo fotográfico de Cassia.

**Figura 19** - acervo fotográfico do Museu de História de Jacundá.

**Figura 20** - acervo fotográfico de Ozelia Maria Lima.

## **PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA**

### **PROJETO DIDÁTICO: MOSTRA CULTURAL “OS CAMINHOS PARA A CIDADE PERDIDA” – REMEMORANDO A MINHA A SUA A NOSSA CIDADE DE JACUNDÁ ( 1984- 2021)**

#### **1. JUSTIFICATIVA**

Por meio do acesso às memórias dos moradores, objetivei compor uma narrativa do passado de Jacundá. Inicialmente pensei em fazer juntamente com os discentes uma exposição que retratasse a história de Jacundá, partindo do uso do compilado de memórias, produzido nesta dissertação, pois acredito que o contato com as memórias locais proporcionaria experiências importantes pois ampliaria o conhecimento sobre a História de sua cidade. Permitindo ampliar suas perspectivas sobre o espaço e a história de Jacundá, e a reconstituição da história perdida ou esquecida de, e suas peculiaridades. Entretanto, não foi possível desenvolver juntamente com os discentes, pelo fato de que estávamos vivenciando um período pandêmico (Covid19), então deixo aqui apenas uma sugestão de atividade didática, uma amostra cultural para ser trabalhada a partir das memórias. O uso da história oral e do cotidiano é importante para que o ensino de história possa não ser apenas ao aluno como algo para dinamizar o ensino de aprendizagem, é necessário que se estude para também conhecer e tirar suas próprias conclusões sobre qualquer reflexão sobre a história da cidade. Nesse sentido concordo com Circe Bittencourt (2004);

A associação entre cotidiano e história de vida dos alunos possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história individual a uma história coletiva. Uma articulação dessa natureza requer concepção de cotidiano que não se apresente como mera motivação para o estudo do passado, selecionando as experiências amorosas de reis e rainhas ou o dia-dia de pessoas comuns ou famosas pautados por meras descrições curiosas e desligadas do contexto social da existência desses indivíduos. (BITTENCOURT, 2004, p.165)

Conforme a citação acima, o cotidiano não se faz necessário ser usado apenas por mera curiosidade, contudo, como forma de problematizar com os alunos as realidades, contextos históricos e sociais de suas histórias, de maneira que provoque criticidade transformadora no lugar em que esta inserido, ou seja Construir bases mais críticas dentro

do conhecimento histórico. Muitas cidade passam por transformações, outros vão surgindo e assim os espaços urbanos de nossas cidades passam diversas vezes por mudanças, e isso me faz refletir como as evidências do passado, ou não, podem ajudar a perceber e a conhecer a cidade, as inúmeras histórias presentes nas memórias das pessoas e que com o passar do tempo, podem se desaparecer e se perder. Então, oportunizo os meus alunos através dessa sugestão didática fazer com que eles sejam os protagonistas desse conhecimento histórico, possam perceber este passado através de fontes fotográficas, e de memórias, é de fato construir através dessas ações de valorização e respeito pela cidade que eles vivem, tendo em vista que a História de Jacundá é contada em duas fazes antes e depois da Hidrelétrica de Tucuruí e muito pouco divulgada e conhecida pelos mais jovens. Segundo PESAVENTO (2007), a cidade não é estática, portanto passiva de mudanças, nesse sentido a autora nos diz :

A cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no tempo do agora, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado. É ainda nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbe sonha a si mesma. (PESAVENTO, 2007, p. 16)

Portanto, entendo que a cidade possa ser um objeto de pesquisa, dentro de diversas possibilidades que contribui para o conhecimento – histórico e o ensino aprendizagem, buscando compreender e constituir diversos conceitos como por exemplo o conceito de tempo e suas categorias( presente, passado e futuro) lugar, memória, cidade e ensino de história. Para pensar na história Local que esta sendo proposta essa intervenção pedagógica BITTENCOURT traz a conceituação pertinentes, O que História Local ? entendo que possa haver diversas compreensões sobre o tema, mas me seguro na conceituação feita pela autora:

A história local geralmente se liga a história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importancia e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado ( BITTENCOURT, 2004, P.168)

A partir dessa afirmativa, faz sentido desenvolver o trabalho didático e pedagógico, as histórias locais, como possibilidade para com que, os alunos se percebam o seu entorno, as narrativas, as fontes, para a compreensão histórica de seu lugar, assim como no mundo. É de suma importância ressaltar que a história local é História, pois ao historicizar o homem no espaço, no tempo e no contexto se constitui com História, nem maior nem menor do que outras Histórias. Ressalto ainda que, a sistematização do projeto de intervenção didática se faz necessária seguir as diretrizes do documento norteador BNCC do Ensino Fundamental, o documento nos revela que “reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável vai muito além do acúmulo de informação (BNCC, 2018, P.14)

O trecho acima reforça a importância do educando se sentir e reconhecer-se como sujeito produtivo, analítico e crítico, o ensino de história a partir do estudo com a história local não anula o estudo sobre a história nacional e mundial, pelo contrário, ao fazer um recorte temporal e espacial, permite aos alunos uma maior compreensão sobre as relações entre o local, o nacional e o mundial. Fonseca (2009) chama atenção, que “o local é uma janela para o mundo”, para conhecer o global, os estudantes devem apropriar-se da história local, dos acontecimentos da vida cotidiana, dos homens e mulheres comuns.

O mundo está dentro das nossas casas, nas diferentes localidades. Nosso cotidiano é permeado pelas coisas do mundo. Nossos grupos de convívio são compostos por pessoas de diferentes lugares, nacionalidades, origens étnicas e culturais (FONSECA, 2009, p. 129).

Conforme esse trecho, fica ainda mais evidente a importância de fazer um trabalho pedagógico no Ensino de História com ênfase na História Local, tendo em vista que se deve considerar os relatos de como as famílias viviam, as questões econômicas, sociais, políticas e culturais que se desenvolviam ou se desenvolve na cidade. Diante do exposto é que reafirmo a importância de trabalhar com os alunos do Ensino Fundamental II 6º, 7º, 8º e 9º anos da Escola mul.de Ensino Fundamental Raimundo Ribeiro de Souza, o compilado de memórias suicitando a História da Cidade e as identidades que foram criadas na cidade. É importante atentarmos para uma reflexão porque propor história da cidade para diferentes anos? Observando que os conteúdos considerados válidos para as áreas de conhecimentos de História dirigidas as turmas de 6º ao 9º ano, nenhum considera o tema cidade como prioridade. Os conceitos históricos substantivos são específicos da História, são Revolução

Industrial, Revolução Francesa, Feudalismo, Guerra de Canudos entre outros,. Sendo assim busco trazer para o chão da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Ribeiro de Sousa o Ensino de História que contemple o Estudo sobre a história de Jacundá- Pa , a partir da memória de seus antigos moradores.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC/2018 (BRASIL, 2018), no seu texto orientativo para o ensino de história, traz contribuições importantes no sentido de romper com uma visão homogênea da produção de sentido pelos diferentes sujeitos. Ao tratar as competências para o ensino de história, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos propõe reflexões sobre o que foi cogitado pela produção do conhecimento escolar no chão da escola, destacando a importância do ensino da história local a partir dos diversos registros, entre eles as memórias como produtoras de identidade dos grupos sociais. Para romper com a visão homogênea e provocar uma visão heterogênea, busca-se observar que, no interior de uma sociedade, há formas de registros variados, e que cada grupo produz suas memórias como elemento que impulsiona o estabelecimento de identidades e o reconhecimento de pertencimento a um grupo social determinado. As memórias podem ser individuais ou coletivas e pode ter significações variadas, inserindo-se em uma lógica de produção de patrimônios (materiais ou imateriais) que dizem respeito a grupos específicos (BRASIL, 2018).

Ao falarmos das narrativas recorreremos à memória. Se o ato de narrar é próprio da condição humana, a memória por sua vez é um elemento essencial do ato narrativo, pois é ela a conexão necessária entre a narrativa, a história e a construção da identidade local. Portanto faz sentido fazer uma mostra cultural sobre a cidade para que suscite um sentimento de pertencimento ao local, e também uma consciência histórica.

## 1. OBJETIVOS

### 2.1 Geral:

- Conhecer a história da cidade e seu processo constitutivo e saber que cada indivíduo faz parte desse processo como ser ativo. Conduzir o sentimento de pertencimento e protagonismo dos educando, como construir narrativas que possa contextualizar no espaço local, regional, e nacional.

## 2.2 Específicos:

- Apresentar a cidade de Jacundá aos educandos a partir da sua história e de suas origens.
- Entender que a história local de Jacundá não esta isolada.
- Ser criativo, analítico e crítico.
- Desenvolver consciencia histórica.
- Fomentar não só um sentimento de pertencimento, mas valorizar, fortalecer as histórias e memórias dos diversos sujeitos históricos pertencentes a Jacundá.
- Identificar lugares de memória e perceber que o museu é um lugar de preservação do espaço para as futuras gerações;
- Promover a interdisciplinaridade a partir das memórias
- Culminar a amostra cultural
- Compreender o conceito de História , memória, tempo e cidade.
- Possibilitar a construção de saber histórico que seja significativo para os alunos.
- Utilizar a fotografia como uma importante fonte histórica e ferramenta pedagógica que colabora na aprendizagem.
- Utilizar o compilado memórias, Jacundá – Pa a cidade perdida : memórias emergidas 1984-2021
- Reconhecer e valorizar a importancia da fotografia como linguagem documental e artística.
- Investigar a presença de colonizadores jacundaenses na família do aluno e a existencia de documentos e outras fontes históricas que marcam a História Local.

## 2. METODOLOGIA

O projeto *OS Caminhos Para “Cidade Perdida”* : Rememorando a minha a sua a Nossa Cidade de Jacundá (1984-2021).

As turmas deverão ser divididas em quatro equipes organizadas de acordo os anos de ensino ( 6º, 7º, 8º e 9º anos).

**CRONOGRAMA: meses - Outubro e Novembro**

<b>CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO</b>								
<b>ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROJETO</b>	<b>OUTUBRO</b>				<b>NOVEMBRO</b>			
	<b>Semanas</b>				<b>Semanas</b>			
	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>
Apresentação do Projeto para os professores, coordenadores, direção e colaboradores gerais.	x							
Roda de conversa com professores de História/ Geografia/ Estudos Amazonicos/ Artes,/Portugues /Matemática e Ensino Religioso e divisão de turmas por série e escolha das temáticas		x						
Escolha das memórias do compilado que corresponde a temática escolhida pelos 6º,7º ,8º e 9ºanos			x					
Produção dos trabalhos feitos pelos alunos com a orientação dos professores conforme as áreas do conhecimento				x	x	x	x	
Culminância da Mostra cultural – exposição dos trabalhos produzidos pelos educandos em diversas formas : mural, danças, paródias, albuns, vídeos, roda de conversa, entre outras.								x

**6º ANO – TEMA: ONDE FICA O MEU LUGAR?****OBJETO DO CONHECIMENTO:**

- O município de Jacundá no contexto paraense e amazônico;

**HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:**

- Identificar e conhecer características gerais e informações geográficas explícitas em mapas sobre o espaço jacundaenses.
- Perceber-se como sujeito construtor do processo histórico local.
- Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos;

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

- Fazer mural e produzir slids com mapas geográficos de Jacundá, do Pará e do Brasil;
- Fazer uma linha do tempo com as fotografias do município de Jacundá em diferentes épocas de modo que os alunos percebam as mudanças ocorridas ao longo do tempo
- Elaboração de maquetes que representem aspectos dos espaços da cidade ( primeiro bairro) espaços de recordação ( praça, danceteria, cinemas, igrejas , escolas), em diferentes épocas.
- Fazer um varal de memória de Jacundá ainda quando era a Vila Arraias, usando o compilado de memórias de jacundá. ( sobre os bairros, formatos das casas, e ruas)
- Produzir revista em quadrinhos contando histórias sobre o rio arraias, prainha, rio Sabiá e biodiversidade dos mesmos, e a sociabilidade praticadas nesses espaços de memórias;
- Fazer cartaz com roteiro e resultados da pesquisa sobre possível presença de fundadores de jacundá na família dos alunos.

DURAÇÃO: 12 aulas

### MATERIAL NECESSÁRIO:

Computador, impressora, cartolina, papel A4, cola, tesoura, isopor, tinta, pincel, fotografias, compilado (Jacundá – PA a cidade perdida memórias emergidas), barbante, papel 40 kg , data show, celular ou gravador.

### **7º ANO – TEMA: VILA ARRAIAS ANTES DE JACUNDÁ**

#### OBJETO DO CONHECIMENTO:

- Histórico de Vila arraias

### HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:

- Conhecer o histórico do município de Jacundá, quando era Arraias
- Identificar as atividades econômicas desenvolvidas na Vila Arraias
- Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos;
- Conhecer e identificar, quando, como e por quem iniciou Vila Arraias?

### SUGESTÕES DE ATIVIDADES:

- Fazer teatro contextualizando a chegada dos primeiros habitantes e suas lutas pela sobrevivência na vila Arraias.
- Fazer mural com gráficos sobre os conflitos ocorridos por terra na Arraias de 1980 e na região Amazônica e no restante do Brasil atualmente.
- Produzir mural com texto e fotografias que apresenta a vila antes de Jacundá
- Fazer uma paródia sobre as principais doenças que assolavam a vila direcionando para a prevenção nos dias atuais (malária, hepatite e febre amarela)
- Preparar pratos da culinária que representa os estados dos migrantes que vieram “fazer” a Vila arraias. (maranhense, capixaba, baiano, mineiro, paranaense ).
- Vídeos apresentando passo a passo do preparo dos alimentos e depoimentos dos
- migrantes sobre o significado de seus respectivos pratos.
- Fazer jogo de tabuleiro interativo sobre curiosidades antigas e atuais de Jacundá.

DURAÇÃO: 12 aulas

### MATERIAIS:

Computador, impressora, Cartolina, papel A4, cola, tesoura, isopor, tinta, pincel, fotografias, compilado ( Jacundá – PA a cidade perdida memórias emergidas), barbante, papel 40 kg , data show, celular ou câmera; tampinhas de garrafas, tábuas.

## **8º ANO – TEMA: CONHECIMENTO, HISTÓRIA, TEMPO, ESPAÇO E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA**

### **OBJETO DO CONHECIMENTO:**

- Antigos moradores da Velha Jacundá e suas narrativas históricas.
- Povos indígenas de Jacundá e suas histórias presente e passado.

### **HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS:**

- Conhecer as diferentes narrativas históricas relacionadas à existência da cidade de Jacundá.
- Perceber-se como sujeito construtor do processo histórico local
- Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas).
- Compreender a história da ocupação do sudeste do Pará na versão dos povos indígenas Gavião Parkatejê e Guarani Mibya.

### **SUGESTÕES DE ATIVIDADES:**

- Fazer uma visita ao museu da história de Jacundá, tirar fotografias, dos objetos que revelam diferentes registros da história local e montar um álbum que compreenda as experiências vividas no passado e no presente. (Jacundá velha e nova Jacundá)
- montar uma sala sensorial, incluindo vídeos e áudios de antigos moradores, réplica de objetos, cheiros, sabores e texto de diversas memórias que os antigos jacundaenses guardam sobre a cidade perdida.
- Fazer uma roda de leitura, de memórias dos jacundaenses e uma oficina de produção de poesia com temas: amizade, rio Tocantins e pedrais.
- Fazer uma Caixa de memórias sobre a cidade.
- Apresentação da dança Jacundá (originada dos povos indígenas da Amazônia)
- Palestra com a cacique Maria da aldeia guarany mibya e um representante dos povos gaviões.

- Mural com as diversas maneiras de representações e periodizações de diferentes tradições urbanas e rurais: relógio, calendário, usos do tempo lunar e solar, o tempo de cultivo e coleta, caça, pesca, milênio, século, década, biênio, triênio, quadriênio; antes e depois de Cristo, Pré-história, Período Medieval, Período Contemporâneo e Atualidade.
- Montar um stand com ervas medicinais, fazer murais explicativos sobre as propriedades curativas. Trazer uma benzedeira para demonstrar o papel de cura exercida por elas.

#### MATERIAIS:

Computador, impressora, Cartolina, papel A4, cola, tesoura, isopor, tinta, pincel, fotografias, compilado (Jacundá-PA a cidade perdida memórias emergidas), barbante, papel 40 kg , slides e data show, celular ou câmera; recortes de jornais.

### **9º ANO – TEMA: OS GRANDES PROJETOS NA AMAZÔNIA**

#### OBJETO DE CONHECIMENTO

- Projeto grande Carajás; Usina hidrelétrica de Tucuruí; Albrás/Alunorte Belo monte; Construção da PA150;
- Impactos e consequências dos grandes projetos: Consequências decorrentes da construção da UHT; projeto grande Carajás; construção da PA-150; construção da usina hidrelétrica de belo monte
- A luta pela terra no período da ditadura militar.

#### HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- Identificar diferentes manifestações culturais de povos indígenas, ribeirinhas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças;
- Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas

para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação;

- Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive;
- Identificar o modo ou a forma como os sujeitos se apropriavam da terra no território amazônico brasileiro no período antes e depois da Ditadura Militar no Brasil;
- Identificar os impactos ambientais causados na Amazônia advindo das atividades econômicas desenvolvidas na região.

#### SUGESTÕES DE ATIVIDADES:

Produção de literatura de cordel, usando como base a memória da chegada da eletronorte na antiga Jacundá.

Produção de literatura de cordel , utilizando a memória da chegada dos remanejados na Vila Arraias.

Produção de literatura de cordel, utilizando a memória da “briga” dos padroeiros estabelecido São João Batista X santa remanejada N.S.P.S

Maquete reproduzindo a antiga Jacunda e da Nova Jacundá.

Teatro sobre o encontro de jacundaenses x arraienses ( contexto as diferenças culturais)

Criação de um blog com título *Por Amor a Jacundá*, (exclusivo para demonstração de amor pela cidade).

Produção de *rap* com a temáticas sobre como era viver na antiga Jacundá antes da Eletronorte.

Produção de rap com a temática crítica sobre a nova Jacundá.

Batalha de rimas com as palavras: Jacundá, memória, história, hidrelétrica e Arraias.

Mural com as vantagens e desvantagem dos grandes projetos na Amazônia.

#### MATERIAIS:

Computador, impressora, Cartolina, papel A4, cola, tesoura, isopor, tinta, pincel, fotografias, compilado (Jacundá – Pa a cidade perdida memórias emergidas), barbante, papel 40 kilos , slides e data show, recortes de jornais, cx de son, microfone

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – PROJETO DIDÁTICO**

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Base Nacional Comum Curricular. 2018.p.14

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História. São Paulo, vol.27, n.53, jan-jun. 2007, p.11-23.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

**FONTES CONSULTADAS – ENTREVISTAS**

Agripino Bendelach. (zizito) **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 12/05/2003.

Antonieta da G. da.S. Queiroz. (Cassia) **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** 19/03/2021.

Carmélia Gonçalves de Jesus. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** 19/003/2021.

Domingos Pereira Brito. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** 12/05/2003.

Erlon Souza Santos. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 20/03/2021.

Hilda Souza. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 12/06/2003.

João Pereira Araújo. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 10/05/2003.

José Neto Cabral Filho. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 18/06/2021.

Juderi Alves Santana. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 06/06/2003.

Juliana Araújo. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 09/05/2003.

Juraci Gonçalves Caldas. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 04/06/2003.

Leda Almeida Borges. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 26/03/2021.

Leoézio Martins Dias. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 19/02/2021.

Magnólia de S. Pereira. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 19/06/2021.

Marlene Neves Veloso. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 06/07/ 2001

M<sup>a</sup> das Graças. B.de Araújo. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 14/03/2021.

M<sup>a</sup> de São Pedro Correia. (Boneca) **Entrevista concedida na cidade de Marabá-PA.** Em 30/07/ 2003.

Necir. Derze Marques. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 22/06/ 2021.

Ozélia M<sup>a</sup>. V. Lima. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 2003 e 15/03/2021.

Rimair Clacine. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 15/03/2021.

Sirley Souza Santos. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 23/03/2021.

Tereza Munalde. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 24/03/2021.

Zuleide M. Clacine. **Entrevista concedida na cidade de Jacundá-PA.** Em 19/04/2021.

**APÊNDICE A – TEXTOS E DOCUMENTOS**



Jacundá a cidade  
perdida:  
memórias  
emergidas

Dulcirene Valente Neta

TEXTOS E DOCUMENTOS

- APRESENTAÇÃO..... **Erro! Indicador não definido.**
1. MEMÓRIAS EMERGIDAS..... **Erro! Indicador não definido.**
- 1.1 Apresentando a cidade perdida – Velha Jacundá ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 1.2 O Encontro e desencanto: Eletronorte e Remanejados da beira do rio .....**Erro! Indicador não definido.**
- 1.3 A água chegou e a Velha Jacundá ficou perdida ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 1.4 A dor não era só dos adultos..... **Erro! Indicador não definido.**
- 1.5 Trabalho sazonais na Velha Jacundá ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 1.6 O transporte era os barcos, canoas: o rio era a estrada ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 1.7 Nem só de trabalho viviam na velha Jacundá: diversão e religiosidade .....**Erro! Indicador não definido.**
- 1.8 Na velha Jacundá não havia Hospitais e nem um médico ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 1.9 Os povos Indígenas os Gaviões, também moravam na velha Jacundá .....**Erro! Indicador não definido.**
2. A VILA ARRAIAS ANTES DE JACUNDÁ ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 2.1 Apresentando a Vila Arraias ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 2.2 A disputa de terras na Vila Arraias: grileiro x posseiros..... **Erro! Indicador não definido.**
3. A NOVA JACUNDÁ OS SANTOS DOS ARRAIENSES X REMANEJADOS: SÃO JOÃO BATISTA E NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 3.1 A chegada dos remanejados no Arraias: agora seria imposta um novo nome – Jacundá ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 3.2 Jacundaenses e Arraienses: a nova Jacundá, a mesma cidade, culturas diferentes..... **Erro! Indicador não definido.**
- 3.2 Vários povos e uma Jacundá: Nova Jacundá, espaços de recordação e diversão .**Erro! Indicador não definido.**
- 3.3 O espaço de diversão mais citado por todos os entrevistados sem exceção: Charles Club ... **Erro! Indicador não definido.**
- 3.4 O protagonismo juvenil: Escolas ..... **Erro! Indicador não definido.**
- 3.5 Crianças na Velha Jacundá **Erro! Indicador não definido.**

## APRESENTAÇÃO

Eu tinha muita vontade de voltar para a Universidade, muitas expectativas, mas era algo muito distante, absorvida no trabalho e com outros afazeres, me distanciava ainda mais de meus sonhos. O Profhistória UNIFESSPA me trouxe a realização, unir o estudo com meu trabalho do dia a dia, então foi uma junção que para além de minha realização pessoal, também é profissional. Desenvolvi um estudo através da História Oral, a partir de entrevistas com ex-moradores da antiga Jacundá, e também com os primeiros moradores da Vila Arraia (Nova Jacundá), entre os anos de 2001 e 2021. Objetivando, refletir sobre a memória dos espaços e os “lugares de recordação” da cidade antes e depois da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, abordando também as identidades que se desenvolvem especificamente em vila Arraias.

A partir desse estudo materializou a **Jacundá-PA, a cidade Perdida: memórias emergidas**. Sabemos que o trabalho docente requer diversas estratégias de ensino que contribua ao efetivo processo de ensino – aprendizagem. Para tal, muitos recursos metodológicos são constantemente utilizados na tentativa que seja utilizada para melhor viabilizar aprendizagem.

Nesse sentido, estruturei o material num compilado de memórias <sup>69</sup>apenas com a pretensão de oferecer material de trabalho a colegas e alunos, para empregar no estudo de ensino de história( Ensino Médio/ Fundamental II ) e de Estudos amazônicos, ( Fundamental II) que sirva como material que possa fomentar um estudo mais participativo e interativo entre o aluno nas aulas de História, permitir que os discentes possam relacionar um acontecimento que seja local, regional ou nacional, bem como perceber mudanças e permanências, a partir da leitura de textos produzidas pela memória de antigos moradores de sua cidade. Sendo que também trago como proposta metodológica uma proposta de mostra cultural usando as memórias apresentadas no material textos e documentos. É importante ressaltar que, assim como tantas

---

<sup>69</sup> As memórias apresentadas escritas nesse estudo, estão escritas conforme os entrevistados falaram.

outras, a cidade de Jacundá, foi se constituindo historicamente por meio de vários embates de memórias (POLLAK, 1992). Como nos diz a Historiadora PESAVENTO (2007):

A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam (2007, p. 16)

As duas “Jacundás” que serão apresentadas nesta coletânea são: a primeira situada na beira do rio que atualmente está submersa e perdida nas águas do Tocantins do Lago da Hidrelétrica de Tucuruí; e a outra é a Jacundá atual, que para existir sucumbiu a antiga Vila Arraias que serviu para alocar a cidade perdida da beira do Rio.

A velha Jacundá era uma comunidade, que se constituiu comandada pela floresta, um universo de saberes e experiências, onde os indivíduos traziam consigo uma trajetória e um modo de viver que lhes é peculiar. Isto se observa por meio de costumes, tradições, crenças, rituais diversas outras maneiras de serem, que direcionados pelos rios e florestas dinamizam as suas rotinas de vida e formas de produção necessárias à sua subsistência. Aproveitando de todas as formas dos recursos naturais que lhes eram oferecidos, costumam afirmar que os quintais de suas casas eram uma verdadeira farmácia viva. Além disso, muitos atribuem também à natureza, a vida saudável que todos tinham e com a ausência de médicos, procuravam outros meios para se curar neste caso as benzedeadas (os), que sempre foram de grande importância nessa comunidade ribeirinha.

## 1. MEMÓRIAS EMERGIDAS

### 1.1 Apresentando a cidade perdida – Velha Jacundá

Na velha Jacundá, tinha a rua da frente que era a rua principal, nessa rua as casas eram distribuídas assim, algumas de frente e outras com o fundo para o rio, aí tinha a ruazinha que passava do lado da igreja, e a outra rua, era a que ficava a prefeitura, a caixa d'água e outros órgãos. Era muito linda a minha cidade, tudo agora está de baixo d'água sinto muita saudade de cada lugarzinho da minha cidade (Nercir Derzze, 2021)<sup>70</sup>

Eu sempre falo pros meus netos, como que eu queria que a minha cidade natal não tivesse ficado debaixo d'água, pra eu mostrar pra eles cada casa, cada porto que a gente banhava, eu sabia quem era o dono de cada porto<sup>71</sup>, porto por porto de cada pedacinho do rio. Como eu queria, eu era muito feliz, era uma liberdade era como se a gente fosse um pássaro voando sobre os pedrais, as praias, as matas, as casas, lá a gente dormia de portas abertas sem se preocupar, a gente tinha liberdade” (Ozélia Lima, abril de 2021).<sup>72</sup>

### 1.2 O Encontro e desencanto: Eletronorte e Remanejados da beira do rio

As expectativas eram muito boas, eles chegaram a fazer levantamento do tipo de alimentação que nós tínhamos como era todos os costumes nosso então havia uma expectativa muito boa, eles foram com muitos papéis em branco e com uns recortzinho de papel com o valor da indenização, vi sim, foi usado um tipo de pressão mesmo, eles falavam assim: olha o valor da sua indenização, é esse valor se você assinar, vai receber agora, se não assinar você vai receber daqui dois, três, anos esse mesmo valor” ( Euclides Nunes; 2003)

---

<sup>70</sup> Nercir Derzze, nasceu na velha Jacundá, filha do seu José Marque, um dos três fazendeiros que existia na cidade, foi professora da escola Cel João Pinheiro na antiga Jacundá, na transferência para a jacundá atual, trabalhava como secretária administrativa da Prefeitura municipal de Jacundá.

<sup>71</sup> O conceito tradicional do porto diz respeito a um local reentrante na costa do mar ou junto à foz de um rio onde podem ser fundados barcos para embarcar passageiros e efectuar operações de carga e descarga. Esse conceito foi obtido em Rodrigo Lages Pessoa e Heriberto Wagner Amanajás Pena (2017), Revistas: Ciências Sociais do Caribe Já o conceito de porto para Ozélia correspondia à beira do rio que fazia parte do quintal das casas e os donos eram aqueles que tinham suas casas com o fundo para o rio, e que também possuíam tábuas permanentes para lavar roupas e louças naquele espaço.

<sup>72</sup> Na transcrição das entrevistas foi preservado o jeito de falar dos entrevistados.

Eu era muito revoltada, era uma época da ditadura, eles faziam o que queriam, ninguém das autoridades governamentais nos ouvia, não via o sofrimento do povo o quanto o povo sofreu, as humilhações que passaram, aquele Belém apanhou muito nas manifestações que a gente fazia, mesmo na ditadura a gente fazia, ele apanhou foi prezo, muita gente recebeu represália mesmo das autoridades governamentais, eu fui testemunha ocular desde a chegada daquelas máquinas pra fazer aquela barragem. (Nercir Derzze,2021)

[...] lá era assim se você não obedecesse perdia tudo, eles não explicavam nada só mandava, e isso aconteceu com outros também, eu não esqueço quando eles voltaram ai eu tive que sair mesmo, porque era assim, a gente tinha que deixar de trabalhar na terra, toda a benfeitoria não podia ser mais aumentada, porque eles diziam que iriam pagar só até aquele dia e pronto, eu tive que sair sem olhar pra trás e ainda cedo quando eu sair da minha casa, quando eu ia na estrada ouvir o Joaquim gritando, te arranca peão! Te arranca peão! Era um sofrimento.( Domingos Araujo, 2003).

A gente tirava fotos com a plaquinha com uns códigos que significava o que a gente tinha como posses, eles falavam que casas de tábuas, tinha um preço, de alvenaria valia isso e pronto, mais as casas de jacundá a maioria era de palha, aí já viu como eles pagaram. A gente ficava até com vergonha de tirar a foto com as placas, mas era nossa futura identidade ai era o jeito, era sofrimento de mais, era revoltante, e nós não tinha a quem recorrer, era se juntar e brigar, mais nós era fraco, como podia lutar contra gigante ELETORNORTE, feita pra acabar com as nossas vidas. (MUNDICO, 2021)

Muitos de nós acabou não aceitando aquelas terras que mais parecia “o inferno”, sem água, sem estrada, o que aconteceu foi que nós tivemos que ser realmente corajoso e enfrentar a “ELETROMORTE”, lá pro Pitinga eu acho que ninguém ficou, uns abandonaram, outros venderam e assim foi, nós foi se ajeitando na beira do lago, que lá só se via gente nossa, mas que era pra ser nosso lugar mesmo, porque tinha o peixe, a caça a terra boa pra rocinha, mais hoje não tem só gente de Jacundá não, agora tem gente de tudo que é canto, pessoal compra ilha , tem gente até com carteira de pescador e nunca pegou num anzol, mas é isso mesmo, uns ganha outro perde. (JUDERI 2003).

### 1.3 A água chegou e a Velha Jacundá ficou perdida

Eu fui umas das pessoas que foi para escola Coronel João Pinheiro para ajudar, eu não sei o dia só sei que foi em 84, fomos todos pegos de surpresas, foi muito desesperador era gente chegando, a gente não tinha certeza de nada, não sabia se tinha gente morto, a única coisa era o horror que as pessoas contavam, falavam que era a coisa mais horrível, era animal morrendo afogado: porco, galinha, cachorro e a tristeza de não poder salvar os animais silvestre, a floresta foi toda tomada pelas água.( Graça Araujo.2021)

Quando em 1984 as comportas da barragem de Tucuruí foi aberta, quase que muitas pessoas iam morrendo, eu já morava em Marabá, mais muita gente não acreditava que a água chegava em alguns lugares de Jacundá, aconteceu uma tragédia, quando de repente tudo foi tomado por água, era tanto anima procurando galhos das arvores pra se proteger que você não pode acreditar pessoas em desespero, animais sendo mortos pelas águas, eles ficavam nadando de um lado para o outro na tentativa de encontrar um torrão de terra, as pessoas que estavam lá entraram em desespero, eu não vi mais eu chorava muito, porque eu sabia que a partir daquele momento eu nunca mais ia ver a minha Jacundá, eu trabalhava no garimpo, eu tinha um motor, era assim eu me virava lá, fui pra Marabá por conta de não ter um rio, o rio Arraia daqui dessa Nova Jacundá é um igarapé pra nós que tinha costume com rio. Eu sempre venho aqui porque aqui tá a maioria dos meus conterrâneo e a gente não consegue desligar dessa irmandade, eu continuo pescando os meus peixinhos no Tocantins, só que agora é em Marabá, (BONECA, 2003).

Quando abriram as comportas da barragem, eu só sentia desespero, angústias nunca mais veria a minha cidade natal, porque a cidade inteirinha ficou debaixo d'água, inundou rápido, as pessoas pegavam só o necessário, eu penso que era a imagem do dilúvio da Bíblia, mais graças a Deus pelo menos a caixa d'água ainda hoje se mantém de pé, pra provar que ali tinha uma cidade. (Nercir Derzze, 2021)

### 1.4 A dor não era só dos adultos

(...) Ai as minhas amigas umas foram pra um canto, outra pra outro, outra pra ruas longe da minha, quando cheguei aqui me sentir completamente perdida né, cadê as nossas músicas? as nossas brincadeiras? “o nosso sapatinho branco”? era uma cantiga de roda:

sapatinho branco nem todos ficam bem, sapatinho branco nem todos fica bem, só na fulana que fica bem melhor, só na fulana que fica bem melhor. Se ela já namora eu também já namorei, foi com fulano que ela se casou, teve doce, cerveja e guaraná, só que não teve foi muito convidados. Eu cheguei aqui com quatorze anos, mais ainda brincava de boneca, lá na minha amada jacundá o meu pai fazia casinha pra mim, eu tinha as minhas panelinhas, feitas de lata de leite, sardinha ai eu fritava peixe, aqueles pequenos, desde de pequena eu já sabia mexer com peixe, ai aqui nada disso tinha, as minhas amigas que moravam aqui era muito longe e outras como já disse foram pra outros canto (choro) (Zuleide Clacino, 2021).

A gente brincava muito, tinha muitas brincadeiras no rio, a gente brincava de pescador, descia o rio de bóia a gente ia descendo de porto em porto, “quebrava bolha”, era uma maneira de se divertir, a gente subia num barranco ou numa pedra bem alto, ai jogava uma pedra que ao cair na água, criava umas bolhas, a gente tinha que chegar na água antes das bolhas sumirem, era coisa de criança, mais que era algo que todos faziam” (Leoézio Nunes, 2021).

Fechar os olhos é viver parte da minha adolescência naquele rio. Brincando de “quebra bolha”, “dando pontinha”, apostando quem chegava na praia grande para pegar “azedinha”, apanhei muito de pripriooca (risos), é um tipo de mato que dava na beira do rio tinha um cheiro forte, parece que eu tô sentindo aquele cheirinho , eu banhava em tudo que era porto, era cada beira de rio era de alguém, mais era de todo mundo , é porque aquele que tinha o quintal de casa que o rio passava, sempre tinha o pedral, ai a gente chamava de porto de fulano de siclano no caso, eu banhava quase em todos escondida da mamãe ,mais eu ficava mais no da Consola, que também era nosso, (choro) falando sobre esse tempo eu não tenho como não me emocionar, bate saudades até das patacas que caiam de uma árvore que tinha la no nosso porto, era um lugar bom pra pegar mandir, pacú porque eles subiam na flor da água pra pegar as patacas, eu esquecia da vida no rio,( Zuleide Clacino,2021)

### **1.5 Trabalho sazonais na Velha Jacundá**

Eu trabalhava no garimpo, na castanha, na roça, eu plantava, banana, arroz, feijão, batata, mandioca, milho, tudo enquanto, tudo que uma pessoa plantava numa roça tinha na minha, eu também pescava, era mais pro meu sustento às vezes eu vendia (BENDELACH, 2003).

Eu trabalhava de roça com meu marido, garimpo e castanha, quer dizer no inverno era castanha no verão era garimpo, saia do garimpo ia pra roça, na nossa tinha de tudo do arroz à melancia. Há! Nós pescava também, às vezes até vendia o marisco, para aquele povo que passa de barco (Hilda Souza, 2003).

Nós tinha três fazenda, uma na Ilha das Frexeiras, outra no Come Onça e a outra na Sapucaia, nós tinha roça minha fia, tinha mandioca, arroz, milho, feijão, abroba, melancia, muitas vezes eu ia pra roça pegar abóbora, maxixe, quiabo, era grande a roça. Quando a gente a passando no caminho as vezes a gente ouvia os grunhidos da onça, era muito boa a minha vida lá em Jacundá, nos tinha tudo do açai, peixe a carne do mato. (Teodorina Rocha; 2003)

### **1.6 O transporte era os barcos, canoas: o rio era a estrada**

(...) Sinceramente eu não lembro do dia, mais eu estava num barco que inclusive tinha o nome de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, ele tava cheio de passageiros e mercadorias, chegou num certo ponto do Rio Tocantins, pois é, nós estávamos bem perto de Jacundá, aí naufrago, morreu gente de Jacundá, foi uma tristeza, mas o jeito era esse, o transporte era de barco, então tinha que confiar em Deus e também no capitão do barco." (Domingos Araújo; 2003).

Para muitos podia ser só uma escadaria, mais lá era um lugar cheio de história, na época que a castanha dava dinheiro, esse porto fervilhava de batelão, de barcos grandes, de chalanas, que trazia e levava gente, as pessoas vinha com canoas cheia de peixe, era muito lindo, era alegre, a última vez que eu vir esse porto foi 1980, quando decidir sair, do meu paraíso, falo que decidir, porque foi o dia que eu quis, mais sair porque fui obrigado, nesse dia outros contrerrâneos também estavam saindo, tinha crianças “tirando pontinha”, tudo pra eles era diversão, enquanto pra os adultos era só tristeza, eu olhei até quando não deu mais, daí, nunca mais voltei (Juderri, 2001)

### **1.7 Nem só de trabalho viviam na velha Jacundá: diversão e religiosidade**

O garimpo Bar foi um lugar que se a gente pudesse ir até ele e perguntar os segredos de jacundá, era lá que ficava sabendo, era um lugar muito movimentado e também muito

“ordeiro”, lá se sabia das histórias das cozinhas das casas, mas também de política, economia, de tudo um pouco se discutia lá, tinha sinucão, bacará (carteado) e atrás um salão de dança, tinha muita mulher tinha noite que chegava a ter mais de 50 mulher, mas lá era um cassino ,mais não era um bordel, sabe né, as mulheres saiam pra os seus quartos lá no final da rua principal, parente, eu tinha noite de vender mais de doze caixa de cerveja. Mas esse grande movimento dele foi quando o diamante era muito aqui pra essas região, mas ai foi sendo tomado aos poucos pelos balseiros, os garimpeiros começaram a trabalhar que nem escravo, trabalhava pra pagar a comida sobrava pouco, ainda tinha a castanha e outras coisa que dava renda, mais como foi na época dos diamantes nunca mais vi. Parente, era muita gente na velha jacundá, chegava gente de toda parte pra trabalhar no garimpo. Tempos bom aqueles, se eu fechar os meus olhos, ainda sinto cheiro que eu só sentia lá, é uma saudade muito grande (Juracy Caldas, 2002).

Na Jacundá velha nós começava os preparativos pra festa, no dia 23, quando já começava pegar a madeira pra fogueira, era quase uma competição, cada um fazia a fogueira na frente de suas casa, no dia 24 dia de São João, a gente reunia com os vizinhos e fazia munguzá, assava batata doce, brincava de ciranda, e geralmente na frente da igreja ou na frente do garimpo bar, fazia a quadrilha sertaneja, uns vestiam de pescador, castanheiro, de vários formas e dançava , era muito divertido, depois que acontecia a quadrilha a gente ficava nas portas pra passar a fogueira, era pra ser “primo” , “maninha”, “compadre”, “comadre”, “meu cheiro“, “minha rosa“, “ lacinho“, “primo” dentre outros.

(...) a gente ficava em roda a fogueira no meio, ai a gente ia pegava um pedaço da madeira em chamas, e passava a fogueira, a gente colocava as mãos sobre a labareda e ficava de um lado e do outro lado do fogo, ai a gente falava o seguinte “São João disse, São Pedro confirmou, fulano de tal será meu “compadre”, “comadre”, ou qualquer outro parentesco, porque Jesus confirmou”, repetia essa frase por três vezes, ai quando finalizava a gente confirmava se abraçando e gritava viva São João!! (Zuleide Clacino, 2021).

Vinha gente de todos os cantos pra o festejo, a gente fazia a procissão de Nossa senhora, que era o passeio pela cidade, a cidade era muito pequena então fazia isso, era feito um andor, ai tinha os homens do apostolado que era o seu Inácio Caetano, era o Zezé, era o seu Mimim, seu Giloca, Maneco... Era vários homens, alguns deles de branco com um laço vermelho no peito, ai tinha as mulheres também vestidas de branco identificando que era do apostolado, e ai aqueles homens, eram responsáveis pela levada da santa, ai na frente ia a imagem da santa, e atrás vinha a imagem de São José. Durante esse período do festejo tinha

casamento, batizado, a primeira eucaristia, era um momento de festa, a igreja se preparava pra isso, porque nem sempre tinha padre fixo lá, ai no festejo era certeza (Odete Filho, 2021).

### **1.8 Na velha Jacundá não havia Hospitais e nem um médico**

Eu acho que não teve uma criança que não passou pela cura de garganta que a dona Rosário fazia, eu morria de medo quando a mamãe descobria que tava com dor de garganta, era levado até ela, mas curava mesmo, a gente falava que não tava sentindo mais nada, mais ai ela tinha um jeito de descobrir, não era olhando a garganta ( risos), pasme era pelo braço, ela mandava esticar o braço, ia passando o polegar de baixo pra cima no braço, ela começava da munheca até chegar no meio do braço, aí ela ia mandando a gente engolir a saliva, se ela encontrasse um caroço que fosse grande, enquanto ela percorria o braço(...) O procedimento era assim, ela derramava num pires uma quantidade de andiroba, (...), continuando, depois que ela colocava no pires uma quantidade boa de andiroba, ai ela enrolava o dedo no algodão(...) ai ela enrolava no dedo indicador e passava o dedo naquele azeite de andiroba, era muito ruim, andiroba é amarga pior do que fél de paca, não tinha jeito a gente vomitava mesmo, mais na mesmo hora depois que a gente passava por aquilo já sentia o alívio, já até sentia fome, era interessante depois de tudo ela falava, o lado tal tá mais inflamado do que tal lado, era incrível (Zuleide Clacino, 2021).

(...) ela era uma benzedeira das boas, era só a gente sentir dor na boca do estômago, nas costas na verdade um marasmo, fraqueza mesmo podia pedir pra ela benzer que a gente ficava logo curado. Para benzer pra “arca caída” ela pegava um pano fazia num formato de uma corda, assim, ela enrolava o pano e mandava a gente levantar o braço, ela pegava colocava o pano enrolado assim em duas partes, ai media o braço esquerdo, ela colocava uma ponta do pano do dedo mindinho ao cotovelo, fazia isso duas vezes, ai ela sabia o tanto que a arca tava caída, porque nessa medição ela ia rezando e ia olhando na medida que a ponta do pano aumentava, representava era o espaço da arca caída, ai depois ela mandava ficar com os dois braços pra cima ai colocava o pano de maneira que ela ia enrolando o pano como se estivesse espremendo só que era no corpo da gente, o pano ficava bem abaixo do peito, conforme ela rezava, ia apertando, mais e mais o pano, quando finalmente ela terminava pegava o pano e media de novo o braço, se ficasse sem sobrar nada ela dizia que a gente tava curado, caso sobrasse tinha que voltar no outro dia, parece mentira mais ficava bom mesmo, ela era uma mulher magrinha mais não sei como ela tinha força pra fazer aquilo, ai ela usava o punho da

rede, ela mandava se enrolar ,conforme ela ia rezando a gente ia apertando. Ela era uma mulher cheio de mistério, ela foi embora pra Tucuruí, morreu pra lá mais nunca morou aqui, vinha só buscar o aposento aqui, mas depois que transferiu, vinha só pra ver os conterrâneos (Juracy Caldas, 2003).

Ele não tinha família de sangue lá em Jacundá, mais era como se tivesse todos era amigo dele, ele era um homem bem pretinho que chegava ser azulado, era muito trabalhador, trabalhou muito no garimpo, mais a atividade que ele ficou até a gente vir pra cá foi a extração da castanha, eu mesmo presenciei algumas vezes ele rezar pra acabar com incêndio, de uma das vezes, acho que em 1977 foi quando pela última vez os índios gavião botaram fogo nas casas, as vezes acontecia isso, os índios botava fogo nas casas a noite, era eles porque eles deixavam as marcas, eles colocavam numa casa e noutra não, pra gente saber que não tinha sido acidente, que tinha sido eles , pois lá em Jacundá quase todas as casa eram feitas de taipa e coberta de palha ou toda de palha, era muito fácil queimar, a cidade toda acordava, se o fogo se alastrasse as pessoas pegavam os seus pertences e colocava no meio da rua, dessa vez eles começaram o fogo na parte de baixo, lá pra onde ficava o campo, o fogo vinha queimando tudo, foi obrigado irem atrás do Maneco, ele tinha tomado umas cachaças , mais deu conta do recado, ele pegou uma vara verde e ia rezando , e o fogo que vinha comendo tudo foi parando (CALDAS, 2003).

Se você se cortasse, podia pedir pra o Maneco rezar que dava certo, depois que ele rezava, queimava um pedaço de algodão e coloca em cima do ferimento, queria ver sair sangue (CALDAS,2003)

### **1.9 Os povos Indígenas os Gaviões, também moravam na velha Jacundá**

Meus filhos, tava tudo pequeno quando fiquei viúva, meu marido morreu matado pelas flechas dos índios, ele ficou tão flechado que não dava nem pra reconhecer, eles colocaram flechas em tudo que é quanto dele (JULIANA Costa,2003)

## 2. A VILA ARRAIAS ANTES DE JACUNDÁ

### 2.1 Apresentando a Vila Arraias

Antes mesmo da PA 150 ser feita, nós já nos acomodava tudo por aqui no arraia, hoje a onde é a Avenida Cristo Rei, costumei encontrar tatu, jaboti, isso aqui era só mato. A gente andava nos caminhos feitos a facção, era realmente mata, próximo a onde hoje tem o posto Shel e a rodoviária tinha um rio, costumei pescar por ali, a gente andava de canoa, quando passo por esses lugares parece até mentira que ali já foi um rio, acho que era um braço do Rio Sabiá, que hoje também não presta pra nada, por último agora tem é um lava jato bem em cima dele (José Cabral, 2021).

Chegamos aqui ainda em 1970, meu pai veio primeiro depois foi nos buscar, viemos de pau- de- arara do Espírito Santos, meu pai comprou terra primeiramente pra os lados Mururu, até hoje eu tenho muitos parentes lá, mururu nos dias atuais é uma vila de Ipixuna do Pará. Em busca de vida melhor viemos para o Pará, aqui pro Arraias viemos em 1975, aqui quem morava era gente que queria realmente ter alguma coisa, fazíamos a nossa rocinha, construíamos as nossas casas e ruas, aqui tudo era difícil, não tinha nada, o que tinha mesmo era malária, e pessoas brigando por terra. (...) aqui acontecia de tudo, a gente sempre dizia que aqui em jacundá de manhã jacundá, de tarde já com frio e de noite já com Deus, a malária matava igual hoje a covid ta matando (CABRAL, 2021)

Quando chegamos em 1977, muitas pessoas vinha pro Arraias, se aventurando, por que tinha que ter coragem pra enfrentar, meu pai comprou uma terrinha pra meu marido e eu, o Antônio veio primeiro, fez um barracinho coberto de palha, as dificuldades era muito, começamos a nossa luta, aqui quando chegamos já tinha uns conhecidos, os Gomes, zé Gomes, João Gomes, e chico mineiro, as estradas eram péssimas , quando chegava o inverno a gente ficava isolado, teve época em que para o alimento chegar até a nós precisava de vir de avião. Além das dificuldades com transporte, falta de hospital, não tínhamos energia, escola, a malária dominava por aqui, todos os dias morria gente de malária. Quando o pessoal da velha jacundá chegou à gente estranhou muito, os jeitos que faziam festas da padroeira, depois que acabaram com as desavenças do padroeiro achei bom, eu até acho que aqui melhorou muito com a chegada deles, porque teve um desenvolvimento melhor, mas aqui era um lugar de gente de todos os lugares, que vinha se aventurar, vinha em busca de melhoria de vida (Tereza Munalde, 2021).

A Economia de Jacundá era basicamente as serrarias, agricultura, aqui se plantava muito arroz, aqui se você visse na época de 1980, era cheia de usina de arroz, porque todo agricultor plantava arroz. Mas as serrarias era as primeiras da economia, tinha madeireiro pra todo lado era muitas serrarias mesmo, praticamente os homens da cidade trabalhava com retirada de madeira, quem não trabalhava diretamente na mata tirando madeira , trabalhava nas serrarias, eu acho que era o que mais dava dinheiro aqui naquele tempo, dava dinheiro, mas também todo dia a gente sabia que tora de pau tinha caído em cima de alguém, e sempre morria, não tinha jeito ( Tereza Munalde, 2021)

## **2.2 A disputa de terras na Vila Arraias: grileiro x posseiros**

Eu tinha uns dez anos quando um certo dia, o meu pai foi surpreendido pelo XXX<sup>73</sup>, que exigiu que ele saísse da terra que ficava lá pra moram, fica aproximadamente uns trinta quilômetros de Jacundá, por que aquela área era dele, aí meu pai veio pra cidade, quando ele voltou o barraco tinham sido queimado. Meu pai não se intimidou, e fez novo barraco ,aí numa certa noite ele(XXX )chegou com os capangas armados e falou que ele tinha sido bom por ter queimado somente o barraco que da próxima vez ele não teria mais a mesma piedade, foi aí que meu pai resolveu buscar ajuda com os militares, porque a terra do meu pai foi doada pela aquele incentivo de povoar, e os militares ficavam numa espécie de quartel lá no zero, foi aí que meu pai denunciou e o exercito veio com ele, quando eles chegaram havia correntes em todas as cancelas, e o exercito ia quebrando, e foi até o XXX, e falou que se acontecesse qualquer coisa com um de nós ele e o outro fazendeiro grileiro seriam culpabilizados, vivemos lá mais sempre assustado ,fomos poucos dos que resistiram.( Claudiana Canela, 2021)

---

<sup>73</sup> Para preservar a minha colaboradora, preferir substituir o nome pelo XXX tendo em vista que ainda hoje os familiares do fazendeiro latifundiário residem na cidade de Jacundá, o mesmo faleceu no ano de 2019 por complicações da enfermidade causada por queda de um animal.

### **3. A NOVA JACUNDÁ OS SANTOS DOS ARRAIENSES X REMANEJADOS: SÃO JOÃO BATISTA E NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO**

Quando o padre Jean Carlo veio aqui pro Arraias e conversou com o padre Paulo, ele ficou sabendo que a nossa santa não seria a padroeira na nova sede do município, ai quando ele retornou a Jacundá viu o nosso entusiasmo da nossa santa como padroeira, ele teve que revelar que aqui no Arraias não teria mais lugar pra Ela, ai ele falou que precisávamos conversar com o padre Paulo, pois ele dissera que no Arraias já tinha padroeiro, ficamos desesperados, como aceitar uma coisa dessas? Se nós íamos transferir a nossa cidade e a padroeira não podia? O padre Franco falou que tínhamos que lutar e não aceitar em hipótese alguma perder a nossa padroeira, já o padre Jean Carlo era mais moderado, dizia olha vão com jeito “santo não briga”, ai eu mobilizei um grupo e viemos aqui pro Arraias conversar com o padre, mas ele nos tratou mal, e disse que quem cuida de Igreja é padre, e nós tínhamos que cuidar da nossa vida, quando voltamos fizemos uma reunião e pedimos pra o prefeito que precisaríamos conversar com o governador, ele veio, mais saiu voando, a primeira coisa que ele fez foi mandar todos abaixar os cartazes e faixas, é, nós tínhamos feito cartazes pedindo providências, abaixamos. Só ele, e um representante da Eletronorte falou, naquele tempo era o tempo da ditadura, só eles tinham voz e vez. (DERZE, 2021).

Quando trouxemos a nossa padroeira... A nossa senhora do perpétuo socorro, nesse dia foi um dia lindo, o povo da velha Jacundá foi esperar a imagem na avenida cristo reis, soltamos fogos, rezando e cantando. Mas ela chegou como nós, tendo que lutar por um lugar ao sol, o padre não aceitou, porque dizia que aqui em jacundá já tinha padroeiro, só restou para nós colocar a imagem numa casa da Incobal, mas mesmo sem ter quem nos orientasse, formamos uma comissão e organizamos o primeiro festejo da nossa senhora do perpétuo socorro, os arraienses acharam estranho do jeito que a gente fazia a nosso festejo. Era doze dias assim como fazíamos na antiga Jacundá, era na verdade noite e dia sem parar, trouxemos a aparelhagem flamengo e fizemos barraquinhas ao redor do que seria a nossa futura igreja, fizemos primeiramente o barracão da Santa, era o local onde a gente fazia as festas, fazíamos leilão, muita cerveja e dança, na parte da manhã ou às sete horas da noite, tinha as rezas depois era a festa até o dia raiar (DERZE, 2021).

As celebrações ocorriam sempre às sete horas da noite, a festa em si que as famílias se reuniam, aconteciam apenas três dias isso dependia também do dia que caía o dia de São João, geralmente quando caía na sexta, então a quermesse acontecia sexta sábado e domingo, ai se fazia bingo, geralmente os prêmios eram doados pela comunidade, tinha a barraca de pescaria, comidas típicas, vendia cerveja também, mas sem dança, era só brincadeiras, pau –de –sebo, correio elegante, e as quadrilhas que não podiam faltar, sempre era muito bonitas. No domingo acontecia o churrasco do almoço de São João, basicamente todas as famílias iam para o festejo, a festa do padroeiro sempre foi um acontecimento na nossa cidade, e inclusive ainda hoje é uma data muito comemorada. Também se fazia fogueira na frente das casas, mais isso mudou muito porque a gente não pode mais ficar fazendo fogueira, agora ficou perigosa essa tradição. (Tereza Munalde 2021).

### **3.1 A chegada dos remanejados no Arraias: agora seria imposta um novo nome – Jacundá**

Não houve resistência dos moradores de Arraias no que se refere à transferência dos jacundaenses para a vila Arraias, “o povo de Arraias recebeu os moradores [de Jacundá] com braços abertos com vontade de entrosamento”. Contudo houve conflitos um deles ocorreu devido o espaço onde a Eletronorte escolheu para construir as casas pré-fabricadas, destinadas aos remanejados já estava ocupada pelos migrantes- posseiros onde havia construído o Bairro São Francisco. Ocorreu que a Eletronorte auxiliado pela GETAT<sup>74</sup> exigiu que o espaço fosse desocupado (SANTOS, 2005, p. 108).

Quando chegamos aqui, além de não termos rumo pra nada, às casas que nos prometeram já estava ocupada, as terras eram no pior local, seca e com muita piçarra, e o conflito com os grileiros era muito, nós não tinha nenhum preparo para essa nova vida, algumas coisas achei bom, mais a maioria das coisas não competia a nós que vivia na beira do rio, tudo aqui tinha que comprar, nos vimos presos como pássaro na gaiola, e muitos nem “gaiola” tinha, porque o dinheiro que deram pra comprar as casa, pra quem não ganharam, ficaram sem poder comprar, porque tudo ficou caro, hoje eu penso nós fomos muito besta, deveríamos ter invadido

---

<sup>74</sup> - O Grupo Executivo das Terras do Araguaia- Tocantins (GETAT) foi criado através do Decreto- lei nº 1.767, de 1º de fevereiro de 1980, com a finalidade de coordenar, promover e executar as medidas necessárias à regularização fundiária no Sudeste do Pará, Norte de Goiás e Oeste do Maranhão, nas áreas de atuação da coordenadoria Especial do Araguaia- Tocantins, criada na forma do disposto no artigo 1º do Decreto- lei nº 1.523, de 3 de fevereiro de 1977. Fonte: Biblioteca do IBGE

as casas que diziam ser pra nós, a gente tinha que se impor. Mais não, nós era muito ordeiros e parecia que esse lugar não era nosso, o pessoal de fora <sup>75</sup>era que mandava (VELOSO, 2001).

### **3.2 Jacundaenses e Arraienses: a nova Jacundá, a mesma cidade, culturas diferentes**

Na minha Jacundá os padres faziam batizados, casamentos, rezava o terço, essas coisas que a gente esperava da Igreja, quando chegamos aqui, tudo era diferente, os padres só se preocupavam em falar de política, e luta pela terra, não tinha como frequentar a São João Batista” (JURACY CALDAS, 2001).

A Igreja, nos auxiliava nas orientações de organizações de luta era um momento difícil, era período da ditadura e com os religiosos todos se sentiam mais protegido, eu garanto que com eles o povo tinha mais consciência, era um trabalho de base mesmo, quem participava ativamente das reuniões acabava tendo uma consciência de luta muito grande, muitos tinham pouca leitura, mais tinha uma consciência política, que poucos estudado tem (BARDINE, jul. 2021).

Quando chegamos em 1977, muitas pessoas vinha pro Arraias, se aventurando, por que tinha que ter coragem pra enfrentar, meu pai comprou uma terrinha pra meu marido e eu, o Antônio veio primeiro, fez um barraquinho coberto de palha, as dificuldades era muito, começamos a nossa lutas, aqui quando chegamos já tinha uns conhecidos, os Gomes, zé Gomes, João Gomes, e chico mineiro, as estradas eram péssimas , quando chegava o inverno a gente ficava isolado, teve época em que para o alimento chegar até a nós precisava de vir de avião. Além das dificuldades com transporte, falta de hospital, não tínhamos energia, escola, a malária dominava por aqui, todos os dias morria gente de malária. Quando o pessoal da velha jacundá chegou à gente estranhou muito, os jeitos que faziam festas da padroeira, depois que acabaram com as desavenças do padroeiro achei bom, eu até acho que aqui melhorou muito com a chegada deles, porque teve um desenvolvimento melhor, mas aqui era um lugar de gente de todos os lugares, que vinha se aventurar, vinha em busca de melhoria de vida (Tereza Munalde, 2021).

---

<sup>75</sup> essa era forma que muito dos remanejados se referiam aos migrantes, por vezes os chamam de “pessoal de fora”, “os baianos”, “maranhenses”, “paranaense” e “gaúchos”.

### **3.2 Vários povos e uma Jacundá: Nova Jacundá, espaços de recordação e diversão**

O rio Arraias, a prainha, a prainha lá no rio Arraias, lá era magnífico, parecia realmente uma praia, era o ponto de encontro de todos os amigos, eu ia com meu esposo, a gente reunia um grupo de amigos, e a muitas vezes nós chegávamos lá de uma forma diferente, porque a gente descia nadando desde lá do porão, que fica atrás da subestação, e a gente reunia um grupo de amigos, ai descia nadando, meu esposo e os homens eles iam pescando, eles tinham tarrafas, e ele pescavam também alguns caris nas locas nas laterais do rio, e nós mulheres íamos descendo nadando, segurando alguns paus que tivesse no meio meio do rio saíamos de manhã cedo e chegávamos meio dia nessa aventura toda, lá tinha tipo umas passarelas que ligava um ilha a outra, ai tinha os quiosques e muita gente tomando banho naquela agua limpa e muito gelada, porque o rio arraia sempre foi muito gelada (LEDA BORGES, 2021).

(...). Era muito difícil trazer os filmes pra cá, às vezes ele levava três dias na estrada de Marabá pra cá, porque a estrada era ruim, os carros ficavam atolados ai vinha caminhando trazendo nas costas os rolos de filme. Quando ele chegava em Jacundá vixe! Quando anunciava nos carros de som, era uma fila enorme de gente pra assistir, às vezes era preciso fazer três sessões, tudo era muito dificultoso, ai depois quando foi melhorando pra frente, ai chegou à energia, ai diminuiu os negócio do cinema, porque algumas pessoas compraram tv, e começou aparecer outras novidade, mas até 1997 nós ainda tinha o cinema (CASSIA, 2021).

Quando nós chegamos aqui, me surpreendi com o cinema, uma cidade sem energia mais tinha um cinema, isso foi maravilhoso, eu era frequentador de todos os domingos, a minha família tinha vindo de Campos no Rio de Janeiro, já conhecia cinema, eu nem acreditei quando eu cheguei aqui, o primeiro filme foi a Igrejinha da Serra, até os atores vieram pra vender um monte coisa que era referente ao filme, até monóculos eles venderam com fotos do filme, jacundá tinha muito local bom, apesar das dificuldades, aqui faltava tudo, menos diversão (RIMAIR, 2021).

### **3.3 O espaço de diversão mais citado por todos os entrevistados sem exceção: Charles Club**

O Charles Club, lá acontecia as melhores festas, sexta-feira abria, era muito bom, a gente saia da escola e ia direto pra lá, as músicas tocava de tudo, logo no início tocava discoteca,

rock brasileiro e internacional, e depois tocava música lenta, romântica pra gente dançar agarradinho com aquela pessoa que muitas vezes a gente estava afim (Sirley Santos, 2021).

No Charles Club encontrei o amor da minha vida, a gente ia aos domingos, porque naquele tempo funcionava a matinê para os de menor, começava às três horas da tarde, e só acabava no caso para os de menor às sete horas da noite, dançávamos tanto que saíamos encharcados de suor daquele lugar, tenho até hoje saudades (Leda Borges, 2021).

Eu lembro das festas de carnaval, a gente se fantasiava e pulava as quatro noites, cada dia a gente inventava uma fantasia, namorei muito ali, mas também chorei, porque às vezes a gente pegava de surpresa o gatinho da gente dançando agarradinho com alguma garota, aí já sabia que o beijo rolava (risos) (Magnólia S. Santos, 2021).

### **3.4 O protagonismo juvenil: Escolas**

Aqui em Jacundá era somente uma escola que funcionava. Quer dizer um prédio, por que na prática, num mesmo prédio funcionava três escolas, a única que tinha o Prédio próprio era a Escola Municipal Deputado Raimundo Ribeiro de Souza, as outras duas era as que tinham na Velha Jacundá, funcionavam dentro desse prédio, distribuídos em horários diferentes, inclusive funcionava um horário intermediário, era assim: das sete as onze, das onze e quinze as três e quinze às seis e meia, e das dezenove as vinte duas e trinta, a energia era de motor (Magnólia, 2021)

No momento que iniciou o fogo na escola Raimundo Ribeiro, ficamos todos desesperados, foi uma noite de medo porque não sabíamos o que iria ocorrer, depois desse incêndio fomos transferidos para uma outra escola que a Eletronorte foi muito rápido pra montar, era daquele material pré-fabricada, era de madeira igual às casas que eles tinham feito pra o pessoal de jacundá velha, ai essa escola passou a ser o Teotônio Apinagés, dizem que a diretora do coronel João Pinheiro na época era a dona Aida Sanches, ela não aceitou a escola de papelão como muitos chamavam, exigiu que fosse do jeito que era na Jacundá toda de alvenaria, ela tinha apoio de muita gente importante, ai juntamente com o povo de jacundá, foi todo mundo mesmo exigiram do prefeito que tomassem providência, ai os alunos do coronel, mesmo não tendo prédio passaram a estudar junto com os alunos do Teotônio em horários diferentes, do mesmo jeito que funcionava anteriormente lá no Raimundo Ribeiro. A Eletronorte se comprometeu de construir depois as duas Escolas, aí seguimos estudando na escola que ela montou pra atender as necessidades naquele momento (Sirley Santos, 2021).

### 3.5 Crianças na Velha Jacundá

Destaco aqui a fotografia que registra e significa um futuro talvez esperançoso, mas também incerto. Isso porque essa imagem é de parte das crianças que seriam remanejadas da Velha Jacundá, foi um registro de despedida e também para mandar para as autoridades da época, era um pedido de socorro, mas não sensibilizou as autoridades e a Eletronorte cumpriu o seu papel, trazer o progresso energético sem muitas preocupações com as populações ribeirinhas, tradicionais ou com a fauna e a flora. Essa fotografia é carregada de emoção, conheço grande parte dos sujeitos que estão registrados nesse momento tão peculiar, para essas crianças e pré-adolescente também havia o medo, as incertezas que os adultos externavam, eram compartilhadas por eles internamente. Contudo muitos deles agora adultos que ainda convivem aqui em Jacundá, tem o sentimento pela velha Jacundá, trazida pela herança dos pais e dos mais velhos, expressam um imenso carinho pela Jacundá atual, esses misturam o sentimento, ao mesmo tempo que sentem lembranças felizes de seu lugar de nascimento, hoje também nutrem sentimentos de pertencimento a Jacundá atual.

Crianças na Velha Jacundá, futuras remanejas em frente à Igreja do Perpétuo Socorro, 1978



FONTE: Acervo Pessoal de Nercir Derze Marques ( 2021)